



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

HELIDIANE CÉLLY NEVES

**O (PAC)TO PARA SEGUIR MUDANDO O BRASIL. DA RUPTURA À
INFRAESTRUTURA; COMO ALICERCE, LULA: ANÁLISE DO DISCURSO DO
PROGRAMA ELEITORAL DE DILMA ROUSSEFF NAS ELEIÇÕES 2010**

**CAMPINA GRANDE – PB
JULHO DE 2012**

HELIDIANE CÉLLY NEVES

**O (PAC)TO PARA SEGUIR MUDANDO O BRASIL. DA RUPTURA À
INFRAESTRUTURA; COMO ALICERCE, LULA: ANÁLISE DO DISCURSO DO
PROGRAMA ELEITORAL DE DILMA ROUSSEFF NAS ELEIÇÕES 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito
para a obtenção do Título de Bacharel em Comunicação
Social - Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Dr. Moisés de Araújo Silva

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
JULHO DE 2012

N511p Neves, Helidiane Célly .

O (pac)to para seguir mudando o Brasil, da ruptura à infraestrutura; como alicerce, Lula: análise do discurso do programa eleitoral de Dilma Rousseff nas eleições 2010. [manuscrito]. / Helidiane Célly Neves. - 2012.

107f.: il. Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Prof. Dr.. Moisés de Araújo Silva. Departamento de Comunicação Social”.

1. Eleições 2010 2. Dilma Rousseff. 3. Discurso Político. I. Título.

21. ed. CDD 324.7

HELIDIANE CÉLLY NEVES

**O (PAC)TO PARA SEGUIR MUDANDO O BRASIL. DA RUPTURA À
INFRAESTRUTURA; COMO ALICERCE, LULA: ANÁLISE DO DISCURSO
DO PROGRAMA ELEITORAL DE DILMA ROUSSEFF NAS ELEIÇÕES 2010**

Aprovada em: 09/07/2012

Nota: 10,0

Comissão Examinadora:

Moisés de Araújo Silva

Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva - UEPB
Orientador

Maria de Fátima Cavalcante Luna

Profª. Ms. Maria de Fátima Cavalcante Luna - UEPB
Examinadora

Leonardo da Silva Alves

Prof. Esp. Leonardo da Silva Alves - UEPB
Examinador

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
JULHO DE 2012

AGRADECIMENTOS

À Deus, pois sem Ele nada seria possível;

Aos meus pais (Edijalma e Elizabete) pelo apoio e dedicação e, principalmente, por lutarem pela minha educação. À minha querida avó materna (Balbina Evaristo) que se sente orgulhosa pela minha conquista;

Aos meus irmãos (Jones, Eudes, Djalmir, Glaucilene) por terem me ajudado e contribuído com a minha formação pessoal e profissional, e por acreditarem na minha capacidade;

Às amizades sinceras que conquistei durante a caminhada da vida. Em especial à Alba Rossana e Juliana Santos que de forma simples conquistaram um espaço de destaque no meu coração e me ajudaram com palavras e sorrisos. Ainda à turma 2007.2 que dividiu 4 anos comigo; especialmente à: Ana Goretti; Andrea Batista; Fernanda Nunes; Gilbran Kalil; Luana Herdeiro; Manassés Xavier; Maria Luziane; Pollianny Alves; Silvio César, que me fazem acreditar que apesar da distância é possível continuar com uma grande amizade;

Ao meu namorado Robson Agra que pôde acompanhar minhas lamúrias na composição desta pesquisa, mas que prontamente me desafiava para prosseguir;

Agradeço ainda a todos os professores que foram responsáveis pela minha formação enquanto pessoa e profissional. Porém de forma especial à meu professor e orientador Moisés Silva, por ter se dedicado de forma firme a esse trabalho e tido paciência com os meus questionamentos sobre os textos e sobre a vida. À Leonardo Alves (Léo) e Fátima Luna que prontamente aceitaram meu convite para fazerem parte da banca examinadora, mas que acima disto, me ensinaram com suas simplicidades que a grande lição a ser aprendida é sermos humildes e ao mesmo tempo nós mesmos. E, também, de uma forma carinhosa, ao meu querido professor Gilson Solto Maior por acreditar em meu potencial e me dar forças nessa caminhada;

A todos os meus orientadores de estágios que me trataram como profissional e como amiga, dizendo onde estava errando ou acertando, mas de forma especial à Jany Trancoso e Edna Santos, Jornalistas da Embrapa Algodão, que me possibilitaram uma grande gama de conhecimento e me ajudaram a trilhar por um belo caminho. Como também a todos os amigos que conquistei nesta empresa durante os 10 meses de estágio realizados;

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a construção dessa monografia, que dividida em 3 partes, se transformou em um grande capítulo na minha Vida.

Deixo com vocês meu “Muito Obrigada!”

A educação faz um povo fácil de ser liderado, mas difícil de ser dirigido;
fácil de ser governado, mas impossível de ser escravizado.

Henry Peter

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o discurso político de Dilma Rousseff enquanto candidata à Presidência da República do Brasil nas eleições 2010. Para tal selecionamos como *Corpus* do nosso trabalho o Programa Político, apresentado pela candidata, dentro do Horário Eleitoral Obrigatório da coligação “Para o Brasil Seguir Mudando”, veiculada na TV. Mas o processo de coleta se deu através do *site* de relacionamento *youtube*, visando a facilidade na propagação e no acesso do conteúdo objetivado. Escolhemos como metodologia a escola francesa da Análise do Discurso, pois entendemos que a AD é responsável por investigar as entrelinhas de um dado discurso e a partir daí identificar o dito e o não-dito, além de conhecer os efeitos de sentidos que se baseiam em um processo sócio-histórico-cultural. Optamos por analisar o discurso de Dilma Rousseff, por observar a possibilidade da eleição da primeira mulher presidente na História do Brasil e, por considerar a vantagem que a candidata tinha em relação aos seus adversários, em sua maioria homens, pois contava como principal cabo eleitoral, Lula, considerado o presidente mais popular do país. Além disso, esta monografia se justifica por tentar conhecer como Dilma se portava diante às eleições, qual o discurso assumido por ela e qual o personagem espetacular que ela se vestiu para desconstruir a imagem de mulher autoritária, arrogante. A pesquisa em questão concluiu que o discurso mais usado por Dilma na campanha coloca, Lula, como lastro de credibilidade e sustentação ao que era pronunciado por ela. Concluiu também que o sucesso, considerado pelo PT, dos programas sociais, em especial do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento - foi determinado a partir da coordenação de Dilma. E, por fim, vimos dentro dos programas analisados, a exaltação do crescimento infraestrutural e econômico que aconteceu no Brasil durante os 8 anos do governo Lula.

Palavras-chave: Eleições 2010. Dilma Rousseff. Discurso Político

ABSTRACT

The present research had as objective analyzes Dilma Rousseff's political discourse as a candidate Presidency of Republic of Brazil in elections 2010. For such we selected like Corpus of our work the Political Program, presented by the candidate, inside of Free Electoral Propaganda colligation: "To Brazil Go Changing", aired on TV. But collection process occurred through youtube relationship site, seeking the easiness in propagation and in access of aimed content. We chose as methodology the French school of Analysis of discourse, because we understood that AS is responsible to investigating implied sense of certain discourse and since then identifying "said and unsaid", besides knowing the effects of senses that base on a social-historical-cultural process. We opted to analyze Dilma Rousseff's discourse, due observing the possibility of first woman president's election in History of Brazil and, due considering advantage that candidate had in relation to your opponents, in their majority men, because she counted as main canvasser, Lula, considered the most popular president of country. Besides, this monograph is justified for trying to know like Dilma behaved before elections, which discourse assumed by her and which spectacular character she got dressed to deconstruct authoritarian and arrogant woman image. Research in subject concluded that discourse more used by Dilma on campaign places Lula as credibility ballast and support to that was pronounced by her. It was also concluded that success, considered by PT, of social programs, especially of PAC - Growth Acceleration Program - was determined starting from Dilma coordination. And, finally, we saw inside of analyzed programs, exaltation of infrastructure and economical growth that happened in Brazil during Lula's 08 years government.

Keywords: Elections 2010. Dilma Rousseff. Political Discourse

SUMÁRIO

Introdução	07
Capítulo I	
1 - Espetáculo e Personalização do Poder	11
1.1 - Hoje Tem Espetáculo?	11
1.2 - Personagens do Poder Espetacular	14
1.2.1 – Heroi	15
1.2.2 - Igual a Todo Mundo	17
1.2.3 - Líder Charmoso	19
1.2.4 - Pai da Pátria	20
1.2.5 - A A-Mulher Política	22
1.3 - Histórico das Eleições no Brasil – Diretas Já	24
1.3.1 - Histórico das Eleições 2010	27
1.4 - Biografia de Dilma Rousseff	28
Capítulo II	
2 - Análise do Discurso: Entendendo a Fala e a Posição de Sujeito.....	33
2.1 - Considerações Históricas da Análise do Discurso	33
2.2 - Sobre a Ideologia	34
2.3 - Formação Discursiva – Onde Nasce o Sentido do Discurso	39
2.4 - Interdiscurso, o Já Dito em Outro Lugar Independentemente	41
2.5 - Intradiscurso	42
2.6 - Condições de Produção do Discurso	43
2.7 – Dilma como Sujeito Espetacular	45
Capítulo III	
3 - Da Coleta à Análise do Corpus	49
3.1 - Apresentando a Propaganda Eleitoral	50
3.2 - Análise do Corpus	50
3.2.1 - Pra Frente: O Brasil Mudou	50
3.2.2 - Dilma Mãe, Filha e Trabalhadora	66
3.2.3 - Aborto Não! Dilma, Religiosa por Justa Causa	78
3.2.4 - Agora o Povo é Quem Manda	90
Considerações Finais	100
Referências	106

INTRODUÇÃO

A Política é parte fundamental para a organização das sociedades. É através dela que estas se afirmam em sistemas: capitalistas, socialistas, monárquicos, etc. Ela é quem define o Poder e quem seduz seus representantes, os políticos, para o exercer perante seus representados, o povo. Assim, é indispensável o seu estudo como fenômeno de interação social, caracterizadamente pela sua manutenção e ostentação em todos os sistemas.

No mundo, a Política é uma das causadoras principais dos conflitos entre países e, principalmente dentro deles, em especial àqueles que ainda mantêm um regime ditatorial. Um caso recente e que serve como exemplo é o Egito, país localizado no Continente Africano e, que há mais de 30 anos, vivia sob a ditadura de Hosni Mubarak. O líder cedeu a pressão de manifestantes que durante 18 dias protestaram querendo a retomada da democracia no país, o qual resultou em prisões e centenas de mortes. Com a saída de Mubarak um conselho militar governou o país até a eleição recente, do dia 30 de junho de 2012, que empossou Mohamed Murs como presidente da República do Egito.

No Brasil, a Política mobiliza a maioria da população de forma emotiva e apaixonada, para isso podemos levar em conta a forma de governo acatada pelo país que dá a possibilidade de uma livre manifestação de pensamento: a democracia, regime pelo qual o povo é quem toma as decisões importantes de um país. Mas, os horários eleitorais gratuitos veiculados na TV ainda causam repulsa entre a maioria da população, em especial, a menos escolarizada por considerarem tais programações cansativas e monótonas.

No país, as eleições de 2010 foram destinadas a eleger deputados estaduais e federais, dois senadores, governador e presidente. Nesta, o petista Lula lança a candidatura de Dilma Rousseff para ser a primeira mulher presidente. A conjuntura político-histórica já nos mostrou que outras mulheres concorreram ao cargo, mas nenhuma que tivesse a vantagem de ter o presidente de maior aceitação e popularidade da história do Brasil, como o principal cabo eleitoral.

Dilma, por sua vez, era considerada pelo meio político, e pela mídia, como uma mulher de traços masculinizados, fria, autoritária e arrogante. À época ocupava o cargo de Ministra-Chefe da Casa Civil, o principal cargo depois da presidência e, que nunca antes uma mulher ocupara, e fora pioneira também em várias outras funções onde apenas os homens se destacavam. Porém, para suceder Lula, Rousseff teria que modificar sua típica imagem em

uma mulher feminina, carinhosa, mãe. Para isso foi creditado a ela o sucesso de todo o projeto de beneficiamento social, como o “Minha Casa, Minha Vida”; “Luz Para Todos”; “Programa de Aceleração do Crescimento – PAC”. Assim, se tornaria mais popular entre os brasileiros, e conseqüentemente, eleita como a primeira mulher Presidente da República Federativa do Brasil.

Sabendo dessa transformação na imagem e, conseqüentemente, no discurso de Dilma, principalmente na campanha eleitoral de 2010, surgiu a ideia desse trabalho de pesquisa. Ao deixar a posição de Ministra Chefe da Casa Civil, para ser a candidata a primeira mulher presidente do Brasil, Rousseff mudou o seu discurso e sua imagem forte, e passou a manter traços mais suaves, diferentes dos vistos enquanto Ministra.

A composição desta monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, nos baseamos em textos que remetem a política como espetáculo mostrando que os políticos se trajam de personalidades distintas das suas para se afirmar perante a sociedade como sendo a solução por eles esperados. Personagens como o Herói; o Igual a Todo Mundo; o Líder Charmoso; o Nosso Pai; e A A-Mulher Política, são exemplos de papéis usados pelos políticos para representarem nos “palcos teatrais”, (palanques, rádio, TV, internet) imagens construídas para si pelo *marketing* político e assim tirar da sociedade o que mais querem naquele momento: o voto. Para a construção da primeira parte desta pesquisa, tomamos por base os textos de autores importantes para essa temática como: Guy Debord (2003); Roger-Gérard Schwardzenberg (1977) e Georges Balandier (1982).

No capítulo II abordamos a Teoria da Análise do Discurso e os seus conceitos referentes como: Ideologia; Discurso; Interdiscurso; Intradiscurso; Formação Discursiva; Condições de Produção. E tomamos como base para essa construção os teóricos da AD: Louis Althusser (1974), Pêcheux (1988), Eni Orlandi (2001). Este capítulo é importante para entendermos como se dá a construção dos sentidos, e como esses se relacionam com a posição ocupada pelo sujeito em um momento sócio-histórico. Como o nosso foco é o discurso político, esse capítulo nos ajudará a entender o posicionamento de Dilma Rousseff nas eleições 2010 e o porquê do uso de determinados discursos.

O terceiro e último capítulo se deu pela construção das análises feitas a partir da coleta e transcrição do *corpus* que é formado pelo Programa Eleitoral Obrigatório da candidata do PT. Para tal utilizamos apenas quatro Programas: os dois primeiros do primeiro turno e os dois primeiros do segundo turno. O nosso objetivo se deu por descobrir quais os discursos usados por Dilma para vencer as eleições.

Após a análise do conteúdo dos quatro Programas Eleitorais de Dilma Rousseff, descobrimos três fios discursivos que os perpassam. Primeiramente a candidata se utiliza da popularidade do presidente Lula como um lastro para dar credibilidade ao que é dito por ela. Em segundo momento o discurso político na propaganda credita a Dilma o sucesso, considerado pelo PT, dos programas sociais do governo federal e por isso fica conhecida como mãe destas ações. E, por fim, vimos que em todas, o crescimento econômico, através da infraestrutura que o Brasil alcançou nos 8 anos do governo de Lula, é o principal argumento para a campanha.

Capítulo I

Espectáculo e Personalização do Poder

I - ESPETÁCULO E PERSONALIZAÇÃO DO PODER

Tentaremos compreender em um contexto específico da sociedade aquilo que se estende por toda a história da humanidade civilizada: a busca pelo Poder. Esta liderança que se dá sobre os que deixam e escolhem por, assim, serem conduzidos, estar vinculado a um processo ideológico primordial em todos os tipos de sociedades, seja ela capitalista e/ou socialista. A prática política é a principal responsável por esse alcance do Poder, e onde pessoas quaisquer, são seduzidas a se tornarem políticos por causa das regalias dispostas para tal e, de forma tênue, regidos pelo objetivo primordial da política em um âmbito social, que seria a elaboração de fomentos para beneficiar a população que representa.

Não é objetivo nosso, levantar parâmetros entre o bem e o mal da política, mas sim destacar como os políticos manipulam suas imagens de forma a serem eleitos, e aí pôr em prática o seu estilo de liderança, o qual pode ser apreciável ou deplorável dependendo do ponto de vista de seus eleitores. Isto vai depender da forma e de qual personagem este político se fantasiou para ganhar as eleições. Aqui se dá o ponto central de nosso capítulo.

Neste primeiro, iremos entender essencialmente, como se dá o processo da espetacularização da política através da personificação do Poder como os candidatos aos pleitos se utilizam de imagens do real para formarem as suas próprias personalidades irreais; quem são os personagens mais interpretados, e, como a plateia-eleitora se comporta perante seus representantes políticos.

1.1 - Hoje Tem Espetáculo?

Antes de entrarmos no âmbito explicativo da personificação na política, é preciso entender como esta se consiste. Quando se fala de personagem vem logo à mente teatro, encenação, espetáculo. E foi com base neste último termo, que o francês Guy Debord (2003), escreveu o ensaio: “A Sociedade do Espetáculo”, em 1967. Neste período o mundo respirava a modernização proveniente da segunda guerra mundial e os meios de comunicação de massa, em especial o cinema e a televisão, estavam em seu apogeu. Segundo o autor, o espetáculo se constitui a partir dessa sociedade moderna e capitalista que prefere a imagem ao real, a cópia ao original.

O Espetáculo, sobretudo, está contido no mundo das representações. Essas representações são feitas através de imagens do real, e “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizadas por imagens” (DEBORD, 2003, p. 14). As relações sociais se tornaram apenas suas dependentes.

E, ainda sobre o espetáculo e suas representações por imagens do real, Debord afirma: “Onde o mundo real se converte em simples imagens, essas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico” (Ibidem. p. 19). Esta afirmação nos coloca em outro ponto crucial do espetáculo: o monopólio da aparência. Neste meio social tudo é imposto à nossa vontade de uma forma que não somos capazes de recusar, opinar, negar. As mercadorias se mostram de todas as formas e as consumimos consciente, e as vezes inconscientemente, sem reclamar ou simplesmente pestanejar.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva, que na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica pelo seu monopólio da aparência. (GUY DEBORD, 2003, p. 17)

Somos influenciados pelas imagens da realidade a aceitar tudo o que nos é imposto. Em outras palavras, somos obrigados a consumir o espetáculo, já que este é o principal produto da sociedade moderna.

Partindo da observação da conjuntura atual vemos que não somente a sociedade é espetacular, hoje, o Estado o é por completo. Este se transforma em empresa teatral, em “Estado Espetáculo” e como principal função diverte e ilude o público. O poder¹, representado pela política, se veste de formas, sentidos, máscaras, imagens². É através da política que acontece sua encenação. Encenação esta que precisa de atores, personagens, papéis. Isto fica por conta dos seus representantes: os políticos.

Ao se vestirem de personagens, os políticos concretizam o poder, dão formas e fisionomia através do líder que o exerce. De acordo com Schwartzberg (1977), o poder se humaniza, adquire vida, torna-se concreto. Personaliza-se. Quando um homem – mulher - influencia um determinado grupo onde este pratica o poder, ele está lhe dando vida própria, personificação, concretização. A respeito disto, o autor ainda ressalta:

¹ Entendemos por “poder” as atribuições que são designadas a uma determinada pessoa influente em um grupo social. Porém nos detemos ao que é dito no ensaio de Schwartzberg. Poder no sentido que o autor coloca é o exercido pelas forças governantes do Estado em seu maior representante: o político.

² Ver discussão em Guy Debord no ensaio A Sociedade do Espetáculo. (2003, p. 14).

A personalização do poder é de outra natureza. Não diz respeito ao domínio institucional, e sim à psicologia coletiva. Uma personagem simboliza a nação, o Estado ou o partido. Representa o poder do grupo que nele se encarna. Afirma-se dessa maneira “o poder com face, o poder dotado de uma fisionomia – e por vezes de uma máscara - o poder representado por um detentor localizável e visível para todos. (SCHWARTZENBERG, 1977, p.10)

O poder, agora, com sua imagem definida, procura cativar e atrair a atenção do público. O homem político cada vez mais começa a atribuir personalidade a essa imagem. Cria, copia, seleciona pedaços de características alheia, e monta um ser perfeito para ser agraciado, lisonjeado, adorado pela sociedade. “Esta maquete reduzida constitui, portanto, uma representação figurada da realidade. É ao mesmo tempo uma reconstrução dela” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 11). O político ator, depois de montar seu personagem sobe ao palco – palanque - e realiza seu maior papel. Agora se faz vedete³ de um espetáculo onde ele próprio é o centro das atenções.

Uma vez construída a imagem, não se pode mudar, pois esta serve de aporte para conseguir os objetivos, e de identificação para os eleitores. “A imagem se transforma, portanto, em rótulo. Indica as características – reais ou supostas - as performances deste ou daquele, ‘produto’ ou ‘marca’, políticos. De modo que não é exagero falar em ‘imagem de marca’” (Ibidem. p. 12). Ela se torna a principal característica de um político, sua principal personagem.

O político munido dessa imagem-marca, agora, também, se torna uma mercadoria a ser consumida, e se vende em seus horários políticos nos meios de comunicação. “Pode-se ‘vender’ ao público tudo, ou quase tudo, usando análise de mercado ou pesquisas de opinião. Vender um produto ou um candidato: qual a diferença?” (Ibidem. p. 72). Os horários eleitorais são basicamente a vitrine onde estes políticos vendem sua marca. Lá seus discursos, roupas, expressões faciais, e até o comportamento perante as câmeras, devem ser o mais formal e mais elegante possível para não passar uma imagem diferente daquela já construída para ele. O *marketing* político é o responsável por manter essa mercadoria perfeita para que o eleitor-consumidor seja seduzido e induzido pelo que vê e ouve. Por *marketing* político Torquato do Rego (1985, p. 14) define como “o esforço planejado para se cultivar a atenção, o interesse e a preferência de um mercado de eleitores”. Com esse mecanismo, os políticos alcançam seus objetivos.

³ Segundo o texto de Schwartzenberg (1977) vedete é o político que se torna o principal personagem de um espetáculo.

No Brasil, o horário eleitoral gratuito foi instituído em 15 de julho de 1965 pela Lei Nº 4.737 que criou o Código Eleitoral, conjunto de normas e disposições legislativas que tem por objetivo regulamentar as eleições para cargos políticos. Desde então todas as emissoras de Rádio e TV aberta do país são obrigadas a exibir, simultaneamente, o Programa Eleitoral que faz parte da Propaganda Política de candidatos e partidos que irão disputar determinado pleito.

Apesar de estar há quase 50 anos na vida cotidiana dos brasileiros votantes, o horário eleitoral gratuito não caiu no gosto popular. Muitos brasileiros não se sentem confortáveis ao assistir tais programas, por possuírem aversão a política do país, por causa do histórico de corrupção; da falta de compromisso e cumprimento das promessas realizadas para o eleitorado, por acharem monótono esse tipo de produção. Este repúdio é observado entre a maioria da população brasileira, em especial, a classe baixa analfabeta, e entre os que se consideram a-políticos.

1.2 - Personagens do Poder Espetacular

A espetacularização do poder é construída através de imagens do real, como já fora dito anteriormente em Debord (2003). Está mais especificamente na construção de uma imagem, um personagem que não corresponde com a realidade. Quando um político se traja de um personagem, ele está se colocando no campo do espetáculo, usando de uma realidade que não é sua.

É a partir da teatralização que os grandes políticos chegam ao poder. Georges Balandier (1982) em seu ensaio “O Poder Em Cena” já dizia: “As técnicas dramáticas não são utilizadas exclusivamente no teatro, mas também na direção da cidade” (BALANDIER, 1982, p. 6). O drama realizado por estes, está associado as suas ações, seus discursos, gestos, são representações, próprias, para mostrar aos eleitores o que estes querem ver. “O grande ator político comanda o real através do imaginário” (Ibidem. p. 6). Tudo o que nós vemos não passa de representações de imagens criadas a partir de personagens distintos para ludibriar o seu público.

Retomando a Schwartzberg, o autor ressalta que estes políticos usam características de vários personagens e constroem o seu próprio perfil, os quais consideram como o melhor para alcançar o público de eleitores. “Mas eles se especializam em alguns papéis, do

repertório político. Veem-se bem depressa rotuladas e abolidas em alguns importantes papéis estereotipados, em alguns personagens, grandiosas marcas até os raios da caricatura.” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 17).

O político vê a necessidade de ter um papel, pois não enxerga na sua própria personalidade a capacidade de chegar ao poder. É uma forma de não mostrar seus defeitos, seus erros. Serve como uma capa onde apenas seu lado perfeito, construído, aparece.

Schwartzenberg afirma ainda que, dentro da política existem alguns personagens que se consolidam para se manter no poder. Quando um desses morre ou cai no anonimato, se levanta outro, de outra personalidade, e continua o ciclo. O autor destaca os seguintes personagens como sendo os principais, são eles: o herói, o igual a todo mundo, o líder charmoso, o nosso pai, e a a-mulher política.

É preciso discutir de modo breve, cada um desses papéis e estabelecer comparações com alguns personagens políticos conhecidos de nossa época, em âmbitos locais e nacionais. Estes serviram de parâmetro para descobrirmos em qual destes papéis Dilma Rousseff se enquadrou enquanto candidata à Presidência da República, e como essa posição vai definir o seu discurso, objeto de nossa pesquisa.

1.2.1 - Herói

Este personagem do poder se diferencia dos demais homens por possuir características acima da normalidade, se coloca como um deus e é venerado no lugar onde se sente melhor: o palco do espetáculo.

O herói é aquele que está entre o céu e a terra, é o semideus da mitologia. O homem excepcional, o que, por qualquer motivo, se distingue ou sobressai, glorioso, adorado, reverenciado, ele se coloca como ser supremo fadado ao sucesso, o ídolo. Segundo Schwartzenberg (1977, p. 22), o herói “desempenha um tríplice ofício: ele faz o espetáculo, proporciona o sonho e confere a certeza”. Em outras palavras, em seu espetáculo ele faz com que o público volte a sonhar e compreender que esses sonhos serão realizados. Por mais que, em algumas vezes, não os cumpra, mas o objetivo deste herói é fazer com que seus eleitores pensem assim. Pois essa imagem passa a sensação de um homem íntegro, sincero, sério, de postura exemplar, e altamente confiável, um santo.

Ao levantar a hipótese da liderança heróica, Schwartzberg se baseia na teoria de Max Weber e considera esta a mais acertada de todas. Weber afirma existir três tipos de autoridade: a tradicional, a legal-racional e a carismática. A primeira é exercida pelo senhor feudal, o monarca. É hereditária. A segunda se baseia no código de direitos e deveres de um Estado; não se presta obediência à sua pessoa, e sim ao papel que lhe é conferido pela constituição. E finalmente a autoridade carismática, aquela exercida pelo profeta, o herói, o chefe guerreiro, o demagogo. Esse tipo de autoridade para Weber é munida de qualidades extraordinárias, que não são comuns aos homens ordinários. Assim, sendo, Schwartzberg afirma:

Em teologia, o carisma designa um dom particular conferido pela graça divina. Max Weber introduz esse termo em política para designar a “qualidade extraordinária de uma personagem dotada de força ou de caracteres por assim dizer sobrenaturais ou sobre-humanos, ou pelo menos alheio à vida cotidiana, inacessíveis ao comum dos mortais, ou então que seja considerada como enviada por Deus ou como exemplo, sendo conseqüentemente tida como chefe”. (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 21)

Esse carisma típico do herói o faz ser admirado, seguido, venerado, porém ele nunca se iguala ao homem ordinário, não se coloca de igual para igual, é sempre superior à massa, se mantém acima dos outros, acima do povo. O herói venera a separação, o distanciamento. Este afastamento o torna um ser soberano, superior, uma lenda. “Esta distância aumenta o prestígio, compondo uma imagem mítica” (Ibidem. p. 23). Tudo isto o torna um ser orgulhoso de si mesmo e de seus feitos, não admite seus erros, não admite que erra, se considera perfeito, fica a mercê de uma auto-glorificação. Ele efetua cultos em homenagem ao seu nome, levanta monumentos, se deifica, e requer adoração de seus fiéis. Como deus, se põe como figura imortal e faz com que o público o vejam e acreditem assim.

Para exemplificar esse personagem do poder, vamos tomar como base o trabalho monográfico do aluno do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, Kleber Wanderley Cavalcante (2008), que realizou uma pesquisa por título: “O pronunciamento de Cássio Cunha Lima como mandatário: O discurso político em sua missão”.

Mesmo que em determinados momentos de sua vida política, Cássio Cunha Lima tenha se utilizado do papel do líder charmoso, que vamos falar posteriormente, o autor entende que o principal exercido por Cássio, tenha sido o do herói.

O emprego de herói, por sua vez, pode ser percebido logo no início de sua vida pública. Ao concorrer pela primeira vez à prefeitura de Campina Grande, em 1988, Cássio foi propagado como o herói capaz de dar continuidade aos feitos de seu pai, Ronaldo, então prefeito da cidade. De acordo com os discursos da época, se Cássio não fosse eleito, as obras começadas pelo pai ficariam inacabadas ou abandonadas por outros grupos políticos (CAVALCANTE, 2008, p. 15)

Apesar dos embates atuais com a justiça, Cássio Cunha Lima ainda é considerado herói. Ele foi cassado em 2009 pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) acusado de doar cheques durante a campanha de 2006, a qual se reelegeu governador da Paraíba. Em 2010, foi eleito Senador com mais de um milhão de votos, porém não assumiu o posto porque sua candidatura foi negada pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) com base na Lei da Ficha Limpa⁴. Em 2011, O TSE entendeu que a Lei seria válida apenas para as eleições de 2012, fazendo assim com que Cássio tomasse posse. Portanto, até a primeira metade do ano de 2011, ele ainda não tinha ocupado o cargo.

Mas, Schwartzberg é enfático quando diz que esse herói, personagem do poder, não vive para sempre. Segundo o autor, esse ídolo se acaba por morte ou marasmo. “Como viver perpetuamente em plena epopéia, em plena gesta? Mergulhado no esplendor de uma glória por demais prolongada?” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 49). A imagem do herói também cansa. Agora, é a vez de alguém que possa trazer a sensação de tranquilidade, normalidade, que o líder se iguale ao eleitor e tenha as mesmas características que ele: um representante da massa. Entra em cena, agora, o anti-herói ou o homem ordinário.

1.2.2 - Igual a Todo Mundo

O homem comum, ordinário, um cidadão típico, sem novidades, o “Sr Fulano de Tal”, o que se iguala a todo mundo. Nele tudo é normal, nada que o distinga, sem brilhantismo ou arrebatamento, é um de nós. Sempre será um coadjuvante mesmo que exerça um cargo de significado valor social, porém se mantém sem destaque.

O homem ordinário, como o autor coloca, se faz representante da massa. É aquele trabalhador assalariado que com o seu suor conquista seu espaço, subindo de degrau em

⁴ Lei Complementar nº 135, de 4 de junho de 2010, que tem o objetivo de impugnar a candidatura de políticos que possuam condenação na Justiça. Esta é fruto de um projeto de lei originada de iniciativa popular que reuniu mais de 2 milhões de assinaturas em todo o Brasil.

degrau para o sucesso. E faz exemplo para quem é igual a ele. Este personagem é fiel aos seus ideais, sua família, suas raízes, a Deus. Trabalha em prol e para o povo. O homem da terra que quebra protocolos. Como se o eleitorado o houvesse criado à sua própria imagem. O homem do povo capaz de compreender as necessidades das pessoas comuns. Schwarzenberg define o homem ordinário assim:

Lá está ele, simples e tranquilo. À altura de qualquer homem. Comedido, moderado, modesto. Em escala humana. *Superstar* da normalidade, anti-heroi, antítese da autoridade heróica, ele representa a autoridade rotineira por excelência. É o homem comum, encarnado as virtudes comuns (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 51)

O eleitorado ao se identificar com ele, não consegue ver suas necessidades serem supridas, não consegue elevar-se, porque está diante de um ser realmente igual a ele. Ele não faz sonhar, pelo contrário, provoca exaustão e monotonia.

O autor ressalta que o espetáculo autêntico de um autêntico homem ordinário é um tédio monumental. Depois de uma vultosa passagem do heroi com toda a sua glória e majestade, se faz necessário a autoridade do homem igual a todo mundo para apaziguar e representar a mediocridade da classe social do qual este veio. De início a mediocridade atrai e transmite segurança. Depois cansa, dá náuseas. Pois o público extenua-se de ter um governante que ostente uma imagem igual a sua. Eles querem novidade, espetáculo.

Um exemplo que podemos mencionar sobre este tipo de personagem é o ex-presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, antecessor de Dilma Rousseff. Nascido no interior de Pernambuco, numa família de 8 filhos tiveram que mudar para o litoral paulista e, com apenas 12 anos de idade, Lula já trabalhava em uma tinturaria. Também foi engraxate e office-boy. Aos 14 anos ingressou no curso de Torneiro Mecânico do Senai - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - e tornou-se metalúrgico. Foi trabalhando em uma das principais metalúrgicas do país, em 1964, que Lula teve contato com o movimento sindical, base de sua trajetória política. Em 1980 funda o Partido dos Trabalhadores e, nove anos depois o PT lança sua candidatura à Presidente da República. Teve sua vida pacata e normal a de qualquer trabalhador assalariado, isso que o fez se eleger em 2002 Presidente da República com mais de 53 milhões de votos e, 4 anos mais tarde se mantém no poder até as eleições 2010, pois o povo brasileiro viu nele a sua própria história.

Porém, como o herói, o igual a todo mundo também cansa, desta feita, por sua mediocridade. Quando esse anti-herói cai na rotina, está na hora do espetáculo de outro personagem mais divertido e gratificante: o líder charmoso.

1.2.3 - Líder Chamoso

Este personagem se mostra diante do seu eleitorado como um artista, um galã. Seus atributos relacionados à beleza mexem também, com o imaginário das mulheres. Ele surpreende, cativa, agrada. Para Schwartzberg (1977, p. 70) “cada um deles concebe a política como uma arte de sedução, senão como ofício teatral”. O líder charmoso é de espírito jovem, adora carros e aviões de luxo e esportes, inclusive os radicais, já que este tipo transmite a sensação de um ser destemido. Tem bom desempenho nos discursos e depende do carisma⁵ para exercer o poder. Sua imagem se adéqua às características do irmão, frente ao mundo governado por figuras de pais, ele se sobressai com sua jovialidade e solidariedade. É ágil, e também, um realizador de seus próprios desejos.

Gosta da publicidade e da propaganda. Ele usufrui esse meio para que suas vontades sejam, em tudo, as mesmas que a do público consumidor. Schwartzberg explica que: “Sua artimanha é a “inversão de fileira”. Acima de tudo, não se deve levar em conta o que deseja realmente o consumidor, comercial ou político, mas manipula, pelo contrário, o seu pedido através da publicidade ou da propaganda, para lhe impor este ou aquele “produto” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 72).

O líder charmoso torna popular uma dupla imagem e joga em dois planos contrastantes. Ao mesmo tempo em que ele conquista a classe média, também conquista a de menor média salarial. Toma vinhos dos mais caros e também *coca-cola*. São elegantes, mas dispostos a sujar as mãos, são ricos, mas trabalham com afinco. “Mostra-se ora distante, ora próximo; ora diferente, ora igual; ora superior, ora idêntico. Finalmente, sua imagem característica é uma superposição de duas imagens opostas”. (Ibidem. p. 74). Este personagem manipula o eleitorado, com sua dupla imagem e suas características que cativa as diversas classes sociais.

⁵ Ver discussão em Schwartzberg ao citar Max Weber. Este diz que, carisma é sobremaneira características extraordinárias, ou seja, que fogem do cotidiano das pessoas, realizadas por um personagem. É todo e qualquer atributo que lhe faça se sobressair aos demais, que fuja do normal.

Para exemplificar, vamos falar de outro ex-presidente brasileiro, que se mostrou no papel de líder charmoso. Fernando Collor de Melo foi jornalista e economista, entrou na política muito cedo pelo estado de Alagoas, e ostentou o título de mais novo prefeito, governador e presidente. Se elegeu em 1989 derrotando seu principal oponente, Luiz Inácio Lula da Silva e, durante todo período de campanha abusou da imagem de jovem, bonito, rico, esportista quando, em seus programas eleitorais, aparecia pilotando *Jet-Ski*, aviões da Força Aérea Brasileira (FAB); testando carros esportivos; fazendo caminhadas e corridas matinais, etc. e, principalmente, de “o caçador de marajás”⁶ Collor agradava tanto às classes mais ricas, quanto às mais populares, os “descamisados”, como ficaram conhecidos em sua propaganda eleitoral. Porém, a crise econômica e a inflação retomada após 18 meses que ficara congelada, fez diminuir a popularidade do presidente. Mesmo combatendo a corrupção em seu discurso na época da campanha eleitoral, ele foi alvo de denúncias que comprovaram sua participação em esquemas fraudulentos no governo. O Congresso Nacional instalou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as denúncias e foi aberto um processo de *impeachment* para o presidente, que, antes disto, renunciou o cargo.

Como no caso de Fernando Collor, Schwarzenberg já previa um fim para o líder charmoso. Esta imagem torna-se enfadonha. Os eleitores já não toleram sua aparente despreocupação, seu desejo obsessivo em seduzir, principalmente quando há alguma fase de crise econômica mundial, ou até local. A figura do irmão já não mais convence, e o público se volta agora para outra figura que lhe dê estabilidade. A autoridade paterna os deixa mais tranquilos e confiantes.

1.2.4 - Pai da Pátria

Um homem sábio, cauteloso, prudente, experiente, informado, moderado, capacitado, competente, sagaz. Este personagem do poder se coloca diante da sociedade como o “pai do povo” que está sempre pronto para resolver os problemas que para nós seria impossível. Esse político usa de uma autoridade que encarna a firmeza, a capacidade de resolver e impor decisões, desmantelando resistências e obstáculos. Uma autoridade sem autoritarismo, que é de procedência de sua sabedoria e experiência de vida.

⁶ Esse termo foi bastante usado durante o pleito de 1989, sendo o principal *marketing* político da campanha de Fernando Collor de Melo. O termo “Caçador de Marajás” surgiu quando ele ainda era governador do Estado de Alagoas, onde combatia a corrupção e os altos salários de funcionários públicos provenientes desta mesma prática.

O pai é uma figura tutelar, protetora, que guia e ampara o seu povo nos momentos difíceis. “Ao pai cabe, antes de tudo, trazer segurança [...] deve tranquilizar graças a sua vontade poderosa, energética ascendência” (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 95). Ele cumpre esse papel passando segurança e conforto aos eleitores.

Esta autoridade o faz líder de pulso firme que não se deixa abater a qualquer crise, pois ele tenta resolver qualquer problema e que conquista a população por achar nele uma pessoa em que possa confiar na tomada de decisões importantes.

Tomamos como exemplo para esse personagem, o principal oponente de Dilma Rousseff nas eleições presidenciais de 2010. José Serra se incorpora perfeitamente ao papel do pai, pois se apresenta como um homem mais maduro e cauteloso; possui passividade em sua forma de falar; possui experiência adquirida pelos anos de militância política. Serra possui grande experiência na administração pública. Ingressou na vida política quando ainda era universitário, sendo presidente da UEE (União dos Estudantes do Estado de São Paulo) e UNE (União dos Estudantes Nacionais). Porém, no período ditatorial, ele foi deportado para o Chile, onde cursou nova faculdade. Ao voltar para o Brasil, foi deputado federal, Ministro do Planejamento e Orçamento e Ministro da Saúde, onde lançou campanhas importantes para o combate da AIDS e, ainda, implantou os remédios genéricos, no governo Fernando Henrique Cardoso. Foi prefeito e governador do estado de São Paulo.

Apesar da segurança que o público sente nas mãos do pai, desse homem que transmite confiança por causa de suas experiências e autoridade, com o passar do tempo, a imagem paterna se desvaloriza. O mundo, em sua frenética evolução, obriga o pai a se adaptar a estas mudanças, ele começa a imitar características de uma geração mais jovem, ou seja, a do irmão (líder charmoso) já que este parece adaptar-se a uma economia de expansão e inovação Sem muito êxito o pai se impõe agora no papel de herói formando o pai herói:

Interrompa-se, entretanto, o crescimento; instale-se uma crise e o povo se volta preferentemente do pai para o herói, esse superpai que retoma as virtudes paternas, transfigurando-as, porém. Adorna-se com grandeza e mistério, a fim de parecer não somente ponderado – como o pai. Mas também infalível, como senhor do destino, oferecendo certeza e sonho. (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 100).

Podemos observar no contexto acima que tudo volta a um ciclo anterior. Como já fora dito pelo autor, na política os papéis desempenhados pelos atores em seus espetáculos cotidianos, se compõem em um ciclo. O personagem e a pessoa se fundem e, este político não

tem identidade própria a não ser a do papel que ele exerce. Esses papéis muitas vezes também se unem em outros, formando novos personagens do poder para ser evocado por uma sociedade espetacularizada.

Neste sentido, o autor define, à parte, um novo papel que mescla características de todos os que, anteriormente, fora explanados: A a-mulher política.

1.2.5 - A A-Mulher Política

Ainda hoje a política é feita por homens, em sua maioria. São poucas mulheres que consolidam seu nome no cenário político de um país. A sociedade ainda é considerada patriarcal e machista. Porém a mulher que se envereda por esse caminho não tem identidade própria. Em suma, ela resgata para si características de alguns personagens já citados. “Não deixa, porém, de ser espantoso vê-las ajustar-se tão bem às normas masculinas, ao sistema de “valores” viris, em lugar de inventar contravalores, uma contracultura política, em suma, outras maneiras de ser, de pensar e agir em política”(Schwartzemberg, 1977, p. 101). Esta mulher, porém, se torna uma caricatura do masculino, sem personalidade própria.

Numa sociedade machista, a mulher não tem força para se destacar de forma diferente que não precise imitar os perfis masculinos. Ao se ultrajar nesses papéis, as mulheres políticas acabam exagerando no que diz respeito à autoridade. “Faz-se passar por mulher dominadora, mulher forte, mulher de ferro, sucedânea do homem de pulso, chegando quase a se transformar em um travesti político, imitando grosseiramente às atitudes machistas” (Ibidem. p. 102)

Seu perfil peculiar de sensibilidade, tolerância, compaixão, são elevadas a zero. E se tornam apenas mais um personagem neste grande palco do espetáculo.

Schwartzemberg afirma que esta mulher nunca irá imitar o papel do líder charmoso, pois ela não vai deixar transparecer sua feminilidade o que afirmaria ser fraqueza. Ela se adequaria, portanto, ao herói como também ao pai em uma versão feminina do poder.

O modelo de autoridade conservada por essa mulher seria, tão somente, uma dualidade entre a imagem materna e patriarcal. Esta última seria associada ao autoritarismo, às repressões:

[...] as mulheres políticas escolhem, de preferência, na dupla imagem materna, a do poder imposto – e duramente imposto – e não a do poder benevolente e dadivoso, muito embora essas duas imagens se encontrem

misturadas. Afinal, essa autoridade maternal se faz muitas vezes autoridade maternal-heróica e, portanto, dominadora e coercitiva (SCHWARTZENBERG, 1977, p. 104-105)

Podemos definir o papel exercido por Dilma Rousseff, antes das eleições, como essa mulher política de características masculinizadas.

Antes da candidatura à presidência, Dilma ocupava o cargo de Ministra-Chefe da Casa Civil, depois da cassação de José Dirceu, e quando se apresentava na mídia, ostentava a imagem de mulher arrogante, prepotente e fria, além de possuir um discurso muito técnico e obsoleto. Em seu ambiente de trabalho, Dilma se mostrava uma chefe autoritária, chegando até humilhar seus subordinados. Conforme mostra a reportagem da Revista Veja do dia 05 de janeiro de 2011.

[...] Em julho de 2009, o jeito “deixa que eu chuto” provocou o confronto mais conhecido. Então secretário executivo do Ministério da Integração Nacional, Luiz Antonio Eira pediu demissão após ser tratado de forma “desrespeitosa e grosseira” numa reunião sobre a atrasadíssima obra da Ferrovia Transnordestina. Eira fez Dilma perder as estribeiras quando tentou remanejar para seu ministério verbas destinadas à ferrovia: “Nem sobre meu cadáver”. Alguns palavrões acompanharam a explosão. (VEJA, 2011, p. 83)

Podemos ver a partir daí uma personalidade forte e masculinizada, diferente das características femininas peculiares ao gênero. Porém, com sua candidatura, a imagem de Dilma deveria ser diferente desta enérgica e autoritária. Segundo reportagem da “Revista Istoé” do dia 21 de janeiro de 2009, Dilma era conhecida como “Dilmão” por causa de sua seriedade e autoritarismo no Ministério da Casa Civil. Lula, pensando em lançá-la candidata pelo Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência da República, viu que seria necessário ter que mudar sua fisionomia e conseqüentemente a imagem que a mesma passava. Então foi preciso alguns profissionais para mudar o seu visual.

[...] A mudança no visual é parte de uma estratégia bem planejada com um único propósito: o de conferir a Dilma um perfil menos sisudo e mais simpático e ser a embalagem que faltava para transformar a até então mera técnica competente no principal nome para disputar, como candidata do governo, a eleição presidencial de 2010. [...] O embrulho que hoje embala a ministra da Casa Civil é o resultado de um processo ocorrido em etapas desde o final de 2007, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva começou a ventilar a ideia de que Dilma poderia ser a sua sucessora. A menos de dois anos das eleições presidenciais, a equipe responsável pelas transformações de Dilma é formada por seis integrantes: o marqueteiro João Santana, o jornalista Laurez Cerqueira, a cabeleireira Tian, o ministro de

Comunicação Social, Franklin Martins, o cirurgião Sérgio Panizzon e o próprio presidente Lula, como conselheiro informal. (ISTOÉ, 2009)

Durante a campanha eleitoral, ela buscou essa nova imagem construída para si: de mulher feminina, mãe e avó, mulher de pulso firme em suas decisões, mas, não autoritária. Porém, vamos ver as diferenças ocorridas na imagem e no discurso de Dilma Rousseff quando estivermos no terceiro capítulo desta monografia.

Retomando ao que já fora discutido em Schwartzberg, percebemos, nos exemplos supracitados, a necessidade da construção de um personagem que agrade o público em prol de um único objetivo: o poder. Os papéis exercidos por estes vêm da necessidade que a sociedade tem por espetáculos, logo, os políticos exercem sua função com maestria. As cortinas nunca se fecham e a cada dia se monta um novo espetáculo com atores diferentes de papéis iguais, assim, dando continuidade a esse ciclo de aplausos incessantes.

1.3 - Histórico das Eleições no Brasil – Diretas Já

Para darmos continuidade a esta pesquisa é preciso fazer um levantamento histórico das eleições presidenciais no Brasil. Decidimos por analisar a partir do movimento que ficou conhecido como Diretas Já, pois não seria necessário nos alongarmos, além disto, tendo em vista que nosso objetivo é apenas mostrar a política após a redemocratização do país e seus principais presidentes, até chegarmos ao pleito que elegeu a primeira mulher, ao poder máximo da democracia em nossa história.

O Brasil sofria havia duas décadas com a ditadura militar, porém um movimento de força popular iniciada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), marcou o ano de 1984. O movimento, Diretas Já, reivindicava a aprovação de uma emenda no Congresso Nacional que restabelecesse as eleições diretas para presidente. Comícios realizados durante a campanha atraíram milhares de pessoas que viram a possibilidade de lutar contra o regime. Mesmo com a pressão popular, o governo militar derrubou a emenda. Com a derrota do movimento, a oposição se voltou ao Colégio Eleitoral⁷ que elegeu Tancredo Neves e José Sarney como presidente e vice, respectivamente. Estes faziam oposição a Paulo Maluf representante do governo militar. Mas

⁷ Foi instituído no período da ditadura militar para membros do Poder Legislativo federal, e em alguns períodos, estadual, votarem e elegerem presidentes e governadores. Com o advento da Constituição de 1988 tal colegiado foi extinto no Brasil e a população passou a eleger seus representantes através do voto direto.

por motivos de doença Tancredo Neves não pode assumir o cargo, chegando a falecer dias depois, deixando ao vice a responsabilidade de redemocratizar o país, começando com o restabelecimento das eleições diretas para presidente, a concessão do direito de voto aos analfabetos e a liberdade partidária, além de controlar a inflação e amenizar os seus efeitos.

Para tal, Sarney lançou o Plano Cruzado que solucionou o problema por alguns meses, com o índice inflacionário chegando atingir os 3,4% ao mês, o que há tempos não era visto. O seu período crítico foi quando as mercadorias começaram a desaparecer das prateleiras dos supermercados, açougues e padarias, obrigando assim, a lançar o Plano Cruzado II, o que não foi possível para solucionar o agravamento da crise e as altas dos preços.

Foi no governo Sarney que se criou a nova constituição brasileira, no ano de 1988, a sexta da história do Brasil. O período que estabeleceu o movimento, Diretas Já, à eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, ficou conhecido como Nova República, “em alusão à ideia de que se iria construir um novo Brasil” (FIGUEIRA, 2002, p. 390). A partir desse momento o desafio era mudar a economia, os problemas sociais e curar as chagas deixadas pelo período da ditadura militar no país, que ficou conhecido como os “anos de chumbo”.

Com o início da República Nova, o Brasil começa a fazer seus presidentes. José Sarney fica no Poder por cinco anos e é substituído por Fernando Collor⁸ em 1989, eleito o primeiro presidente pelo voto popular depois do período de ditadura.

Collor tinha como meta audaciosa promover a modernização do Brasil, tendo em vista a diminuição de gastos públicos e o incentivo à economia de mercado, congelando os preços e os salários, assim como o confisco da poupança e congelamento de contas bancárias acima de determinado valor. Era o Plano Collor. Porém seus esforços duraram apenas alguns meses até que a inflação voltasse a subir. Já com a popularidade abalada por causa da oscilação da crise, uma denúncia de esquema de corrupção no governo, comandado por Paulo César Farias, ex-tesoureiro da campanha presidencial, foi realizada à imprensa e fez com que uma mobilização popular se instaurasse no país pedindo o *impeachment*. O presidente renunciou o cargo, em 1992, antes que fosse estabelecida a sua destituição.

Itamar Franco, vice de Fernando Collor, assumiu a presidência. Seu maior desafio era manter a ordem democrática e superar a grave crise econômica. De acordo com Mota e Braick (1997) no livro “História das cavernas ao Terceiro Milênio”, o governo enfrentou grandes dificuldades e só começaram a ser minimizadas quando Itamar Franco nomearia Fernando Henrique Cardoso ou FHC, como ficou conhecido, para o Ministério da Fazenda.

⁸ Já mencionamos Collor ao analisarmos sua imagem na campanha presidencial. Mas é preciso ainda fazermos algumas especificações.

[...] O país ainda não havia encontrado uma política que combatesse de fato o processo inflacionário. A situação só se definiu quando o chanceler Fernando Henrique Cardoso foi nomeado para a pasta. No final de 1993, ele anunciou seu plano de estabilização econômica, o Plano Real, implantado ao longo de 1994. (MOTA & BRAICK, 1997, p. 592)

O Plano Real se consistia basicamente em combater gradualmente a inflação, sem congelamento de preços nem salários, nem tão pouco, confiscar contas bancárias, o que tranqüilizou a população. O Real entrou em circulação cotada acima da média da moeda americana. O plano estagnou a inflação, e a atividade econômica e o consumismo cresceu apesar das altas de juros.

Todo esse feito resultou para Fernando Henrique, na eleição presidencial em 1994 já no primeiro turno. Com o Real em circulação sua meta era manter a estabilidade e promover o desenvolvimento econômico. Com isso as medidas adotadas por FHC foram de privatizar grandes empresas estatais. O governo de Fernando Henrique foi marcado por enormes índices de desemprego, conforme diz Figueira (2002).

Essa política estimulava as empresas brasileiras a serem mais competitiva no mercado mundial. As consequências sociais imediatas, porém, foram extremamente negativas, já que aumentou o desemprego em todo o país. Assim, durante os anos Collor e os primeiros anos da era FHC, o número de desempregados no Brasil triplicou, passando de 1,6 milhão para 5 milhões, entre 1989 e 1996.(FIGUEIRA, 2002, p.423)

Mesmo com a recessão provocada pela política econômica de FHC no país, ele obteve do Senado a aprovação para uma emenda constitucional que garantia a reeleição de cargos do Poder Executivo em âmbitos federal, estadual e municipal. Em 1998, o presidente Fernando Henrique e Marcos Maciel, vice, foram reeleitos novamente, favorecidos pela estabilidade financeira do Plano Real.

O seu segundo mandato seria marcado por corrupção no senado, desvalorização do Real e a crise no setor elétrico, causada por uma combinação de escassez de chuvas, faltam de investimentos e falhas no processo de privatização do setor. O presidente, então, impôs à população e às indústrias um plano de racionamento de energia, o que afetou a economia, o aumento do desemprego e a exclusão social. FHC ficou no governo até o ano de 2002 quando foi substituído por Luis Inácio Lula da Silva.

Lula disputava o poder, desde 1989, ficando apenas em segundo lugar nas eleições. Naquele ano, com a volta das eleições diretas, ele concorreu com Fernando Collor, no

primeiro e segundo turno, apesar de ter sido considerado favorito, o *marketing* político realizado para Collor foi mais forte, e Lula perdeu a sua primeira eleição. Nos anos de 1994 e 1998 disputou as eleições contra Fernando Henrique ficando mais uma vez em segundo lugar. Em 2002, com as falhas na administração de FHC, Lula se torna o favorito entre a população e disputa mais uma vez a presidência, e tem José Serra (PSDB), ex-ministro da Saúde de FHC, o seu maior oponente. No segundo turno, vence pela primeira vez as eleições presidenciais ficando até a sua reeleição acontecida em 2006, ano que disputou o cargo com Geraldo Alckmin candidato do PSDB, e que atingiu cerca de 61% dos votos válidos.

Treze anos após a primeira disputa presidencial, Lula chegou ao Planalto Central, sede do Governo Federal, em Brasília. Em seu primeiro mandato preparou o Brasil para o crescimento econômico, com importantes avanços sociais e significativas melhorias na distribuição de renda. Entre eles o programa de assistência social e familiar, Bolsa Família, que consiste na ajuda financeira às famílias com renda per capita de 10 até 140 reais. Em contrapartida a família deveria manter os filhos vacinados e matriculados. O programa já foi considerado pela imprensa internacional um dos melhores no combate a pobreza e acesso à educação da América Latina. Já no segundo mandato, lançou o PAC – Programa de Aceleração do Crescimento que possibilitava o crescimento infraestrutural do país através de investimentos em rodovias, ferrovias, aeroportos, etc. O programa foi lançado em 2006 e surgiu com o intuito de durar 4 anos.

1.3.1 - Histórico das Eleições 2010

É preciso fazer um breve levantamento sobre as eleições 2010, pois é de fundamental importância conhecer os principais adversários que Dilma Rousseff enfrentou durante todo o pleito.

As eleições de 2010 foram marcadas basicamente pela figura de quatro candidatos. A mídia deu maior relevância a estes: Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB), Marina Silva (PV) e Plínio de Arruda (PSol).

Desde o início da disputa, a candidata do governo era a preferida, pois tinha como principal cabo eleitoral o próprio presidente. Com o passar dos dias o seu principal oponente, José Serra, foi oscilando na pesquisa chegando em alguns momentos ser o preferido para a sucessão presidencial. Porém na maior parte do tempo, Dilma Rousseff foi quem liderou a

campanha. O terceiro lugar ficava sempre com Marina Silva, ex-senadora pelo estado do Acre que defendia as causas ambientais, ela teve grande papel nestas eleições. Sua votação atingiu os 19,33% o que equivale a quase 20 milhões de votos e levou a disputa para o segundo turno. Plínio de Arruda Sampaio, representante do PSol atingiu a quarta posição num total de 886.816 votos, equivalente a 0.87%. Ele foi promotor público e deputado federal e atualmente preside a Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA).

Mas é importante salientar algumas peculiaridades existentes durante a campanha. Naquele ano muito se falou em questões polêmicas que envolviam diretamente o nome da candidata Dilma, questões principalmente contrárias às concepções religiosas dos brasileiros que são maioria no país.

Os meios de comunicação, em especial a internet, foram usados por grupos opositores, cidadãos comuns religiosos, internautas, entre outros, para divulgar mensagens, vídeos, imagens que acusavam Dilma como sendo favorável à descriminalização do aborto e à legalização da união civil de pessoas do mesmo sexo. Estas mensagens afirmaram, ainda, que Rousseff não era praticante de nenhuma religião e nem cria em Deus, entre outras questões. Assim, o *marketing* político da campanha, não conseguiu convencer a torrente religiosa, mesmo com o pacto assinado por Dilma entre representantes da Igreja Católica e segmentos evangélicos de que, caso eleita, não iria alterar a legislação brasileira.

Para mudar este quadro, a campanha do segundo turno foi intensificada com a presença maciça do, ainda, presidente Lula ao lado de Dilma, conforme é visto na reportagem da edição especial da Revista Veja de Novembro de 2010.

[...] A candidata petista acompanhou a apuração do primeiro turno ao lado do presidente Lula, no Palácio da Alvorada. Mas não houve a festa programada com antecedência. Apesar de vencer com mais de 47% dos votos válidos, Dilma chorou copiosamente. “Eu não vou aguentar mais um mês. Estou exausta, não aguento mais essa campanha”, desabafou a petista. [...] João Santana (**marqueteiro da campanha – grifo nosso**) foi cobrado por não conseguir antever a fuga dos votos dos religiosos na reta final. [...] “Se não houver uma reviravolta na campanha, a eleição está perdida”, chegou a sentenciar o deputado Ciro Gomes (PSB – CE). Não houve reviravolta alguma. A mudança mais substancial no segundo turno foi a postura da candidata – agressiva -, associada ao empenho absoluto de um Lula mais cabo eleitoral do que presidente. (VEJA, 2010, p. 43)

O pleito de 2010 foi então encerrado. Depois de quase três meses de disputa eleitoral, entre primeiro e segundo turnos Dilma obteve a maioria dos votos válidos (56,05%), contra os 43,95% de José Serra.

1.4 - Biografia de Dilma Rousseff

Dilma Rousseff, enquanto candidata ao posto da primeira mulher presidente do Brasil no pleito de 2010, é o principal objeto desta pesquisa monográfica. Como tal, para obtermos os resultados satisfatórios que buscamos, é preciso atermos à sua biografia. Este breve resumo é importante para conhecermos um pouco de sua vida política, sua posição enquanto militante, e os cargos exercidos por ela no governo antes de chegar ao poder máximo da democracia. A pesquisa foi realizada tendo como base dois *sites*⁹ de caráter oficial, acessados em 19 de julho de 2011.

Filha do poeta e empresário búlgaro naturalizado brasileiro, Pedro Rousseff, e da professora Dilma Jane da Silva, Dilma Vana Rousseff nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 14 de dezembro de 1947.

Em seus primeiros anos de vida estudou no tradicional Colégio Sion de Orientação Católica. No ensino médio matriculou-se no Colégio Estadual Central, hoje Escola Estadual Governador Milton Campos, onde começou a militar na *Polop*, (Organização Revolucionária Marxista - Política Operária), organização de esquerda contrária à linha do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Aos 16 anos, enfrenta os primeiros anos da ditadura militar e em 1967 casa-se com o jornalista Cláudio Galeno Linhares e ingressa no curso de Economia pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Depois da *Polop*, ingressou na Colina - Comando de Libertação Nacional - movimento que defendia a luta armada. Em 1969, é obrigada a deixar o curso de Economia por estar vivendo na clandestinidade. Usou vários codinomes como Estela, Luiza, Maria Lúcia, Marina, Patrícia e Wanda, para não ser encontrada pelas forças de repressão aos opositores do regime militar. Separou-se de Galeno e foi morar em Porto Alegre (RS), onde conheceu o advogado Carlos Araújo, militante de esquerda, com quem se casou, pela segunda vez, e teve sua única filha, Paula Rousseff Araújo. Neste mesmo ano, Colina e VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) se unem formando a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares).

No ano de 1970, foi presa e torturada no presídio Tiradentes, capital paulista. Condenada a seis anos e um mês de reclusão, sua pena foi reduzida para três anos pelo Superior Tribunal Militar. Porém seus direitos políticos ficaram cassados por dez.

⁹ Disponível em: <http://www.educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.jhtm>
<http://www2.planalto.gov.br/presidenta/biografia>

Livre da prisão no final do ano de 1972, Dilma volta à Porto Alegre e tenta novo vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em, 1975, entra como estagiária na FEE, Fundação de Economia e Estatística, órgão do governo gaúcho, dois anos depois foi demitida após ter seu nome incluído em uma lista de “subversivos”.

Com o marido Carlos Araújo, ajuda a fundar o PDT- Partido Democrático Trabalhista. Entre 1980 e 1985 trabalhou na assessoria da bancada estadual do partido. Um ano depois o então prefeito da capital gaúcha a convida para ocupar o cargo de Secretária da Fazenda.

Com a volta da democracia ao Brasil, Dilma participa da campanha de Leonel Brizola (PDT), no primeiro turno, à Presidente da República em 1989. Já no segundo, vai às ruas defender a candidatura de Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT).

No início da década de 1990, volta à Fundação de Economia e Estatística, agora como presidente. Torna-se secretária de estado de Energia, Minas e Comunicações em dois governos: Alceu Collares (PDT) e Olívio Dutra (PT) nos anos de 1993 e 1998. Filia-se ao PT em 2001.

No final do governo Fernando Henrique Cardoso (1995 - 2002) e início da “Era Lula” (2003 – 2010) o Brasil sofria com o medo do racionamento de energia. Porém o Rio Grande do Sul fora um dos poucos estados da federação que não passou pelo chamado “apagão”. Em 2002, Dilma é convidada a participar da equipe de transição e torna-se ministra de Minas e Energia.

Em 2005, preside o Conselho de Administração da Petrobrás, introduz o biodiesel na matriz energética brasileira e cria o programa “Luz para Todos”. Ocupa o cargo de Ministra-Chefe da Casa Civil, depois da cassação de José Dirceu acusado de corrupção. A ministra liderou programas como: “PAC- Programa de Aceleração do Crescimento”¹⁰ e do programa de habitação popular “Minha Casa Minha Vida”, além de coordenar a Comissão Interministerial encarregada de definir as regras da exploração das reservas de petróleo na camada Pré-Sal¹¹. Integrou, também, a Junta Orçamentária do Governo, que mensalmente avalia liberação e distribuição de recursos para as obras.

Em março de 2010, juntamente com Lula, lança a segunda fase do “Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2)”, que amplia as metas da primeira versão do programa.

¹⁰ Plano do Governo Federal que tem por objetivo estimular o crescimento da economia brasileira, através de investimentos em obras de infraestrutura (portos, rodovias, aeroportos, redes de esgotos, geração de energia, hidrovias, ferrovias, etc.). O PAC foi lançado em 28 de janeiro de 2007 no governo do Presidente Lula, e previa investimentos da ordem de 503,9 bilhões de reais até o ano de 2010. A partir deste ano foi lançado o PAC2

¹¹ É uma espessa camada de sal de aproximadamente 7 mil metros que conservam o petróleo e o gás encontrado a baixo dessa superfície. Estende-se numa faixa de 800 quilômetros do litoral dos Estados do Espírito Santo e Santa Catarina.

Em abril do mesmo ano Dilma afastou-se do cargo de Ministra-Chefe, obedecendo à lei eleitoral, para concorrer ao cargo de sucessor da Presidência da República. Depois de quase 3 meses de campanha, entre primeiro e segundo turno, Dilma Rousseff é eleita, no dia 31 de outubro de 2010, com mais de 56 milhões de votos, a primeira mulher Presidente do Brasil.

Como já foi adiantado, o objetivo desta pesquisa é analisar o discurso usado pela candidata Dilma Rousseff em seu programa político veiculado na TV, durante as eleições 2010. Para tal é preciso compreender essa posição ocupada pelo sujeito político, Dilma, dentro desse processo sócio-histórico-ideológico, e daí atingiremos nosso objetivo. A partir do próximo capítulo compreenderemos as noções pertinentes a Análise do Discurso.

Capítulo II

Análise do Discurso: Entendendo a Fala e a Posição do
Sujeito

II - ANÁLISE DO DISCURSO: ENTENDENDO A FALA E A POSIÇÃO DO SUJEITO

Analisar um discurso consiste em tentar descobrir, em suas entrelinhas, as vozes sociais que influenciam o sujeito ao utilizar um novo dizer em um dado momento sócio-histórico. Estas vozes são carregadas de ideologias e não são exclusivas de um único dizer, mas são heterogêneas. A ideologia, encontrada no complexo das formações sociais, é o que provoca no sujeito a sensação de ser o dono do que diz, como que sua fala fosse exclusiva, natural e, produzida livremente por ele. A ideologia encontra-se intrinsecamente ligada ao discurso; um não existe sem o outro.

A Análise do Discurso busca compreender, portanto, quais são os discursos e, os efeitos de sentidos acionados quando o sujeito sustenta este discurso em uma determinada posição sócioideológica. Sabendo disso, esta proposta monográfica visa descobrir do sujeito político, Dilma Rousseff, enquanto candidata, quais os discursos que ela sustenta e os efeitos de sentidos presentes em seu Programa Político, que fez parte do Horário Eleitoral Gratuito da Coligação “Para o Brasil Seguir Mudando”, liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) durante as eleições 2010. Entenderemos mais sobre efeitos de sentido ainda neste capítulo.

Para obter êxito em nossa pesquisa, é preciso compreender os conceitos que compõem a teoria da Análise do Discurso, pois somente assim destacaremos as influências das vozes sociais na construção do sujeito discursivo. São eles: Ideologia; Sujeito; Discurso; Formação Discursiva; Interdiscurso; Intradiscurso, e Condições de Produção do Discurso. Conheceremos na prática todos estes conceitos no terceiro capítulo desta pesquisa, já que este compreende por analisar o discurso coletado no *corpus*.

2.1 - Considerações Históricas da Análise do Discurso

Para entendermos de forma exitosa como se dá o discurso, objeto próprio da Teoria da Análise do Discurso, é preciso nos ater à escola francesa. De acordo com Helena Brandão (2004) a Análise do Discurso (AD), nesta perspectiva, nasceu por volta da década de 1960 quando o americano, Z. Harris, na obra “Discourse Analysis”, tentou mostrar a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente à frase. Apesar de ter dado grande contribuição para a construção e desenvolvimento da Teoria, esta obra colocava, ainda, o

discurso como simples extensão da linguística com o sentido encontrado dentro dela, negando qualquer reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção.

Mas foi Michel Pêcheux (1995) o fundador da Teoria da Análise do Discurso (AD) em sua forma acabada ao passo que pensou o discurso entre a língua (parte da Linguística) e a ideologia.

Como elemento de mediação entre o homem e sua realidade, a língua(gem) é o lugar de confronto ideológico e não pode ser estudada fora da sociedade, tendo em vista que os processos que a constitui são históricos-sociais. Para ele o discurso não é uma extensão da língua. Esta se apresenta como a base comum dos processos discursivos diferenciados; é onde há a possibilidade do discurso. Assim, as ações discursivas precisam dessa base para a produção das evidências de sentidos no discurso – a que faz com que uma palavra designe alguma coisa. A língua é o lugar onde o discurso e o sentido se materializa.

Entendemos, portanto, que o discurso é a expressão linguística do resultado da interação entre sujeitos relacionados em uma determinada formação social, estabelecida pelas condições de produção e reprodução social, onde existem intrinsecamente as ideologias, tendo em vista o que este significa e como são sustentados pelo sujeito que o defende, é determinado, também, por fatores sócio-históricos. Portanto para compreendemos melhor a conceituação de discurso é fundamental que entendamos a ideologia.

2.2 - Sobre a Ideologia

Como já foi colocado acima, o discurso é resultado, principalmente, da interação entre sujeitos que se relacionam em uma determinada formação social estabelecida pela reprodução das condições de produção, onde esta por sua vez, é movimentada tão somente pela ideologia. Louis Althusser (1974) em sua discussão sobre “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” (AIE), afirma que toda formação social surge de um modo de produção dominante, “podemos dizer que o processo de produção põe em movimento as forças produtivas existentes em e sob a vigência de relações de produção definidas.” (ALTHUSSER, 1974, p. 106). Assim para poder existir, toda formação social tem que reproduzir e, enquanto produz, tem que reproduzir as condições de suas produções, além de reproduzir as forças de trabalho que é assegurado pelo salário recebido pelo funcionário mês após mês. Nessa formação social, caracterizadamente capitalista, o autor deixa claro que para a força de trabalho se reproduzir

como tal, não basta assegurar as condições materiais de sua produção. A mão de obra deve ser competente, ou seja, qualificada e, por sua vez, reproduzida. É a partir dos diferentes níveis de qualificação que acontece a divisão técnica do trabalho.

Para Althusser, a reprodução da qualificação da força de trabalho tende cada vez menos a ser obtida na prática da própria produção, e sim, através do sistema educacional capitalista e outras instâncias e instituições, consolidadas nos Aparelhos de Estados, sejam eles os Repressivos ou os Ideológicos. É através destes que se aprendem “normas” de respeito à divisão técnica do trabalho e de ordens estabelecidas pela dominação de classes. Estes fornecem as “habilidades” ao trabalhador, e assegurem sua sujeição à ideologia dominante ou o domínio de sua “prática”.

O Estado assegura a dominação da classe dominante às relações e condições de exploração, através dos Aparelhos Repressivos de Estado (ARE) formado pelo Governo; a administração; o Exército; a polícia; os tribunais; as prisões; etc.; ou dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE): religioso (o sistema das diferentes igrejas); escolar (sistemas públicos ou particulares); jurídico; político (sistema político, incluindo os diferentes partidos); familiar; sindical; cultural (literatura, artes, esportes, etc.) e a informação (imprensa, rádio, televisão, internet). Nossa proposta monográfica se coloca no campo do Aparelho Ideológico Político, pois estudaremos o discurso da candidata Dilma Rousseff no seu Programa Eleitoral veiculado na TV, durante a campanha eleitoral de 2010.

De acordo com Helena Brandão (2004) as diferenças entre os aparelhos, apontadas por Althusser, estão em suas formas de funcionamento. Enquanto os ARE funcionam maciçamente pela repressão, (inclusive física) funciona secundariamente pela ideologia; já os AIE funcionam predominantemente pela ideologia e secundariamente pela repressão, mas somente no limite, onde esta é atenuada, dissimulada ou até simbólica entre estes aparelhos. Ainda de acordo com Brandão (2004, p. 23), “o funcionamento da ideologia dominante está concentrada nos AIE, a hegemonia ideológica exercida através deles é importante para se criarem as condições necessárias para a reprodução das relações de produção”. Os AIE são os responsáveis pela formação e qualificação do trabalhador, mas sob formas que assegurem a sujeição à ideologia dominante ou, a “prática” dessa ideologia.

Os Aparelhos Ideológicos de Estados considerados mais influentes por Althusser são: a Família, a Escola, a Igreja; sendo que este último já predominou por longas datas sobre a sociedade, e foi substituído pelo segundo juntamente com o primeiro e, agora, são os AIE dominantes, pois “desempenham um papel decisivo na reprodução das relações de produção

de um modo de produção ameaçado em sua existência pela luta de classes mundial” (ALTHUSSER, 1974, p. 123). O autor salienta que é nas formas e sob as formas de sujeição ideológicas que se assegura a reprodução da qualificação da força de trabalho. A partir disto, seria inevitável não atentarmos para uma realidade tão presente na sociedade: a Ideologia.

De acordo com Althusser (1974) o termo ideologia foi usado primeiramente por Cabanis, Destutt de Tracy e seus amigos e designava a teoria genética das ideias. Anos mais tarde Marx e Engels se aprofundaram neste estudo atribuindo-lhe o significado de montagem imaginária da realidade, ou seja, a ilusão do que era vivido. “Ali, a ideologia é o sistema de ideias e representações que domina a mente de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1974, p. 123). Para Marx a ideologia era uma montagem imaginária, um puro sonho, vazio e fútil, fabricado pela alienação da divisão do trabalho. Ele afirmava ainda que a ideologia não tinha uma história própria. Para Louis Althusser a tese marxista é puramente negativa ao assumir estes sentidos.

Ao propor uma teoria das ideologias, Althusser diz que estas se baseiam, na história das formações sociais, dos modos de produção organizados, e das lutas de classes que se desenvolvem nestas formações. Ele afirma existir dois tipos de ideologias as “Particulares” ou “Regionais” que são formadas por segmentos religiosos, éticos, jurídicos, políticos, etc. e possuem uma história determinada nas posições e luta de classes, e a “Ideologia em Geral”, ou de “Classe” que, esta sim, não possui história, dito num sentido positivo.

Esse sentido é positivo - se é verdade que a peculiaridade da ideologia está em ela ser dotada de uma estrutura e funcionamento tais que a tornam uma realidade a-histórica – no sentido de essa estrutura e funcionamento serem imutáveis, acharem-se presentes de uma mesma forma em tudo o que chamamos história, [...] isto é, a história das sociedades de classes. (ALTHUSSER, 1974, p. 125)

Sendo assim, a “Ideologia em Geral” não tem história porque é eterna, pois está presente desde o princípio das sociedades, e suas variações e, nas formações das classes sociais.

Para Althusser, a ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência, ou seja, é tudo aquilo que o indivíduo acredita como verdade absoluta, seu mundo real, e como isso influencia sua vida e seu modo de viver. Pensando assim, o autor chega ao ápice de sua discussão e insere a ideologia no campo das práticas.

O teórico francês afirma que o que “os homens” “representam para si” dentro da ideologia, em que ele está inserido, não são as suas situações reais de existência, ou o seu mundo real, mas é acima de tudo a sua relação com essas condições de existência dentro da ideologia. É nesta “representação” que o homem vai pôr em prática o que é determinado pela ideologia, pois somente assim será garantido as suas condições de existência.

Estas “representações” ou “ideias” não se dão em um campo espiritual ou ideal, mas sim em um campo material através dos Aparelhos Ideológico de Estados, pois é nos AIE e nas práticas relacionadas a eles, que a ideologia existe e se materializa.

A ideologia, sendo uma relação imaginária dos indivíduos com as relações reais em que vivem, tem existência material, pois, está atrelada às práticas do indivíduo consciente de sua verdade absoluta. Ao promover essa prática o indivíduo se configura em sujeito dotado de uma consciência, em que ele forma ou reconhece livremente as ideias¹² em que acredita. Dessa forma o comportamento do sujeito se torna material.

O indivíduo em questão porta-se de tal ou qual maneira, adota tais e tais comportamentos práticos e, mais importante, participam de algumas práticas submetidas a regras, que são as do aparelho ideológico de que “dependem” as ideias que ele, com plena consciência, livremente escolheu como sujeito. Se acredita em Deus, ele vai à igreja assistir à missa, ajoelha, reza, confessa-se, faz penitência e, naturalmente, arrepende-se, e continua etc. Se acredita no Dever, ele tem as atitudes correspondentes, inscritas em práticas rituais “de acordo com os princípios corretos”. Se acredita na Justiça, submete-se sem discussão às normas do Direito e pode até protestar quando elas são violadas, assinar petições, participar de manifestações etc. (ALTHUSSER, 1974, p. 129)

As ações e práticas materiais do sujeito correspondem àquilo em que ele acredita. As ideias que sua consciência atrelada aos AIE, lhe inspira e o faz aceitar livremente sua categoria de sujeito, através dos rituais que este pratica. Por isso não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para o sujeito. Assim, Althusser afirma que a categoria de sujeito é a categoria constitutiva de qualquer ideologia, seja qual for sua determinação e datação histórica, já que a ideologia não tem história. Mas a categoria de sujeito só é constitutiva de qualquer ideologia, na medida em que toda ideologia tem a função de “constituir” indivíduos concretos como sujeitos.

¹² Ideias no sentido colocado por Louis Althusser não se refere à ideias dotadas de existência ideal ou espiritual, como era colocado por Marx ao tentar formular uma teoria da ideologia. Mas no sentido de atos ou práticas regidos por rituais que se definem por um aparelho ideológico. Ver melhor em (ALTHUSSER, 1974, p. 131)

O autor mostra, ainda, que mesmo antes de ser interpelado pela ideologia, o indivíduo é sempre já sujeito. Para chegar a essa conclusão ele diz que a categoria de sujeito é uma evidência básica, um efeito ideológico elementar, que não exige questionamentos.

[...] é uma peculiaridade da ideologia impor (sem aparentar fazê-lo, já que se trata de “evidências”) as evidências como evidências que não podemos deixar de reconhecer e diante das quais temos a inevitável e natural reação de exclamar (em voz alta ou no silêncio da consciência): É evidente! É isso mesmo! É verdade (ALTHUSSER, 1974, p. 132)

Para o teórico, essa evidência se dá a partir do momento que praticamos rituais de reconhecimento ideológicos, o qual nos garante que somos de fato sujeitos concretos, individuais, distinguíveis e insubstituíveis. Esse ritual do reconhecimento ideológico é cotidiano em nossas vidas como, por exemplo, o ato de apertar a mão de um conhecido, o fato de eu o (a) chamar pelo nome, etc., só nos dá a “consciência” de nossa prática incessante (eterna) desse reconhecimento.

Portanto, a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. Já que a ideologia é eterna, devemos agora eliminar a forma temporal em que expusemos seu funcionamento e dizer: a ideologia sempre já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que equivale a deixar claro que os indivíduos são sempre já interpelados pela ideologia como sujeitos, o que nos leva, necessariamente, a uma última proposição: os indivíduos são sempre já sujeitos. (ALTHUSSER, 1974, p. 134)

Para deixar claro: Se a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, e é eterna, então ela sempre interpelou os indivíduos em sujeitos, logo os indivíduos são sempre sujeitos.

Althusser diz existir dois tipos de sujeitos em todas as formas de ideologia, e os define da seguinte forma: No sentido corrente do termo, sujeito significa uma subjetividade livre, um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos. No segundo sentido, é um ser sujeitoado, que se submete a uma autoridade superior e que, portanto, é desprovido de qualquer liberdade, exceto a de aceitar livremente a sua submissão. Neste último caso, ele fala do sujeito ideológico, àquele interpelado pela ideologia inserida nos Aparelhos Ideológicos de Estado em que vive nas práticas pertinentes a estes. Já no primeiro caso, ele fala de um “Sujeito” “Absoluto”, “Único” e “Central” que subjuga os sujeitos.

O que equivale a dizer que toda ideologia é centrada, que o Sujeito Absoluto ocupa o lugar singular do centro e interpela ao seu redor a identidade de indivíduos a se tornarem sujeitos, numa dupla relação especular, [...] (ALTHUSSER, 1974, p. 137)

A estrutura de qualquer ideologia, ao interpelar os indivíduos como sujeitos em nome de um “Sujeito Único e Absoluto é especular, ou seja, uma estrutura de espelho, onde um lado necessita do outro para dar continuidade às práticas ideológicas. Essa necessidade de duplicação é o que faz funcionar a ideologia. Os sujeitos praticam e se espelham no Sujeito como forma de autoafirmação na ideologia.

Para Michael Pêcheux (1995) a existência espontânea do sujeito, já discutida por Althusser (1974), acontece graças ao processo de interpelação-identificação. Esse processo consiste em fazer com que cada sujeito, sem que ele tome consciência disso, mas ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade, aceite livremente sua posição dentro das relações sociais jurídico-ideológicas.

Como estudioso do discurso como exterior à língua, Michel diz que esse sujeito, interpelado, se constitui em um sujeito falante, a partir do momento que este entende o que ouve, lê, escreve. O autor diz que a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados; ela é a base para a possibilidade do discurso, e os processos discursivos precisam dessa base para a produção das evidências de sentidos no discurso – a que faz com que uma palavra designe alguma coisa. A língua é o lugar onde o sentido se materializa.

2.3 - Formação Discursiva – Onde Nasce o Sentido do Discurso

Ao propor a tese sobre o caráter material do sentido, Pêcheux (1995) utiliza como base a evidência da existência de sujeito, já discutido acima. O processo de interpelação-identificação produz um sujeito falante que acredita ser o dono do seu dizer, mas é a ideologia que designa o que é e o que deve ser. Ela é que fornece a evidência do significado de todas as coisas no universo. Estas evidências fazem com que um enunciado diga o que realmente quer dizer e, sob a falsa “transparência da linguagem”, mascaram o caráter material das palavras e do enunciado, além de determinar como o sujeito diz.

Segundo Michel Pêcheux (1995), o sentido de uma palavra, expressão, preposição, não existe por si só e nem em si mesma, mas é determinada pelas posições ideológicas

presentes no processo sócio-histórico das formações sociais. “Mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas” (PECHEUX, 1995, p. 160). Formações ideológicas (FI) é o mesmo que Aparelhos Ideológicos de Estado definido por Althusser.

Para Haroche (*apud* BRANDÃO, 2004, p.47) “cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes de conflito umas em relações às outras”. São, portanto, as posições ocupadas pelo sujeito dentro de uma conjuntura sócio-histórica dada.

Para Pêcheux as formações discursivas são aquilo que, numa formação ideológica – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - pode e deve ser dito pelo sujeito. As posições que o sujeito ocupa em uma determinada FI é o que determina o sentido nas formações discursivas (FD). Por exemplo, um sujeito religioso sempre trará consigo um discurso religioso, através da reza, oração; já um discurso científico será sempre inerente a um sujeito inserido nessa formação ideológica, através de uma monografia, dissertação, tese.

Para o autor são as FD que dão o sentido as palavras, expressões, preposições, porém dependem das posições sustentadas por esse sujeito dentro de uma FI.

[...] as palavras, expressões, preposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas, **pois estes elementos não possuem sentidos em si mesmo** (PÉCHEUX, 1995, p. 160, grifo nosso)

Podemos dizer então que as palavras não têm um único sentido determinado, mas são mudados conforme muda a posição daqueles que as empregam dentro de uma determinada formação ideológica.

Os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que representam, “na linguagem”, as formações ideológicas que os correspondem. Dessa forma, explica Eni P. Orlandi (2007), os sentidos serão sempre determinados ideologicamente, isto é, na maneira como a ideologia produz seus efeitos, e materializa-se dentro do discurso.

Ainda segundo Eni Orlandi “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2007, p. 43). A formação do sentido, como já foi visto, vai depender - além da formação discursiva em que o sujeito está inserido - de uma memória discursiva que cada sujeito, independentemente, já possui, pois já está sempre presente na FD que o determina. Essa memória discursiva nada mais é do que o Interdiscurso ou Pré-construído, que iremos compreender a partir de agora.

2.4 - Interdiscurso, o Já Dito em Outro Lugar Independentemente

Em Pêcheux (1995, p. 99) o termo “pré-construído” foi usado de forma pioneira por P. Henry “para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. Ou seja, o efeito pré-construído é, portanto, todo elemento linguístico que irrompe o enunciado como se sempre existisse em outro lugar, fazendo sentido lá.

O pré-construído ou interdiscurso são a memória discursiva que cada sujeito aciona no momento em que pronuncia um novo dizer. Pêcheux enfatiza a existência que este elemento influencia o discurso proferido pelo sujeito, dentro de sua formação discursiva.

Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995, p.162)

Para Pêcheux não existe um discurso puramente único, ele sempre estará influenciado a outro já dito em outro lugar. Este ‘já dito’ é determinado pela ideologia que torna evidente o sentido de tudo o que o sujeito ouve, vê, lê ou escreve, o que vai dar a evidência da transparência da linguagem e o de origem do dizer. Esse sentido, portanto depende da posição do sujeito dentro de uma formação discursiva determinada por sua formação ideológica. No momento em que o sujeito pronuncia um discurso acredita ser o primeiro a usar aqueles elementos linguísticos, daquela forma no momento dado de sua pronúncia, como se as palavras obtivessem sentidos próprios e, que ao se unirem a outras, formassem o sentido para

o discurso proferido. Pêcheux diz que isto se dá, por que o sujeito não conhece o que determina suas ações e dizeres. No momento em que é interpelado pela ideologia, (e ele sempre já o é), se torna sujeito falante, sujeito de seu discurso, por sua identificação com a formação discursiva que o domina.

[...] o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito) [...] (PÊCHEUX, 1988, p.163)

Esta ilusão idealista de que o sujeito é o próprio dono do seu discurso, impõe um assujeitamento sob a aparência de autonomia, transforma-o em uma forma-sujeito, por meio do qual se dá, na identificação do sujeito consigo mesmo e com a formação discursiva que o subjuga.

A identificação com a formação discursiva que domina o sujeito apóia-se em dois elementos do interdiscurso: o “Pré-construído” e a “Articulação”. Estes elementos são re-inscritos no discurso do próprio sujeito, pois, também constituem os traços daquilo que o determina.

O “Pré-construído” corresponde ao “sempre-já-ai” da interpelação ideológica e que fornece ao sujeito a forma universal do sentido das coisas. Já o efeito de “Articulação”, é a forma-sujeito se constituindo enquanto compositor de um texto. A articulação, ou “processo de sustentação”, está em ligação direta com o intradiscurso, que vamos conhecer a partir de agora.

2.5 - Intradiscurso

Na Teoria da Análise do Discurso outro fenômeno é relevante para a compreensão do sentido nos discursos dos sujeitos. O intradiscurso. Este é o responsável pelo processo de organização e articulação dos elementos linguísticos de uma formação discursiva em referência a uma formação ideológica.

[...] intradiscurso, isto é, o funcionamento do discurso em relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi

depois: portanto, o conjunto dos fenômenos de “co-referência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio discursivo”, enquanto discurso de seu sujeito) (PÊCHEUX, 1988, p. 166)

Podemos dizer, portanto, que o intradiscurso acontece como um conjunto de pré-construídos relacionados e articulados. No momento em que o sujeito compõe seu dizer, faz referência a outros discursos (interdiscursos) que articulados formam o fio discursivo. Para sermos concisos, o intradiscurso é a ligação de ideias (pensamentos, palavras) pré-construídas (memória) que se desenrolam entre si até formar um discurso que faça sentido aos sujeitos receptores e emissores da mensagem. Portanto, no momento em que a memória discursiva é acionada para a construção do intradiscurso, a forma-sujeito acaba por dissimular o interdiscurso no intradiscurso, anulando o primeiro em relação ao segundo.

[...] diremos que a forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver/esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso apareça como o puro “já-dito” do intra-discurso no qual ele se articula por “co-referência” (PÊCHEUX, 1988, p. 167)

Como já fora dito no sub-tópico acima a forma-sujeito, que nada mais é do que a identificação do sujeito consigo mesmo e com a formação discursiva que o constitui, dá ao sujeito a ilusão de que ele próprio é o dono de seu discurso, e que esse discurso não tem influentes externos. O sujeito sob a forma-sujeito se considera livre em seu dizer e dono de suas opiniões e expressões.

2.6 - Condições de Produção do Discurso

Como já fora visto ao longo desse capítulo, é na língua que se constitui a possibilidade do discurso, segundo Michel Pêcheux (1995) é nela e através dela que se materializa a ação discursiva de um sujeito. Só que todo e qualquer discurso é determinado pela ideologia, e pela conjuntura sócio-histórica a ele atrelado e, são através desses elementos que se pode compreender a condição de produção de um determinado discurso. Dentro da AD as Condições de Produção (CP) são a parte fundamental para se fazer a análise de qualquer

discurso. Ela compreende-se na forma como o discurso é influenciado para sustentar aquele sentido.

Para Moisés Silva (2003, p. 32) as Condições de Produção são compreendidas como sendo “as formas concretas pelas quais o discurso é influenciado a ser de uma determinada forma”. O autor ainda diz que a compreensão de como se dá as CP é o principal meio sobre o qual “o analista pode registrar os efeitos de sentido produzidos em determinado discurso”. As Condições de Produção se dividem em duas formas pelas quais os discursos tomam rumos de sentidos diferentes. A primeira forma é a da situação imediata, que consiste no dado momento da produção do discurso, onde o sujeito recebe as informações e entendem o que elas querem dizer por aquela situação. E a segunda consiste na situação mediata, ou seja, mais profunda, que depende de um contexto sócio-histórico-econômico-ideológico para que obtenha o sentido pelo qual esse mesmo discurso foi proferido.

Quando falamos em *instância imediata* queremos dizer que o conjunto de situações em que o discurso plausivelmente ser observado. O conteúdo de informações coletadas nesse nível é próximo ao utilizado pela análise de conteúdo, mas não é suficiente para a AD. Nesse caso, é necessário também compreender o funcionamento da *instância mediata* do discurso que é a relação do discurso com a sua historicidade, com a sua memória, aspectos trazidos remotamente que fazem o discurso significar (SILVA, 2003, p. 32 - 33)

A CP é determinada por uma memória discursiva (interdiscurso) esquecida que está atrelada ao contexto sócio-histórico. O dito em outro lugar independentemente sempre irá obter um lugar para a condição da produção do sentido no discurso.

Orlandi (2007) explicou as CP em um singular exemplo: época de eleição em um *campus* para reitor universitário. Ela diz que logo na entrada existe uma grande faixa preta escrito em letras largas na cor branca: “vote sem medo!”. Em seguida vinha a explicação de que os votos não seriam identificados, logo abaixo, o nome de entidades de representantes de funcionários e professores.

[...] o contexto imediato é o campus onde a faixa foi colocada, os sujeitos que a “assinam” (entidades de funcionários e docentes), o momento das eleições e o fato do texto ter sido escrito em uma faixa e não em outro suporte material qualquer. O contexto amplo (**ou instância imediata**) é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições, entre elas a Universidade, no modo como elege representantes, como organiza o poder,

distribuindo posições de mando e obediência. E, finalmente, entra na história, a produção de acontecimentos que significam na maneira como cores como o negro está relacionado ao fascismo, à direita, e o vermelho ao comunismo, à esquerda, segundo o imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas. (ORLANDI, 2007, p; 31, grifo nosso)

Dessa forma, fica claro que as Condições de Produção não estão atreladas ao “dito” do momento do discurso, e sim à memória discursiva que remete ao “dito em outro lugar da ideologia”. Portanto é preciso que o analista da AD se debruce sobre os contextos imediatos e mediatos para que sejam compreendidos todos os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso.

2.7 – Dilma como Sujeito Espetacular

Como já foi colocado, o nosso objetivo aqui é analisar o discurso de Dilma Rousseff enquanto candidata à Presidente da República nas eleições de 2010, que será feito no terceiro capítulo desta. Para tal, tomamos como base o Programa Eleitoral, que faz parte da Propaganda Política, para ter a partir disso o *corpus* a ser estudado.

Mas antes de tudo, é preciso entender como se dá o processo da Propaganda Política no Brasil. Como sabemos, depois da redemocratização do país, os brasileiros elegem seus representantes de dois em dois anos. Sendo que em um momento as eleições são voltadas para ocupação dos cargos de presidente, governadores, senadores e deputados federais e estaduais; e em outro para prefeito e vereadores. E, a partir desse processo, as campanhas eleitorais, começaram a ser mais incisivas na sociedade brasileira.

Podemos tomar como exemplo o *marketing* político realizado na campanha do ex-presidente Fernando Collor de Melo que se sobressaiu, às demais, por em especial ser construído um personagem espetacular para ele: o Líder Charmoso. Conforme vimos sua definição, e as dos demais personagens espetaculares no primeiro capítulo dessa monografia, o Líder Charmoso gosta, portanto de publicidade, chama atenção pela sua beleza e jovialidade, além de tentar ser o mais amigável podendo assim ser de igual forma para todas as classes sociais. Nesta campanha Collor se vestiu desse personagem, pois usara como estratégia, uma denominação atribuída pela imprensa: “Caçador de Marajás”. Esta lhe foi possível, por causa de suas ações em combate a alguns políticos que recebiam altos salários e desproporcional as suas funções, enquanto governador do Estado de Alagoas em 1986. Com

esta intitulação, ele se postulou ao cargo de presidente, anos depois, e aí a campanha feita para ele, o colocando como o jovem líder que combatia a corrupção, e que se enquadrava a qualquer necessidade da população.

Outro exemplo de propaganda eleitoral de grande destaque na História do Brasil foi a de Luís Inácio Lula da Silva, em 2002, quando ganhou as eleições presidenciais. A imagem de homem autoritário, comunista e arrogante mostrada nos anos anteriores (1989, 1994, 1998) que disputou as eleições presidências, foi trocada pelo “Lula Paz e Amor”, quando ele se vestiu do personagem espetacular: Igual a Todo Mundo. Aquele homem comum, trabalhador assalariado que por causa do seu suor, ideais e força de vontade chegou ao lugar máximo do Poder. Aquele que corresponde as expectativa da classe menos favorecida e por causa disso conhece as necessidades e mazelas do povo, e a partir daí cria subsídios sociais para ajudar a população que representa.

E, não podemos deixar de mencionar a Propaganda de Dilma. Quando tentou apagar a imagem de mulher autoritária típica da personagem do poder, A-Mulher Política, e tentou se colocar com a “Mãe de Todos” – definido por nós - já que diz querer governar tanto para os ricos, quanto para os pobres, baseados nos projetos sociais idealizados no governo Lula. Ela se vestiu de uma imagem mais feminina, complacente, e compreensiva. Uma imagem diferente daquela mostrada enquanto Ministra Chefe da Casa Civil, e já vista no primeiro capítulo desta pesquisa.

Quando falamos nesses personagens do poder, nos remetemos a Schwartzberg (1977) que mostrou em seu ensaio “O Estado Espetáculo”, que para se manter ou adquirir o Poder, os políticos se vestem de determinados personagens, pois acreditam que assim a população enxergará neles a solução, naquele dado momento histórico, para os problemas ou até mesmo, para suprir a necessidade de espetáculos que essa sociedade espetacular, descrita por Guy Debord (2003), tem. Este último teórico afirmou, antes de Schwartzberg, que a sociedade de consumo é levada pela imagem do real, que cria suas esperanças e sonhos baseados na espetacularização da realidade e tendo como principal veículo para esta a Televisão, o cinema, e, contemporizando, podemos colocar a internet, porém não é objeto nosso.

Fazendo uma relação do que foi descrito por esses autores e comparando com as Propagandas Políticas que destacamos como as principais em termos de estratégias da história da redemocratização do país, até o momento, vemos assim a influência dos personagens

políticos, como também das produções audiovisuais construídas para colocar os personagens em seu ambiente de dramatização.

Percebemos que durante a campanha de Collor o personagem criado por e para ele foi envolvido em produções visuais que a garantiam veracidade do personagem. Assim como aconteceu com Lula, na campanha de 2002, e com Dilma, em 2010, onde seus personagens, já citados, se mesclavam nos cenários criados para eles, onde podiam atuar e se sentir em seus ambientes naturais.

Com essa construção de cenários e personagens, a política espetacular mexe com o imagético e o emocional dos eleitores-cidadãos, sob a forma de lhes seduzirem para que, dentro desta sociedade do consumo espetacular, estes elejam, “comprem”, e se identifiquem, ao ponto de considerá-los da família, e dessa forma perpetuar o poder de muitos ao invés de considerarem a forma de governo exercida por estes políticos.

Como já foi colocado nesse capítulo, é a ideologia que interpela os indivíduos a se reconhecerem nela e assim se tornarem seus sujeitos. O sujeito pratica a ideologia e em sua fala (dizer) é possível identificar qual a posição que ele ocupa, nela, e tudo o que pode e deve ser dito a partir desta posição. Levando esta definição dada por Pêcheux (1995) e aliando ao que foi colocado por Schwartzberg sobre personificação do poder identificamos, portanto, Dilma Rousseff como sujeito ideológico político, ou ainda como sujeito espetacular da ideologia.

Dilma reconhecida como sujeito ocupando sua posição: candidata a presidência da república nas eleições 2010 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), tem seu discurso pertinente a esta posição (pede voto; pronuncia palavras de efeito perante a população; acusa os adversários, etc.) e suas práticas são como tais (faz comícios; propaganda eleitoral; aperta a mão da população; segura criança no colo, etc.). Enquanto sempre-já-sujeito, ao praticar as ações pertinentes a sua formação ideológica, Dilma se insere também no campo do espetáculo ao usar o seu personagem: “Mãe de Todos” para se eleger como a primeira mulher presidente da história do Brasil. Dessa forma, os políticos ao se vestirem de personagens criados e copiados por e para si, se colocam no campo do espetáculo como sujeitos espetaculares.

A partir do próximo capítulo conheceremos e analisaremos os discursos usados por Dilma Rousseff em seu Programa Eleitoral dentro do horário reservado para a coligação: “Para o Brasil Seguir Mudando”, comandada pelo PT e veiculada na Televisão durante as eleições presidenciais de 2010.

Capítulo III

Da Coleta à Análise do Corpus

III - DA COLETA À ANÁLISE DO CORPUS

O terceiro e último capítulo desta monografia consiste em analisar os discursos de Dilma Rousseff nas Eleições 2010 para Presidente da República no Brasil.

O primeiro turno da campanha eleitoral gratuita veiculada na TV ocorreu do dia 17 de agosto ao dia 30 de setembro, sendo disponíveis para os presidentiáveis as terças-feiras, quintas-feiras e sábados. As apresentações dos candidatos se davam em dois horários, sendo o primeiro às 13h00min da tarde, e sua reprise às 20h30min da noite. Foram disponibilizados 50 minutos de propaganda divididos entre os candidatos a presidente e a deputado federal, nestes dias. O tempo reservado para os candidatos à presidência era determinado com base no número de assentos ocupados pelos partidos das suas coligações na Câmara dos Deputados, em Brasília. O montante disposto para a propaganda de Dilma Rousseff era de 10 minutos.

Já no segundo turno da campanha eleitoral se deu nos dias 05 a 29 de outubro, sendo disponibilizados todos os dias da semana, inclusive o domingo, para a campanha de candidatos a presidente e governador que não obtiveram a maioria dos votos na primeira fase das eleições. A TV dispunha de 20 a 40 minutos para a propaganda, que, era exibida no mesmo horário do primeiro turno e reprisada a noite, de igual forma. O tempo reservado para Dilma ainda continuava de 10 minutos. Ao todo foram realizadas 45 propagandas para a TV, sendo que no primeiro turno foram 20 exibições para cada candidato, e no segundo, 25.

O material coletado para o *corpus* foi extraído do site *youtube*¹³, especializado em vídeos, no período de janeiro a fevereiro de 2011. Fez-se necessário coletar todos os vídeos da campanha; usamos como critério a seleção temporal, partindo do primeiro programa do primeiro turno até o último do segundo turno. Mas, como nossa análise está para uma proposta monográfica, não se faz necessário nos alongar e analisarmos todos os 45 programas. Por isso nos detemos apenas a quatro, sendo dois do primeiro turno e dois do segundo, pois, baseada apenas nestes, conseguiremos atingir nosso objetivo, que é o de descobrir os efeitos de sentido existentes no discurso da candidata Dilma Rousseff.

O método de coleta ainda se deteve na transcrição das falas dos personagens existentes nas cenas do Programa Político, e, a partir deste, decorreu a análise dos discursos obtidos. Para tal, nos utilizaremos da teoria da escola francesa da Análise do Discurso de Michel Pêcheux. A análise foi realizada através de enunciados, que nada mais são do que recortes das

¹³ Site de relacionamento onde é possível encontrar e divulgar vídeos de todos os tipos (www.youtube.com.br)

falas transcritas dos personagens para forma de texto, os quais transmitem efeitos de sentido. Abreviamos a palavra “enunciado” para a letra “E”; ela será seguida de um número que se estenderá em uma sequência, ficando desta forma: E1, E2, E3, ..., E10, ..., E25, etc. A marcação se dá de forma contínua para todas os programas, tanto do primeiro turno, quanto do segundo, em vista de se ter ao final o todo discursivo nas falas da candidata do PT. No momento das análises dos enunciados, destacamos as falas transcritas em negrito, como forma de facilitar a identificação das mesmas.

3.1 - Apresentando o Programa Eleitoral Gratuito

Nos programas eleitorais a serem analisadas a distinção de cada marcação enunciativa foi realizada através de denominações como Locutor; Locutora; Apresentador; Apresentadora 1; Apresentadora 2; Sonoras; Dilma; Lula. A marcação denominada de Locutor se deu pela voz narrativa feita por um homem, e Locutora pela voz de uma mulher, sendo que esta aparece esporadicamente. Os apresentadores são os que se mostram no vídeo e que interagem de forma dinâmica entre si. Vemos um único Apresentador que se intercala entre duas Apresentadoras. A marcação entre elas se deu de forma aleatória seguindo assim até o final de cada propaganda. A que se apresentava primeiro foi dada a marcação “Apresentadora 1” e, à segunda, a marcação “Apresentadora 2”, de forma que, as identificássemos facilmente já que não eram dispostos seus nomes em forma de legenda nestas apresentações.

A denominação Sonora foi destinada a pessoas comuns e distintas, que, muitas vezes se apresentavam com seus nomes, profissão, ou qualquer outra informação relevante, em forma de legenda, e que proferiam alguma opinião referente ao assunto do programa ou de forma aleatória, e para os que apenas apresentavam suas imagens e falas, sem ter os nomes divulgados, que proferiam opiniões de forma dinâmica e casual.

3.2 - Análise do Corpus

3.2.1 - Pra Frente: O Brasil Mudou

Começaremos por analisar o primeiro programa do primeiro turno que ocorreu na terça-feira, dia 17 de agosto de 2010, às 13h00min da tarde, com sua reprise às 20h30min da

noite. Este dia marcava o início da propaganda gratuita e obrigatória veiculada nas TV's e rádios de todo o Brasil. Com pouco mais de um mês para as eleições presidenciais, os candidatos se dividiam entre viagens, comícios, que faziam parte em imagens e áudios, de seus Programas Eleitorais, e ainda da participação na gravação da propaganda.

Entre as questões mais polêmicas da campanha de 2010 estavam assuntos relacionados a descriminalização do aborto, casamento e união de pessoas do mesmo sexo, religião, privatização, políticas de gestão da Petrobrás e das reservas do Pré-Sal, Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), erradicação da pobreza, planos de ação para saúde pública destinadas aos dependentes químicos, legalização da maconha, manipulação de informações pelos comitês de campanha, correligionários, ou eleitores declarados, a um ou outro lado, divulgados em especial pela internet.

E1 - LOCUTOR: Começa agora o Programa Dilma Presidente.

Mudança. Essa é a palavra que melhor define o Brasil hoje. Com fé e confiança o brasileiro se acostumou a conjugar o verbo mudar. Mudar seu país, sua vida, sua região. Com estabilidade, sem sustos, sem conflitos. Com Lula a gente aprendeu como isso é bom e quer seguir mudando, quer seguir em frente, quer seguir no rumo certo.

Neste primeiro enunciado, o **Locutor** começa acionando um discurso religioso, que está localizado dentro de um discurso político, quando remete à expressão: **Com fé e confiança**. Em **E1** é possível notar, ainda, que existe um efeito de sentido em relação ao verbo “mudar”: **Mudança. Essa é a palavra que melhor define o Brasil hoje. Com fé e confiança o brasileiro se acostumou a conjugar o verbo mudar. Mudar seu país, sua vida, sua região** - o qual nos remete a um discurso contraditório. Ora, se o presidente está lançando a candidatura de uma pessoa que atua, diretamente, no seu partido, então para quê mudar? Nesse caso, a expressão foi aplicada de duas formas. Vejamos quais:

Pelas Condições de Produção do Discurso (CP) sabendo que o Partido dos Trabalhadores (PT), a que pertence Lula e Dilma, sempre foi considerado de esquerda, e, que, a partir da volta das eleições diretas no ano de 1989, Lula sempre concorreu sem chegar ao poder, até 2002 quando foi eleito. O Brasil ficou, durante esse tempo, sendo governado por partidos de direita. Desta forma, o verbo “mudar”, próprio do discurso político-brasileiro, está representado no enunciado como uma transformação que o país pôde acompanhar a partir do governo Lula e que não foi conquistado nos governos anteriores considerados de direita.

Isso é colaborado na expressão: **Com Lula a gente aprendeu como isso é bom e quer seguir mudando, quer seguir em frente, quer seguir no rumo certo**. Sendo assim, o verbo aparece como mudança nas formas estruturais de se governar, nas ações tomadas por

Lula que mudaram a maneira de trabalhar pelo país, como pode ser notado em: **Mudar seu país, sua vida, sua região.** Assim, o verbo, nesse enunciado, é antagônico aos processos realizados pelos governos anteriores ao de Lula.

Mas entendemos ainda, que, o verbo em questão vem sendo representado na perspectiva de escolha de candidato. Como Lula não poderia se candidatar pela terceira vez, tendo em vista a lei que permite apenas uma reeleição, criada por Fernando Henrique Cardoso, ele lançou um candidato de sua confiança, de seu partido, para destacar a mudança que ele proporcionou ao país no período dos 8 anos de seu governo - **Com Lula a gente aprendeu como isso é bom e quer seguir mudando, quer seguir em frente, quer seguir no rumo certo.** A expressão representa a escolha pelo povo brasileiro, de um novo candidato que pudesse dar continuidade as ações de governo, estabelecidas pelo, ainda presidente, Luis Inácio Lula da Silva.

Ainda sobre a questão da palavra mudança, há um não-dito no trecho - **Com estabilidade, sem sustos, sem conflitos** - que aciona um interdiscurso ligado às políticas monetárias dos governos anteriores que sempre prejudicaram o Brasil. Por exemplo, o Plano Cruzado de José Sarney, o Plano Collor de Fernando Collor de Melo, que, trouxeram um grande rombo para a economia brasileira. Essas políticas monetárias promoveram uma reviravolta no sistema vigente previdenciário, prejudicando os grandes e pequenos empresários, os trabalhadores assalariados, o Estado, pois houve congelamento de salários, recessão, e alta inflação que deixou os brasileiros preocupados. Logo, a palavra mudança ficou consolidada como sinônimo de catástrofe econômica para o Brasil, pois, remetida a termos de questões estruturais de governo ela sempre aciona, interdiscursivamente, um trauma gerado pelas políticas monetárias dos governos anteriores.

E2 - DILMA: É muito bom começar essa campanha aqui nas margens do Chuí, onde acaba e ao mesmo tempo começa o Brasil.

LULA: E é muito bom Dilma lhe responder da nossa região norte onde o Brasil também começa e termina. Eu aqui no calor que faz a beira do rio Madeira e você aí no frio do arroio Chuí. Desse jeito a gente pode dar um abraço no nosso povo, um abraço do tamanho do Brasil, e anunciar o início de um novo tempo.

Neste segundo enunciado, percebemos que Lula e Dilma, estão em pontos distintos e extremos do Brasil. Obtemos a explicação observando as CP de cada parte, o que nos leva a entender o posicionamento estratégico dos personagens. Estes se põem em lugares onde se sentem mais acolhidos. Dilma, na Região Sul, onde está localizado o Rio Grande do Sul, estado onde morou e foi a primeira secretária de Minas e Energia. Já Lula se põe na Região

Norte do país uma das regiões onde sua aceitação é maior e obteve o maior número de votos nas eleições de 2002 e 2006. Cada um se coloca nos limites do Brasil com outros países, onde este começa em relação aos estados e termina em relação as fronteiras: **margens do Chuí, onde acaba e ao mesmo tempo começa o Brasil; nossa região norte onde o Brasil também começa e termina** - localizado no Estado do Amazonas. Neste enunciado encontramos dois efeitos de sentido, um referente ao posicionamento estratégico dos personagens e o outro referente ao antagonismo existente dentro do discurso.

No primeiro caso, Lula está na Região Norte e Dilma na Região Sul do país, assim, estão em campos opostos e distintos, o que indica que o Brasil está interligado entre os dois, e é o responsável em fazer a ponte entre Lula e Dilma. Levando em consideração as CP que confirma que Lula foi o primeiro presidente da história do país a ter o índice de aceitação acima dos 80%, então se o Brasil aceita Lula, representando pelo seu posicionamento na extremidade Norte, esse mesmo Brasil deve levar a outra ponta onde está Dilma, ou seja, na Região Sul. As CP afirmam, ainda, que se o povo brasileiro estiver com Lula, deve estar com Dilma também, para só assim o Brasil ganhar mais. Lula passa a ser um parâmetro entre o Brasil e Dilma. Isto é confirmado no trecho do enunciado que diz: **Desse jeito a gente pode dar um abraço no nosso povo, um abraço do tamanho do Brasil.**

No segundo caso, percebemos expressões antagônicas como: “norte”, “sul”, “frio”, “calor”, “acaba”, “começa”. O efeito de sentido que aparece aqui, mostra que a política de governo deles atende a todas as classes e setores econômicos de uma forma generalizada sem distinção político partidária, de uma região a outra e por todo o Brasil.

Ainda nesse **E2** pode parecer contraditória a paráfrase discursiva: **e anunciar o início de um novo tempo.** Pois sabemos que dentro de um discurso político “início de um novo tempo” é o mesmo que partir de uma nova plataforma governamental, que é o que Lula e Dilma não querem fazer para o Brasil. Mas vamos ter esta explicação no enunciado seguinte:

E3 - DILMA: É presidente; e o futuro começa sem que se interrompa o presente. Porque o Brasil não quer e não pode parar. O povo brasileiro quer seguir construindo esse Brasil novo onde cabe, sem exceção, cada brasileira e cada brasileiro. Nosso povo sabe que agora tem um projeto com a força e o tamanho do Brasil.

LULA: Um projeto Dilma que está só começando. Muita coisa já foi feita. Mas tenho certeza que saltos ainda maiores vão acontecer no seu governo. No governo da primeira mulher Presidente do Brasil.

Quando se fala “início de um novo tempo”, a formação discursiva política reconhece como um pedido de mudança de algo que tem que ser esquecido e começado outro a partir de um novo olhar e planos de governo. Mas ao iniciar o **E3** Dilma atenua esta expressão quando

diz: **É presidente** – assim ela modaliza o dizer para que não haja mal entendido entre os telespectadores. Justifica, também, o uso da expressão “início de um novo tempo”, como sendo a continuidade de mudanças que o governo Lula proporcionou ao país. Ao usar a frase - **Porque o Brasil não quer e não pode parar** - ela confirma isto.

Neste contexto é possível encontrar um efeito de sentido referente a distinção de gênero que ela faz ao pronunciar: **O povo brasileiro quer seguir construindo esse Brasil novo onde cabe, sem exceção, cada brasileira e cada brasileiro.** Ela coloca **cada brasileira** em primeiro lugar porque se sabe que a população feminina é maior que a masculina, e assim ela quer estar ligada a todos, mas, com um alvo maior nas mulheres já que representam 52% da população brasileira e, desta forma promover uma ligação efetiva com o eleitorado feminino; vemos isto ao longo de todos os programas eleitorais.

Ainda neste enunciado o não-dito é acionado através das expressões: **construindo esse Brasil; projeto com a força e o tamanho do Brasil; sem que se interrompa o presente.** Estas são ligadas interdiscursivamente com o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, que começou com Lula e deve ser continuado por Dilma, considerada a mãe do projeto, já que foi coordenado por ela enquanto Ministra Chefe da Casa Civil. Portanto, quando Lula diz: **início de um novo tempo** - no final do **E2**, se refere a aceleração do crescimento que esse projeto dá ou deu ao Brasil.

No diálogo que Dilma responde ao presidente - **sem que se interrompa o presente** – ela aciona outro não-dito referente ao seu maior opositor nas eleições, o candidato José Serra do PSDB. Ao usar a expressão, ela chama a atenção do brasileiro que deseja muito a continuação do progresso, de que este só poderia ser continuado se fosse através dela, pois no discurso político adversário dizia-se que José Serra iria acabar com o PAC por se considerar contra. Então, este é um discurso de reforço ao programa. Pode-se notar isto na ênfase que Lula dá em sua parte do diálogo: **Um projeto Dilma que está só começando. Muita coisa já foi feita. Mas tenho certeza que saltos ainda maiores vão acontecer no seu governo. No governo da primeira mulher Presidente do Brasil.**

Ao mencionar a palavra “saltos”, Lula aciona um efeito de sentido em relação ao progresso que o Brasil tenha recebido quando ele assumiu a presidência, pois o país sofreu mudanças estruturais muito rápidas, em curto espaço de tempo. Ainda ao mencionar a oração: **No governo da primeira mulher Presidente do Brasil** – Lula dialoga interdiscursivamente com a mudança que o Brasil vai dar continuidade. Pois, se o povo brasileiro elegeu um nordestino metalúrgico como presidente, então vai continuar sua mudança de conceitos e

eleger uma mulher presidente, levando em conta de que a sociedade brasileira ainda é considerada machista e preconceituosa. Assim, **início de um novo tempo**, está se relacionando, além do que já foi visto acima, ao governo da primeira mulher presidente do Brasil, de uma forma a mostrar que a sociedade brasileira está se adaptando ao novo, deixando de ser preconceituosa, e, que, a partir dessa eleição, pode elevar o país às estatísticas mundiais que mostram várias mulheres ocupando o cargo de presidente, como: Cristina Kirchner (Argentina); Michelle Bachelet (Chile); Laura Chinchilla (Costa Rica) entre outras. Dessa forma a palavra “salto”, corrobora com a quebra de tabus sociais e machistas. Este “novo tempo” não está ligado estruturalmente à plataforma de ações governamentais, e, sim, na perspectiva de escolha de uma mulher para presidente.

E4 - DILMA: Presidente, o salto mais difícil já foi dado: Mudar a forma de governar o Brasil olhando para todos os brasileiros. Por isso eu me orgulho tanto de ter participado do seu governo e quero continuar e fazer avançar a sua obra. O Brasil dará outros passos fabulosos porque a mudança tocou a vida de todos os brasileiros. Sempre que isso acontece com um povo um país sempre ganha um novo movimento.

Inicialmente vemos a palavra “salto” quando Dilma diz: **Presidente, o salto mais difícil já foi dado**. Neste contexto, a palavra supracitada está relacionada a um discurso cultural esportivo, pois remete a antecipação de um percurso. Ao afirmar que Lula deu o **salto mais difícil**, Dilma mostra que foi ele quem antecipou o progresso do país, e que ela apenas dará continuidade a vitória galgada. Vemos isso na fala: **Por isso eu me orgulho tanto em ter participado do seu governo e quero continuar e fazer avançar a sua obra**

Aqui, ainda vemos a confirmação do que já foi analisado nos enunciados subsequentes. **Mudar a forma de governar o Brasil olhando para todos os brasileiros**. No **E1** vimos o que significa a palavra **mudar** na formação discursiva de Dilma e Lula. **Olhando para todos os brasileiros** se refere ao que foi visto no **E2**, no que diz respeito a uma plataforma de governo que atinja a todos sem distinção de classes e de uma forma generalizada. A paráfrase: **Por isso eu me orgulho tanto de ter participado do seu governo e quero continuar e fazer avançar a sua obra**. Com esta última expressão **e quero continuar e fazer avançar a sua obra** pode-se confirmar o que foi visto no **E3** quando se refere a continuação da mudança através do PAC. Nesta frase **avançar a sua obra** nos remete ao que foi visto no **E1**, quando discursivamente Lula se coloca como ponte da plataforma do governo de Dilma entre a população brasileira.

E5 - SONORAS: “Vamos pra frente que o Brasil mudou, tá bem melhor. Vamos realizar nossos sonhos agora.” (sotaque nordestino)

“Hoje eu tenho uma casa melhor”. (sotaque nordestino)
 “Emprego ta bombando aí, meu”. (sotaque paulista)
 “Carro novo, esse era o meu sonho”.
 “O Brasil é respeitado”.
 “Eu tenho uma profissão”.
 “Agora a luz chegou na minha casa”. (sotaque pernambucano)
 “Eu amo meu país”!
 “Me sinto bem orgulhosa”.
 “Graças a Deus tenho meus filhos na escola”. (sotaque carioca)
 “Estou felicíssimo da vida”. (sotaque nordestino)
 “O Brasil mudou de cara”.
 “Eu quero que a minha filha cresça no Brasil”.
 “Melhorou mais, cada vez mais”.
 “Esse é o Brasil que eu sempre sonhei”! (sotaque paulista)

Neste enunciado percebemos que a formação discursiva política dá voz aos brasileiros para mostrar opiniões a respeito das mudanças realizadas no Brasil depois do governo Lula. No momento da coleta e transcrição do *corpus* foi perceptível alguns sotaques e bordões que são específicos a determinadas regiões do país. Podemos tomar como exemplo a frase: **Emprego ta bombando aí, meu. Bombando e meu** são gírias específicas da região sudeste, mais especificamente do Estado de São Paulo, apesar de serem bastante usadas no dia a dia de jovens de distintas regiões, o estado é o que perpassa e fora pioneiro na utilização deste tipo de neologismo. Podemos classificar as vozes como heterogêneas, pois estes sotaques indicam que todo o Brasil está personificado nessas falas.

No enunciado em questão, identificamos vários discursos de formações discursivas distintas. O discurso político aciona o discurso econômico nas seguintes falas: **Hoje eu tenho uma casa melhor; Emprego tá bombando aí, meu; Carro novo, esse era o meu sonho; Eu tenho uma profissão.** O discurso patriótico em: **Vamos pra frente que o Brasil mudou, tá bem melhor. Vamos realizar nossos sonhos agora; O Brasil é respeitado; Eu amo meu país!; Me sinto bem orgulhosa; O Brasil mudou de cara; Eu quero que a minha filha cresça no Brasil; Melhorou mais, cada vez mais; Esse é o Brasil que eu sempre sonhei!** E também o discurso religioso na frase: **Graças a Deus tenho meus filhos na escola.** A utilização destes discursos distintos corrobora para identificação do telespectador-eleitor com cada segmento social representado nessas falas. O efeito de sentido aqui produzido defende uma política abrangente a todos os brasileiros indistintamente de classes sociais, realizada pelo PT e assegurada por Dilma:

E6 - DILMA: Para o Brasil seguir mudando, é preciso erradicar a miséria. O Brasil já avançou muito e vai vencer mais esse desafio. Aqui, no Vale do Jequitinhonha, Lula firmou um compromisso de acabar com a fome. Muito já foi feito. Aqui, eu renovo meu compromisso de lutar sem trégua para acabar com a pobreza extrema no Brasil.

Em **E6** Dilma começa a apresentar uma plataforma de governo de continuidade. Apesar do texto não se apresentar programático, ela fala indiretamente sobre as políticas governamentais utilizada por Lula durante os 8 anos à frente da presidência. A fala aciona interdiscursivamente, programas de caráter como o PAC, visto no **E3**. Mas, na análise do **E6** observamos que a fala de Dilma aciona um não-dito referente às ações de governo. Neste caso o não-dito é acionado quando ela usa as seguintes palavras: **miséria; fome; pobreza extrema**, no trecho enunciativo: **Para o Brasil seguir mudando, é preciso erradicar a miséria. O Brasil já avançou muito e vai vencer mais esse desafio. Aqui, no Vale do Jequitinhonha, Lula firmou um compromisso de acabar com a fome. Muito já foi feito. Aqui, eu renovo meu compromisso de lutar sem trégua para acabar com a pobreza extrema no Brasil** – e desta forma se referindo ao programa de erradicação da fome o Fome Zero¹⁴, lançado por Lula na campanha de 2002.

Ali, ela afirma que este programa só será continuado se ela, e somente ela, assumir a presidência, pois baseado nas CP, sabemos que a população brasileira mantinha um medo de que se José Serra, que era o seu maior opositor, fosse eleito, este e outros programas seriam extintos. Interdiscursivamente ela demonstra que vai seguir o mesmo caminho percorrido por Lula, só que de um ponto onde o avanço já está acontecendo, então ela apenas vai dar continuidade. Podemos perceber isto quando ela diz: **Aqui, no Vale do Jequitinhonha Lula firmou um compromisso de acabar com a fome (...)**. Neste caso, ela demonstra estar no mesmo local que Lula esteve, há oito anos, ilustrando como seria a sua forma de governo. Daí reforça a promessa e a continuação quando diz: **Aqui, eu renovo meu compromisso**.

E7 - DILMA: Para o Brasil seguir mudando é preciso investir cada vez mais na educação, da creche à universidade. É preciso ampliar o projeto de escolas técnicas que começamos no Governo Lula. Vamos dar prioridade a implantação destas escolas nos municípios com mais de 50 mil habitantes.

No **E7**, Dilma usa uma expressão que foi precedida no **E6** e vai se estender, também, pelo **E8, E9 e E10: Para o Brasil seguir mudando**. Como vimos no primeiro enunciado **seguir mudando**, na formação discursiva da qual a candidata se filia, se refere a uma continuação na mudança estruturada por Lula durante os seus 8 anos de governo em relação

¹⁴ O Fome Zero era uma estratégia do governo federal que possibilitava a alimentação adequada para a população que não possuía acesso às refeições. Desta forma promovia a segurança alimentar e nutricional com o objetivo da inclusão social dos mais vulneráveis, à cidadania

aos partidos de direita, que, por anos, governaram o país, e não uma mudança que parte de um novo paradigma.

Seguindo com a análise, Dilma aciona interdiscursivamente a plataforma de governo criada por Lula e que tem por objetivo, dá continuidade: **É preciso ampliar o projeto de escolas técnicas que começamos no Governo Lula.** Nesta expressão ela se refere ao programa que favorece o aumento de escolas técnicas para alunos do ensino médio, que começou com Lula: O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)¹⁵ que visa expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para a população brasileira.

E8 - DILMA: Para o Brasil seguir mudando é preciso investir corretamente na segurança, de forma firme, mas com uma visão social. Como vem sendo feito pelos governos federal, estadual e municipal em comunidades aqui no Rio. Vamos levar essa experiência para todo o Brasil.

O **E8** começa mostrando um efeito de sentido empregado na expressão: **de forma firme, mas com uma visão social**, durante a primeira parte do enunciado: **Para o Brasil seguir mudando é preciso investir corretamente na segurança, de forma firme, mas com uma visão social.** Na fala de Dilma, o termo de “forma firme” está se referindo às ações governamentais anteriores, que, ao lidar com o tema segurança, o combate aos criminosos se dava de forma violenta e desrespeitadora dos direitos humanos. E indiretamente tenta mostrar que estas ações autoritárias estariam relacionadas à tortura e humilhação. Podemos citar como exemplo o caso do massacre da Casa de Detenção de São Paulo, que ficou popularmente conhecido como massacre do Carandiru, onde, em 2 de outubro de 1992, uma rebelião causou a morte de cento e onze detentos pela Polícia Militar (PM) do Estado de São Paulo. E ainda, a chacina da Candelária que aconteceu em 23 de julho de 1993, próximo à Igreja, de mesmo nome, localizada no centro do Rio de Janeiro. Na ocasião seis menores e dois maiores sem-tetos foram assassinados pela PM carioca. Daí, para fugir de uma má impressão, a candidata se utiliza da frase: “mas com uma visão social”, com isto ela quebra qualquer paradigma e diz que suas ações políticas, em relação a insegurança que vive o Brasil, estão baseadas em um olhar que faz jus aos partidos de esquerda, a qual o PT faz parte.

Apesar de se mostrar enérgica contra a criminalidade e prometer que vai combatê-la de forma firme, Rousseff afirma, por outro lado, que este combate será através de uma visão social e usa o Estado do Rio de Janeiro como exemplo de sucesso: **Como vem sendo feito**

¹⁵ Disponível em: <http://pronatecportal.mec.gov.br/pronatec.html>

pelos governos federal, estadual e municipal em comunidades aqui no Rio. Vamos levar essa experiência para todo o Brasil. Desta forma mostra, mais uma vez, sua plataforma de governo de continuidade, promovendo uma ampliação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP'S) e experimentando em todo o país um programa estadual que tem por objetivo primordial apaziguar a violência e conter o tráfico de drogas dentro das favelas, sendo isto realizado através de ações educacionais e culturais. Se analisarmos as CP vemos que este governo estadual é aliado político do PT nas eleições presidenciais de 2010.

E9 - DILMA: Para o Brasil seguir mudando é preciso aperfeiçoar a saúde em todas as áreas. Resolver de uma vez por todas os problemas das emergências, consultas, dos exames e das internações. Vamos também ampliar o apoio ao pequeno e médio empresário e seguir investindo no avanço e na inovação tecnológica.

Observamos de início que no **E9** há um efeito de sentido referente a frase: **Resolver de uma vez por todas os problemas das emergências, consultas, dos exames e das internações.** Pois as CP mostram que o problema do sistema de saúde no Brasil é precário estando atrelado ao atendimento escasso que não contempla toda a população, e estes problemas se resumem às emergências **consultas, exames, internações**, etc.

E10 - DILMA: Para o Brasil seguir mudando vamos seguir investindo em infraestrutura com novas ferrovias, estradas, portos e aeroportos e apoiar fortemente o setor produtivo nacional, a indústria, a agricultura e a pecuária.

Decidimos analisar nesta oportunidade a seguinte frase final do **E9: Vamos também ampliar o apoio ao pequeno e médio empresário e seguir investindo no avanço e na inovação tecnológica** - esta vai complementar seu efeito de sentido no enunciado que estamos analisando agora. Quando Dilma diz no **E10: vamos seguir investindo em infraestrutura com novas ferrovias, estradas, portos e aeroportos e apoiar fortemente o setor produtivo nacional, a indústria, a agricultura e a pecuária;** está se referindo aos grandes e pequenos empresários que fazem o Brasil se movimentar economicamente. Além disso, aciona o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) quando se refere às infra-estruturas que dará continuidade. E mais uma vez usa um discurso de generalização quando tenta mostrar uma plataforma de governo que irá alcançar toda a população de forma generalizada, sem distinção de classes, desta forma agradando a todos, como podemos ver no **E2**.

E11 - APRESENTADORA 1: Este novo Brasil está nascendo com tanto vigor que faz surgir coisas maravilhosas. O Pré-Sal é uma delas.

LOCUTOR: Pré-Sal. A gigantesca reserva de petróleo descoberta pela Petrobrás vai tornar o Brasil um dos maiores produtores do mundo. Dinamizar toda a nossa indústria e gerar milhões de empregos. E por lei, a riqueza do Pré-Sal será investida em

educação, cultura, saúde, combate a pobreza, meio ambiente e ciência e tecnologia. Abrindo novas portas para que o Brasil se transforme num país sem misérias, num país pleno de emprego, saúde e educação de qualidade, na mais vibrante democracia do mundo emergente, na 5º maior economia do mundo.

APRESENTADOR: o Brasil já caminha pra isso. É só ver as grandes conquistas do governo de Lula e Dilma.

Neste enunciado, identificamos um discurso político de descontinuidade. Quando a apresentadora menciona: **Este novo Brasil está nascendo com tanto vigor que faz surgir coisas maravilhosas. O Pré-Sal é uma delas** - ela confirma o surgimento de algo que é totalmente desvinculado com os governos anteriores e que já nasceu grandioso e deslumbrante.

Na fala do Locutor, identificamos vários discursos, dentre estes percebemos a presença de um discurso patriótico e econômico na seguinte frase: **Pré-Sal. A gigantesca reserva de petróleo descoberta pela Petrobrás vai tornar o Brasil um dos maiores produtores do mundo. Dinamizar toda a nossa indústria e gerar milhões de empregos.** É patriótico porque a Petrobrás enaltece o Brasil como potência mundial como a maior empresa estatal brasileira. E é econômico, porque, através do Pré-Sal¹⁶, milhões de empregos surgirão no país. Ainda dentro do **E11**, encontramos um discurso político anticorrupção, um jurídico, e um democrático na seguinte narrativa do Locutor: **E por lei a riqueza do Pré-Sal será investida em educação, cultura, saúde, combate a pobreza, meio ambiente e ciência e tecnologia.** Analisando o primeiro discurso, a riqueza adquirida pelo Pré-Sal, deverá ser investida em áreas vitais do país, porém, para que estes benefícios possam ser cumpridos será criada uma lei que, impeça o desvio deste dinheiro para outros fins, ou seja, para que não haja corrupção. Por sua vez, o discurso jurídico é acionado através da palavra **lei**, que avaliza, juridicamente, o discurso anticorrupção.

Na oração que conclui a narrativa, encontramos, mais uma vez, a presença do discurso patriótico, porém que se disfarça em um discurso econômico, pois, por mais que se mencionem palavras como: “misérias”; “emprego”; “maior economia do mundo”, típicas da formação discursiva da economia, o que se sobressai na oração é a exaltação do Brasil em um país pleno de transformações que o elevará em um país excelente: **Abrindo novas portas para que o Brasil se transforme num país sem misérias, num país pleno de emprego, saúde e educação de qualidade, na mais vibrante democracia do mundo emergente, na 5º maior economia do mundo** – ainda neste período fica claro a evidência de um discurso democrático acionado pela frase **na mais vibrante democracia do mundo emergente.**

¹⁶ Ver definição de Pré-Sal na página 30

Vemos uma prevalência do discurso patriótico neste enunciado, mas, além dele, o democrático vem acionar, também, o não-dito existente em suas entrelinhas. As expressões: **petróleo, vibrante democracia do mundo, na quinta maior economia**, está, interdiscursivamente citando o governo de Hugo Chaves da Venezuela. Vejamos: A palavra “petróleo”, representada pela Petrobrás, que é uma empresa estatal, está sendo usado no texto como sendo a fonte de distribuição de renda para as áreas vitais do Brasil, como fora visto *a priori*. As expressões “vibrante democracia do mundo”, e, “na quinta maior economia” acionam discursos democráticos e patrióticos, respectivamente. Ao analisarmos as CP, vemos que Lula e Hugo Chaves são amigos e pertencem a partidos de esquerda, além de serem patrióticos e possuírem uma forma de governo que investe na população através da riqueza do petróleo. Apesar do governo de Chaves ser pautado nestes investimentos, ele é tido como antidemocrático. Então, para desmistificar que um governo que utiliza de sua empresa para investir as riquezas do petróleo em sua população, seja, ou se torne um governo antidemocrático, é preciso acionar discursivamente, uma exaltação da democracia e do patriotismo em seu discurso, como foi visto acima.

Vemos ainda, a presença do lastro que se estabelece entre Lula e Dilma na seguinte fala: **O Brasil já caminha pra isso. É só ver as grandes conquistas do governo de Lula e Dilma**. Em nenhum momento da propaganda a figura de Lula será apagada neste discurso político. Ele será, para Dilma, seu ponto de sustentação

E12 - LOCUTORA: 24 milhões de brasileiros saíram da pobreza absoluta e 31 milhões entraram na classe média, 14 milhões conquistaram o emprego com carteira assinada. O Brasil se tornou líder mundial no combate a fome.

APRESENTADORA 2: Só quem fez de sua vida um exemplo de superação poderia liderar tamanha mudança.

LOCUTOR: Lula nasceu pobre, em Pernambuco e criança veio para São Paulo. Tornou-se líder sindical, foi preso pela ditadura e fundou o PT. Dilma nasceu numa família de classe media de Minas e bem jovem enfrentou e foi presa pela ditadura. Recomeçou a vida no Rio Grande do Sul, casou, tornou-se mãe, economista e a primeira mulher a ser Secretária de Finanças da prefeitura de Porto Alegre e depois Secretária Estadual de Minas e Energia. Um dia essas histórias se uniram. Lula se tornou o primeiro operário presidente e Dilma a primeira mulher a ser Ministra de Minas e Energia, Presidente do Conselho de Administração da Petrobrás e Ministra-chefe da Casa Civil. Lula deu rumo ao Brasil. Dilma coordenou todo o ministério e programas como o PAC, o Minha Casa Minha Vida e Luz Para Todos. Lula está encerrando o mandato como o melhor presidente da nossa história, inovou, rompeu barreiras, mudou o país. Não por acaso quer passar a faixa à primeira mulher presidente do Brasil.

O enunciado começa com o texto da Locutora apresentando um discurso estatístico, que exhibe em números como o Brasil mudou com o governo de Lula, aliado a um discurso

patriótico, que está inserido nesta exaltação do Brasil como um líder mundial no combate a fome. Ao decorrer do enunciado identificamos alguns discursos como: discursos político antiditatoriais nas frases em que o Locutor remete a Lula e Dilma, respectivamente: **Tornou-se líder sindical, foi preso pela ditadura e fundou o PT; [...] bem jovem enfrentou e foi presa pela ditadura.** Discurso familiar moderno: **casou, tornou-se mãe, economista e a primeira mulher a ser Secretária de Finanças da prefeitura de Porto Alegre e depois Secretária Estadual de Minas e Energia** – o discurso familiar é acionado nas palavras **casou; tornou-se mãe;** já o discurso familiar moderno é acionado em expressões como “economista”; “Secretária de Finanças”; “Secretária Estadual de Minas e Energia”, o que mostra que ao mesmo tempo em que Dilma se dedicava à família ela também conquistava seu lugar no mercado de trabalho, como qualquer mulher tem que ser dentro de uma sociedade moderna.

Além disso, em **E12** existe uma identificação nas histórias de vida de Lula e Dilma, histórias paralelas, porém de superação, o que faz com que o povo brasileiro se identifique, também, e se sinta representado. Esta identificação aciona o não-dito deste discurso. A Apresentadora em sua fala, afirma que o Brasil só mudou, durante os oito anos de governo do PT, porque o seu maior representante, Lula, soube superar as dificuldades da vida, então, enquanto presidente, pela experiência adquirida em sua vida, ele pôde fazer com que o Brasil superasse, também, suas mazelas: **Só quem fez de sua vida um exemplo de superação poderia liderar tamanha mudança.** Na fala do Locutor isto se confirma e a partir daí é traçado um paralelo entre o perfil biográfico de Lula e Dilma, que, apesar de serem de classes econômicas diferentes se igualam em aspectos como: a luta dos dois contra a ditadura militar; ele a ser o primeiro operário a se tornar presidente; ela a ser a primeira mulher a ocupar cargos que anteriormente eram destinados apenas a homens. Apontando esses aspectos, percebemos uma superação nas dificuldades da vida dos dois e através disso o povo brasileiro se sente motivado a alcançarem seus sonhos, também.

Ao promover um paralelo entre a vida de Lula e Dilma, o Locutor constrói um efeito de sentido, mais especificamente na expressão: **Um dia essas histórias se uniram** – a partir daí, ela passa a fazer parte da história de Lula e, se o povo brasileiro se identifica com ele, se identificará com Dilma, também, pois possuem uma vida com aspectos semelhantes, características de superação e objetivos iguais.

Vemos isto na seguinte frase: **Lula deu rumo ao Brasil. Dilma coordenou todo o ministério e programas como o PAC, o Minha Casa Minha Vida e Luz Para Todos.**

Enquanto Lula “dava rumo ao país”, Dilma trabalhava na realização dos projetos que tem por objetivo alcançar uma classe econômica que não teria condição de possuir casa própria e, para quem possuía, mas moravam fora da extensão urbana não teria eletricidade em casa. Em outras palavras, ela trabalhava nestes projetos que, supostamente, tiraram o Brasil da miséria, conforme é comemorado no discurso. Fazendo esse panorama entre os dois, o discurso coloca mais uma vez, Lula como lastro de Dilma, parte essencial de sua vida, aquele que lhe confiou uma grande missão e que fora cumprida. A parte final do enunciado confirma isto: **Lula está encerrando o mandato como o melhor presidente da nossa história, inovou, rompeu barreiras, mudou o país. Não por acaso quer passar a faixa à primeira mulher presidente do Brasil.**

Ainda neste enunciado, o não-dito se relaciona com a identificação de Lula com a situação do povo brasileiro: **Lula nasceu pobre, em Pernambuco (...)**. O que vemos como dado estatístico na primeira parte do enunciado se referindo as ações governamentais criadas por ele para diminuir a fome e a miséria no país, vai ao encontro de sua situação de vida enquanto criança, pois, como forma de superação, só quem realmente valoriza e planeja uma mudança para situações como está é quem realmente vivenciou tal experiência.

Desde o início do enunciado vimos um processo de exaltação na vida de Lula, mas de outro lado mostra a presença de Dilma ao seu lado contribuindo para que o Brasil alcançasse a mudança esperada pelos dois.

E13 - LULA: Na primeira noite que passei aqui no Alvorada, eu pedi a Deus pra começar e terminar bem o meu governo. Para que isso acontecesse, eu precisava ter uma boa equipe. E Deus me ajudou. Além de uma excelente equipe, tive também uma chefe de equipe maravilhosa. A Dilma. Ela foi a parceira de todos os momentos. Aqui mesmo nessa sala ficamos muitíssimas vezes, até bem tarde da noite, buscando soluções para o Brasil.

Neste enunciado, o discurso político é atravessado a um discurso religioso, pois, levando em consideração as Condições de Produção do Discurso, observamos que no Brasil a maioria da população é extremamente religiosa. Portanto, Lula aciona esse discurso religioso utilizando o nome Deus em dois momentos no enunciado: **eu pedi a Deus pra começar e terminar bem o meu governo; E Deus me ajudou.**

Como fora visto no enunciado subsequente, de que o governo Lula fora considerado o melhor dentre os demais presidentes que houve na história do Brasil, segundo ele, isto só aconteceu porque Deus o abençoou quando fez tal pedido logo que recebeu o cargo: **Na primeira noite que passei aqui no Alvorada, eu pedi a Deus pra começar e terminar bem**

o meu governo. E ele confirmar o sucesso do seu governo quando pronuncia a expressão: **E Deus me ajudou;** mas o sucesso do seu governo se deu basicamente porque Deus colocou ao seu lado uma boa equipe: **Para que isso acontecesse, eu precisava ter uma boa equipe** - e além dessa equipe alguém que a liderasse de forma firme e decisiva, esse alguém seria Dilma quando assumiu o Ministério da Casa Civil: **Além de uma excelente equipe, tive também uma chefe de equipe maravilhosa** – assim no discurso político-religioso Lula afirma, que Dilma foi, sem sombra de dúvida a pessoa escolhida por Deus para estar ao seu lado e governar o Brasil. Foi nisto que Deus o ajudou, Lula só pode ter o mérito de ser considerado o melhor presidente porque Dilma esteve sempre presente ao seu lado, nos momentos de crise ou nos de abundância, porque Deus assim permitiu. Ela era a pessoa certa enviada por Deus.

Ainda no enunciado encontramos um não-dito na frase: **Ela foi a parceira de todos os momentos. Aqui mesmo nessa sala ficamos muitíssimas vezes, até bem tarde da noite, buscando soluções para o Brasil.** Neste trecho, Lula quer mostrar a familiarização que Dilma tem com a sala presidencial, a qual poderá assumir, com as rotinas, com as ações e com as tomadas de decisões que nortearam os rumos do país. Porém não é por acaso que Lula constrói esse discurso político de parceria. Essa fala está ligada, interdiscursivamente, com o medo que José Serra, em sua campanha eleitoral, provocava na população de que Dilma não estaria preparada para ser presidente de um país como o Brasil porque nunca concorreu ou fora eleita a cargos políticos como, Governadora ou Deputada Federal, por exemplo.

No discurso de Lula, a segurança de Dilma como presidente estaria ligada a rotina e experiência que a mesma obteve durante os 8 anos que esteve no Ministério trabalhando ao seu lado e tomando decisões para o Brasil. Ela estaria totalmente preparada e adequada pois foi Lula quem ensinou tudo a ela, e além do que, Deus a colocou ao lado dele sob o propósito de torná-la a primeira mulher presidente do Brasil, quanto a isto o povo brasileiro não deveria se sentir amedrontado.

E14 - DILMA: O governo Lula foi pra mim mais que uma escola de governo, foi uma escola de vida, foi uma escola de Brasil. Eu acompanhei todos os projetos. Estou preparada para dar continuidade a eles e principalmente, para fazer as coisas que precisam ser feitas.

LULA: Tem pessoas a quem a gente confia um trabalho e eles fazem tudo certo. Estes são os bons. E há pessoas a quem a gente dá uma missão e elas se superam. Estes são os especiais. Dilma é assim. Ela foi a grande responsável pelas maiores conquistas desse governo. Por isso lancei sua candidatura. Por isso estou com ela e peço: Votem na Dilma. Ela é a pessoa mais preparada para ser a presidente do Brasil.

O **E14** começa reforçando o que foi visto no enunciado **E13**. Acima, Lula afirma que Dilma está preparada para assumir seu cargo, pois é familiarizada com as rotinas

presidenciais. Portanto, em sua fala, Dilma confirma e reforça que está preparada e saberá reagir perante as situações enfrentadas por um presidente, pois ela aprendeu toda a lição com Lula, o qual foi para ela “uma escola de governo”. Ela confirma que esteve presente em todos os momentos quando diz: **Eu acompanhei todos os projetos. Estou preparada para dar continuidade a eles e principalmente, para fazer as coisas que precisam ser feitas.**

Ainda no enunciado em questão, Lula apresenta um discurso poético para enaltecer e valorizar a capacidade de superação de Dilma, segundo esse trecho do enunciado, a petista estar acima das pessoas consideradas boas em seus trabalhos, ela é, portanto, especial, pois “foi a grande responsável pelas maiores conquistas desse governo”. Sendo Rousseff a responsável pelo sucesso do governo Lula, nada mais justo do que lançá-la como candidata para a presidência da República. O presidente não viu ninguém mais capaz entre seus ministros e aliados para assumir a sucessão presidencial, do que Dilma: **Por isso lancei sua candidatura.**

Para tal, Lula não levou em consideração o que a população, os aliados e, principalmente, os adversários exigiam de um candidato a presidência, que era a experiência de um político de muitos anos de militância, e, colocando a sua popularidade em risco, se responsabilizou por sua candidata, por acreditar ser a mais experiente entre qualquer um que disputasse as eleições no ano de 2010.

E desta forma ele reforça mais uma vez, para seus eleitores: **Por isso estou com ela e peço: Votem na Dilma. Ela é a pessoa mais preparada para ser a presidente do Brasil.** Assim, Lula mostra a população que não precisa temer aos boatos levantados pelos opositores, pois ele conhece a competência e seriedade de sua candidata.

E15 - DILMA: Nossa meta é continuar construindo um país cada vez mais forte e mais justo. Um país onde todos possam se realizar e viver em paz com a sua família a sua casa a sua escola e o seu trabalho. Porque esta é a grande lição de Lula: Governar para as pessoas com amor, coragem e competência. Foi assim que o Brasil mudou e vai seguir mudando. Quero fazer com cuidado de mãe o que ainda precisa ser feito. Este é o meu sonho e com o seu apoio eu sei que vou realizá-lo.

Observamos que Dilma começa acionando um discurso familiar através do uso das palavras e expressões: “família”; “casa”; “com o cuidado de mãe”, nas frases: **Um país onde todos possam se realizar e viver em paz com a sua família a sua casa a sua escola e o seu trabalho**, e, **Quero fazer com cuidado de mãe o que ainda precisa ser feito**. Estas corroboram para o efeito de sentido relacionado à polêmica do aborto. Construindo esse discurso familiar, e mais especificamente com o uso da expressão “com o cuidado de mãe”, ela tenta quebrar a imagem construída que se referenciava a sua suposta posição favorável a

legalização do aborto, o que era intolerável para uma candidata ao cargo de primeira mulher presidente do Brasil, já que a maioria de sua população é cristã.

Para ser mais claro, o uso da expressão e do tipo de discurso utilizado pela candidata, tenta apagar a imagem relacionada à opinião feminista e a sua forma intransigente, fria e enérgica de tomar decisões, além de não tentar se assemelhar com a a-mulher política (cf. p 22), definida no primeiro capítulo desta monografia; figura política de autoritarismo e masculinizada. Como visto lá, Dilma tenta chegar o mais próximo da feminilidade, pois antes de sua candidatura era considerada esse tipo de personagem político.

3.2.2 - Dilma Mãe, Filha e Trabalhadora

Este segundo programa eleitoral foi exibido na quinta-feira, dia 19 de agosto de 2010. Conforme dito na introdução deste terceiro capítulo, os programas eram dinamizadas em alternância de um dia, então optamos por dar sequência de nível cronológico para não perdermos o foco de continuidade das apresentações.

E16 - DILMA: Ninguém faz as coisas quando ela não tem paixão nem crença. Tem de ter paixão pra fazer. O que te permite realizar é a sua capacidade técnica é verdade. Mas o que te mobiliza e te faz não esmorecer são seus compromissos.

LULA: Eu realmente fico muito feliz de saber que eu posso entregar a faixa presidencial pra uma companheira do meu partido, e uma companheira mulher é uma coisa gratificante.

LOCUTOR: Seguir mudando o país. Esse é o compromisso de Dilma com o povo brasileiro.

Ao pronunciar a palavra “crença” Dilma aciona um discurso religioso, mas, mesmo fazendo menção a isto ela não demonstra afinidade a nenhuma denominação religiosa, já que é próprio do discurso político ser laico e se abster de qualquer pretensão denominacional. O sujeito político funciona utilizando esta ligeira ideia de religiosidade, como pano de fundo para atenuar que Dilma não teria religião como foi dito pelos seus adversários, antes e durante sua candidatura. Se analisarmos as CP, observamos que a população brasileira é extremamente religiosa e exige que o candidato a presidência possua, por critério, características religiosas, e mais especificamente, cristãs.

A ideia de religiosidade desaparece quando ela se diz: **Tem de ter paixão para fazer. O que te permite realizar é a sua capacidade técnica é verdade.** Analisando o contexto da oração Dilma põe a palavra “paixão” antes de “crença”, ela opta pelo primeiro, ao invés do último, e associa à sua capacidade técnica de trabalhar ou verter soluções: **Ninguém faz as**

coisas quando ela não tem paixão nem crença. Tem de ter paixão pra fazer. O que te permite realizar é a sua capacidade técnica é verdade. Ao pronunciar esta última frase ela mostra seu lado objetivo e não emocional como seria se utilizasse da fé (crença), para realizar o seu trabalho. Desta forma, por trás do que parece ser um discurso religioso há um discurso laico, onde a capacidade técnica e objetiva é o que move a forma de governar de Dilma.

Neste enunciado existe um discurso que contempla todas as vertentes seja ela religiosa, técnica, partidária de esquerda, sendo esse último expresso na fala de Lula: **Eu realmente fico muito feliz de saber que eu posso entregar a faixa presidencial pra uma companheira do meu partido, e uma companheira mulher é uma coisa gratificante.** A palavra **companheira**, no trecho falado por Lula - **uma companheira do meu partido, e uma companheira mulher** - aciona um efeito de sentido estabelecido pelo discurso político do Partido dos Trabalhadores (PT). Pelas CP, a palavra **companheiro**, na formação discursiva do partido em questão, está relacionada a alguém da militância de esquerda, pois, na época em que Lula era sindicalista chamava seus colegas de militância, de **companheiros**.

No **E16** a fala do Locutor apenas confirma aquele discurso, já visto, na primeira parte do Programa: **Seguir mudando o país. Esse é o compromisso de Dilma com o povo brasileiro** – discurso de continuidade, de mudança em relação aos governos anteriores. Quanto a isto não é preciso nos alongar, já, que ficou bastante claro nas primeiras páginas desta análise.

E17 - DILMA: É em nome de todas as mulheres do Brasil em especial da minha mãe e da minha filha que recebo essa homenagem e essa indicação para concorrer à presidência da República.

DILMA: Teve uma cena na minha infância que eu lembro perfeitamente. Apareceu um menino na porta da minha casa querendo comida. E ai ele falou pra mim que ele não tinha nada. Eu tinha uma nota de dinheiro, então eu peguei, rasguei dei uma pra ele e fiquei com metade. Inclusive a minha mãe dizia assim: que burrice. Como é que você foi fazer isso, de rasgar a nota? Não vale nada. Não adianta isso.

O **E17** começa com Dilma exaltando as mulheres brasileiras: **É em nome de todas as mulheres do Brasil (...)** - como forma de apagar aquela imagem, que vimos anteriormente, de uma mulher com traços masculinos, em relação a sua postura e personalidade, e que não trazia nenhum pouco de feminilidade, a qual foi, construída em suas aparições enquanto Ministra Chefe da Casa Civil.

Na segunda parte da fala da candidata, percebemos um discurso familiar da inocência quando ela diz: **Eu tinha uma nota de dinheiro, então eu peguei, rasguei dei uma pra ela e fiquei com metade.** A nota rasgada não ia valer nem pra ela e nem para a outra criança, como

sua própria mãe alertou. Mas, este discurso familiar da inocência está ligado, interdiscursivamente, a um discurso comunista. O ato, enquanto criança, de rasgar uma nota de dinheiro e dividir para o garoto produz um efeito de sentido relacionado às ações comunistas que defendem o discurso da igualdade de condições entre as pessoas. Ao rasgar o dinheiro Dilma se colocou em pé de igualdade com a outra criança.

Na fala, Rousseff promove esse discurso comunista para dialogar com a frase de Lula no **E16: uma companheira do meu partido**. Assim, há uma identificação entre Dilma e o Partido dos Trabalhadores (PT) que é considerado um partido de origem esquerdista. Mas quando a mãe de Dilma a repreende: **que burrice. Como é que você foi fazer isso, de rasgar a nota? Não vale nada. Não adianta isso** - esse discurso de esquerda é apagado por um discurso assistencialista que se relaciona com o compromisso da candidata em dar continuidade à mudança que Lula proporcionou ao Brasil.

No enunciado notamos, ainda, que mesmo com a metade do dinheiro que Dilma deu ao menino, ele continua sem ter nada porque a nota rasgada não tem valor econômico, mas, mesmo assim, eles se encontram em um patamar de igualdade. A mãe dela aconselha que manter a igualdade não adiantaria em nada para que o menino saciasse a sua fome. Portanto, percebemos, que, esse discurso político de esquerda sem um programa de solidariedade não possibilitaria a chance de um crescimento para o país. Com isso Dilma afirma, indiretamente, que ela e o PT são de esquerda pela atitude de ajuda beneficiária da população carente e, não pela mesma posição extremista relacionada ao marxismo.

E18 - LOCUTOR: Dilma é filha da professora Dilma Jane e do imigrante búlgaro Pedro Rousseff. Se casaram em Uberaba e depois mudaram para Belo Horizonte. Onde Dilma nasceu e cresceu sempre cercada por livros.

DILMA: A única coisa que meu pai falava era a seguinte: tem de estudar. Tem de estudar, tem de ler livro, muito livro.

LOCUTOR: Aos dezessete anos, Dilma ingressa no Colégio Estadual de Belo Horizonte e encontra uma nova realidade.

Neste enunciado o Locutor tem a responsabilidade de revelar a Biografia de Dilma Rousseff e dessa forma constrói um discurso político-familiar. **Dilma é filha da professora Dilma Jane e do imigrante búlgaro Pedro Rousseff. Se casaram em Uberaba e depois mudaram para Belo Horizonte. Onde Dilma nasceu e cresceu sempre cercada por livros.** A última frase do Locutor junto com a fala de Dilma mostra um discurso educacional onde se observa uma vida inteira dedicada aos estudos, porém, percebemos um não-dito no trecho da fala da candidata: **A única coisa que meu pai falava era a seguinte: tem de estudar. Tem de estudar, tem de ler livro, muito livro.** Esta frase se liga ao já foi explicado *a priori*,

quando a oposição estipulara dúvidas referentes ao não preparo de Dilma para assumir a presidência, aí, Lula mostra que sua candidata adquiriu a capacidade de liderar o país porque sempre esteve presente ao lado dele, observando e aprendendo tudo o que era preciso para se tornar uma presidente, ou seja, ele quis mostrar que desde sempre Dilma foi dedicada a aprender. Com este discurso educacional o discurso político no Programa Eleitoral, mostra mais uma vez que Dilma está preparada para assumir a liderança do país porque passou a oito anos se dedicando a esse cargo. O preparo da petista não é ligado diretamente às ações governamentais que diz respeito a qualquer político, e sim à experiência adquirida por observar Lula na rotina presidencial.

E19 - DILMA: Quando eu cheguei no Estadual Central era simplesmente no mês do golpe que deu origem a ditadura militar. Era 64. O Estadual Central era uma efervescência. Me senti como um peixe dentro d'água. Achei ali o máximo. Achei aquele negocio... O Brasil tem de mudar.

LOCUTOR: Dilma inicia então a sua luta contra a ditadura. Sua luta por um Brasil melhor. Ela é presa em 1970 e transferida para o presídio Tiradentes em SP.

SONORA. ELEONORA MENICUCCI, EX-COLEGA E AMIGA DE DILMA: Quando eu cheguei no Tiradentes, fui recebida com um abraço. Uma das primeiras pessoas, talvez a primeira que me abraçou e choramos muito, foi ela. Mas ao mesmo tempo em que chorava ela ria e dizia: quem diria, heim? Que de BH da UFMG nós iríamos nos encontrar aqui?

Percebemos aqui, um discurso político militante anti-ditatorial que dá continuidade ao que foi visto no **E18**. Vemos que o enunciado permanece contando a biografia de Dilma referente a sua dedicação aos estudos e, a partir de 1964, ano da ditadura no Brasil, mostra sua dedicação ao Brasil: **Quando eu cheguei no Estadual Central era simplesmente no mês do golpe que deu origem a ditadura militar. (...) Me senti como um peixe dentro d'água. (...)**. Em sua fala é usada uma antítese do provérbio popular “peixe fora d'água” para demonstrar que se sentiu muito bem lutando pelo Brasil e contra a ditadura. Se levarmos em conta as CP, observamos que a fase da ditadura militar foi algo que marcou a história do Brasil de um ponto de vista negativo, ainda hoje causa repulsa, por isso tudo ou todos que lutaram pela redemocratização do país, são vistos com bons olhos, pois há um processo de identificação às pessoas perseguidas nessa época.

Ao citar uma fase de sua vida cheia de controvérsias, Dilma quer se mostrar uma mulher que luta pelos ideais, a frente de seu tempo e que ama, acima de tudo, o país que acolheu sua família e, onde vai crescendo e se qualificando nos estudos. Mas, segundo a oposição e, outros relatos, esta fase não foi totalmente de heroísmo, já que ela teria participado de grupos armados de esquerda, considerados terroristas.

Para confirmar isso o discurso dá voz a uma amiga e ex-colega de militância ou de sala de aula, de Dilma, a Eleonora: **Quando eu cheguei no Tiradentes, fui recebida com um abraço. Uma das primeiras pessoas, talvez a primeira que me abraçou e choramos muito, foi ela. Mas ao mesmo tempo em que chorava ela ria e dizia: quem diria, heim? Que de BH da UFMG nós iríamos nos encontrar aqui?** Eleonora afirma mais vez o posicionamento de Rousseff em relação a sua luta contra a ditadura e além de tudo tenta mostrar que a candidata é uma mulher sensível, porém forte e que não deixa ser abalada nem por uma prisão.

E20 - SONORA. ROSE NOGUEIRA, AMIGA DE DILMA: Eu me lembro dela estudando sem parar. Ela gostava muito de estudar. E a Dilma tinha esse amor pelo Brasil. Essa questão nacional muito clara. Muito mais claro do que muita gente, do que eu também.

DILMA: A arte de você aguentar uma cadeia é viver a cadeia. Você não pode se negar a viver.

SONORA. ELEONORA MENICUCCI, EX-COLEGA E AMIGA DE DILMA: A sensação que eu tenho é que a Dilma é uma pessoa pra cima. A vida não a derrubou em momento nenhum.

LOCUTOR: Dilma reencontra a liberdade 3 anos depois e reconstrói a sua vida em Porto Alegre onde se casa e se torna mãe.

SONORA. CARLOS ARAÚJO, EX- MARIDO DE DILMA: Eu tive o privilegio de viver esses anos todos com ela dos quais resultou uma filha que nós amamos muito.

DILMA: A Paula é a minha filha única criada com toda a maluquice que passa pela cabeça de uma mãe quando acha que o seu bebê, se tiver dormindo tá dormindo de mais essa menina, se tiver acordada, essa menina não tá dormindo. Acho que a gente quando nasce o filho, sabe qual a sensação? De ser uma pessoa privilegiada. Essa doação sem pedir nada em troca é única, é única na vida.

O enunciado **E20** começa com um discurso familiar, onde revela Dilma como amiga, esposa e mãe, mas existem algumas falas que vão tocar diferenciações desse tipo de discurso. Por exemplo, a amiga de Dilma, Rose Nogueira, fala de quanto ela era uma estudante aplicada: **Eu me lembro dela estudando sem parar. Ela gostava muito de estudar.** Dentro dessa fala encontramos um discurso patriótico, quando ela se refere a Dilma como alguém que sempre teve amor pelo país: **E a Dilma tinha esse amor pelo Brasil. Essa questão nacional muito clara. Muito mais claro do que muita gente, do que eu também.** A participação de Rose falando de como Dilma era uma pessoa aplicada nos estudos, patriota, e de visão, aciona o não-dito e mostra que ela sempre esteve preparada e interessada com os problemas que envolviam o Brasil. Dilma é apta para administrar o país, pois mesmo em momentos no qual foi perseguida e torturada esteve sempre à frente de outras pessoas que não se interessavam pelas questões brasileiras; à frente de seu tempo.

Quando Dilma fala: **A arte de você aguentar uma cadeia é viver a cadeia. Você não pode se negar a viver** - é perceptível uma valorização à vida, apesar dela ter sofrido perseguições e sido presa pela ditadura. Pelas CP ela foi presa no regime ditatorial a qual se dizia um regime patriótico, pois evitava a influência comunista internacional; daí o Golpe Militar de 64 surgiu no Brasil com a suposta ideia de patriotismo. Porém em sua campanha e, mais especificamente nesta fala, Dilma converte para si a ideia do patriotismo e foi por causa desse amor pelo país que ela foi presa e, nem mesmo assim, deixou de ser uma pessoa de bem com a vida. Vemos isto de uma forma mais conclusiva na fala de Eleonora Menicucci, outra amiga, que, ainda dentro desse discurso familiar dá seu depoimento: **A sensação que eu tenho é que a Dilma é uma pessoa pra cima. A vida não a derrubou em momento nenhum.**

Essa exaltação da vida feita por Dilma e suas amigas nos faz remeter as CP que mostram uma Ministra Chefe da Casa Civil antipática e ranzinza e, por esta razão nunca estaria de bem com a vida. O discurso familiar traz essa valorização e tenta quebrar a imagem de mulher má para construir outra diferente do que era especulada pela população com base na mídia.

Ainda neste discurso familiar há o depoimento do ex-marido de Dilma Rousseff, Carlos Araújo, que diz: **Eu tive o privilégio de viver esses anos todos com ela dos quais resultou uma filha que nós amamos muito.** Nesta fala, vemos a valorização que Carlos dá a Dilma dizendo que foi um privilégio conviver durante anos com a candidata, o que faz com que a aproxime e considere o regime familiar. Pelas CP sabemos que Rousseff não estava casada durante a campanha, e por causa de suas atitudes autoritárias e antipáticas algumas vezes foi acusada de ser homossexual, mas o depoimento do seu ex-marido desmente os boatos colocados contra Dilma, e reforça exatamente o contrário.

Ao falar da filha, Paula, Dilma se aproxima e se mostra íntima com um ambiente familiar. Além de todo o discurso já analisado, aciona agora um maternal e desta forma se aproxima das famílias e se identifica com as mulheres e mães do Brasil, para aniquilar de vez a imagem de uma mulher não feminina e delicada. Mas as CP mostram que, à época da Propaganda Política, Dilma e Paula não se davam muito bem e que a filha teria se negado a aparecer ou dar qualquer depoimento para o Programa Eleitoral da mãe. Mesmo assim Dilma fala sobre ela: **A Paula é a minha filha única criada com toda a maluquice que passa pela cabeça de uma mãe quando acha que o seu bebê, se tiver dormindo tá dormindo de mais essa menina, se tiver acordada, essa menina não tá dormindo. Acho que a gente quando**

nasce o filho, sabe qual a sensação? De ser uma pessoa privilegiada. Essa doação sem pedir nada em troca é única, é única na vida. Aqui Dilma mostra uma exageração ao se referir aos cuidados que mantinha com sua prole, demonstrando ser uma mãe presente, amável e cuidadosa e, acima de tudo, carinhosa.

E21 - LOCUTOR: Ela se forma em Economia, torna-se uma líder política respeitada, e participa ativamente do processo de redemocratização do país.

DILMA: Eu resisti à ditadura. Particpei também do processo de redemocratização que como o processo de fechamento também foi lento, só que ai a gente tinha uma esperança que a gente via na sociedade a luz abrindo.

Ao iniciarmos a análise desse enunciado, percebemos que dentro do discurso biográfico há uma gradação de nível relacionada a vida de Dilma, primeiro foi mostrado ela enquanto criança tendo que ler muito, depois na fase juvenil onde, ainda na escola, despertou o seu amor pelo Brasil, e posteriormente vimos o processo de constituição de uma família. Neste enunciado, portanto, vemos uma estudante ativa, que está se formando e se envolvendo com as causas do seu país, houve, assim, uma gradação do discurso familiar para o discurso político histórico: **Ela se forma em Economia, torna-se uma líder política respeitada, e participa ativamente do processo de redemocratização do país.** Aqui Dilma já dá a sua contribuição enquanto cidadã. O **E21** fala da época da ditadura e como esta acabou no Brasil, além de que, tenta mostrar, nas entrelinhas, que Dilma teve grande participação no processo de redemocratização se envolvendo de forma ativa e interferindo no processo de luta para implementar a volta das eleições diretas no país.

A segunda parte deste enunciado se dá com a fala de Dilma: **só que ai a gente tinha uma esperança que a gente via na sociedade a luz abrindo.** Neste discurso político histórico, Dilma faz referência a um discurso político partidário com as expressões “a gente tinha uma esperança” e “a gente via na sociedade a luz abrindo”. Quando Dilma usa a expressão “esperança” aciona um discurso político partidário que faz menção ao *slogan* da campanha de Lula em 2002, ano que venceu pela primeira vez as eleições presidenciais. Pelas CP, naquele ano, o *slogan* da campanha era: “A Esperança Venceu o Medo”. Esta expressão estaria ligada à nova fase da vida política de Lula conhecida como “Lula Paz e Amor”. Na época Lula deixa a imagem de comunista radical por causa do medo dos brasileiros em relação a este tipo de governo, e passa a usar a imagem de não comunista, e só assim consegue ser eleito.

Já a expressão “a luz se abrindo” relaciona-se, interdiscursivamente, com o símbolo do PT, que é uma estrela e, com o *jingle*: “Lula Lá, Brilha uma Estrela, Lula Lá, Cresce a

Esperança...”, desta mesma campanha. Ainda promove um efeito de sentido que está atrelada ao processo de redemocratização, já que o PT é considerado partido de esquerda e na época da Ditadura Militar estava engajado a favor da volta do voto direto no país.

E22 - LOCUTOR: Se torna a primeira mulher secretária da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre, depois a primeira mulher a assumir a Secretaria de Minas e Energia do governo gaúcho.

SONORA. OLÍVIO DUTRA, EX- GOVERNADOR DO RS: A Dilma tem uma sensibilidade à flor da pele e tem também objetividade e uma capacidade muito grande de compreender ritmos diferenciados de uma equipe que tem que atuar em conjunto para alcançar um objetivo.

LOCUTOR: Seu trabalho livra o Estado do racionamento que o país sofreu na época. Lula quis então conhecê-la.

LULA: Um belo dia em 2002 entra na minha sala uma mulher com laptop na mão, Secretária de Minas e Energia do Rio Grande do Sul e nós fizemos aquela reunião. Quando terminou a reunião me veio na cabeça a certeza de que eu tinha encontrado a pessoa certa pro lugar certo. Ou seja, em apenas uma reunião a Dilma conseguiu me convencer que eu já tinha a Ministra de Minas e Energia do Brasil.

LOCUTOR: Dilma se torna o braço direito de Lula e a primeira mulher da nossa história a ser Ministra de Minas e Energia e depois Ministra Chefe da Casa Civil. Ela coordena todo o ministério e programas como Luz Para Todos, o PAC e o Minha Casa Minha Vida que melhoram a vida de milhões de brasileiros e criam novas perspectivas para o País.

Em **E22**, percebemos, como em todo o esse programa, que houve uma nova gradação bibliográfica da vida de Dilma. Este seria um discurso político administrativo, desta vez Dilma já está exercendo atividade profissional, percebemos isso na fala: **Se torna a primeira mulher Secretária da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre, depois a primeira mulher a assumir a Secretaria de Minas e Energia do governo gaúcho.** Percebemos que o texto nos remete a um caráter de pioneirismo que Dilma exerce há muito tempo.

Observamos na fala de Olívio Dutra: **A Dilma tem uma sensibilidade à flor da pele e tem também objetividade e uma capacidade muito grande de compreender ritmos diferenciados de uma equipe que tem que atuar em conjunto para alcançar um objetivo** - que, o telespectador é levado a acreditar em um discurso político administrativo, mas, se levarmos em consideração as Condições de Produção do Discurso, vemos que a essa fala é essencial porque foi Olívio Dutra quem a nomeou para os cargos, descritos na análise acima, enquanto Governador do Rio Grande do Sul. Mas, as entrelinhas desta fala, corroboram com os dois enunciados anteriores. Sabemos que o primeiro é um discurso familiar onde Dilma soube lidar com a cadeia; teve marido; teve filha, e, depois vem um discurso de nível social onde vemos Dilma formada; uma pessoa que se dedicava com os assuntos relacionados a nação; que participou do processo de redemocratização, então, essa gradação, percebida nos

dois enunciados e continuado em **E22**, vem dizer que ela tem uma capacidade administrativa adquirida por passar por aquelas etapas, o que a torna uma pessoa sensível ao ponto de assumir esses cargos e tê-los desempenhado bem. Essa sensibilidade foi o que a motivou em seu caráter pioneiro de assumir posições antes ocupadas apenas por homens.

Na fala do Locutor encontramos o dito e o não-dito. **Seu trabalho livra o Estado do racionamento que o país sofreu na época. Lula quis então conhecê-la.** Aqui, o dito parece ser um discurso político administrativo e mostra que ao assumir o cargo ela consegue provar sua capacidade. O não-dito relaciona-se a um discurso político partidário, que dialoga contrário as ações do PSDB.

Se analisarmos as CP, vemos que nessa época o Brasil estava sofrendo com o risco permanente do racionamento de energia, mas, o estado do Rio Grande do Sul, onde Dilma era Secretária de Energia, não sofria com o apagão: **Seu trabalho livra o Estado do racionamento que o país sofreu na época. Lula quis então conhecê-la.** Neste contexto, percebemos que o verbo “livrar” e a expressão “racionamento” possuem efeitos de sentido. No caso, racionamento é algo negativo e promovido pelo partido do PSDB, que, à época do fato, era representado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, e que, tinha José Serra, principal oponente de Dilma, como Ministro da Saúde. Mas, daí, Dilma livra o estado do racionamento. Ela foi, e, ainda, se considera o personagem principal que colabora para livrar o país das ações negativas do qual o PSDB faz parte. Vemos aí, que indiretamente, há uma antítese histórica em relação ao PSDB. Isso se dá interdiscursivamente através da palavra racionamento, que soa como algo negativo promovido pelo partido de José Serra.

Ainda neste enunciado, vemos uma fala de Lula, que sempre se compromete como lastro para avalizar a candidatura de Dilma, mas, neste caso, Lula assume um discurso político administrativo e não político partidário. **Um belo dia em 2002 entra na minha sala uma mulher com laptop na mão, secretária de Minas e Energia do Rio Grande do Sul e nós fizemos aquela reunião. Quando terminou a reunião me veio na cabeça a certeza de que eu tinha encontrado a pessoa certa pro lugar certo. Ou seja, em apenas uma reunião a Dilma conseguiu me convencer que eu já tinha a Ministra de Minas e Energia do Brasil.** Aqui, ele se mostra convencido que as ações de Dilma poderiam comissioná-la a um cargo, *a priori*, ocupado por homens, o que mais uma vez é demonstrado seu pioneirismo e sua sensibilidade.

Confirmamos o uso do tipo de discurso adotado por Lula, nesse enunciado, durante a fala do Locutor: **Dilma se torna o braço direito de Lula e a primeira mulher da nossa**

história a ser Ministra de Minas e Energia e depois Ministra Chefe da Casa Civil. Ela coordena todo o ministério e programas como Luz Para Todos, o PAC e o Minha Casa Minha Vida que melhoram a vida de milhões de brasileiros e criam novas perspectivas para o País. As expressões “braço direito” e a “primeira mulher presidente” remetem a confiança e pioneirismo respectivamente. Portanto o discurso político administrativo que Lula utiliza nesse enunciado está diretamente ligado ao pioneirismo aliado à confiança, depositada em Dilma para fazer parte de secretarias e coordenar projetos importantes do governo como o Ministério de Minas e Energia; da Casa Civil; coordenação de programas como Luz Para Todos; PAC, e Minha Casa Minha Vida.

E23 - SONORA. SIDNEI SIMONAGGIO, ENGENHEIRO TRABALHOU COM DILMA: A Dilma tem essa habilidade de construir as soluções, construir as soluções com os diferentes participantes dessas soluções. É o ministério tal, o Ministério do Meio Ambiente é o Ministério da Indústria e do Comércio, é o Ministério das Cidades é o de Minas e Energia. Ela consegue colocar todas essas pessoas juntas e daí tirar uma solução.

LULA: Eu digo sem medo de errar. Grande parte do sucesso do governo está na capacidade de coordenação da companheira Dilma Rousseff. Aliás, eu vou dizer. Acho que não tem hoje no Brasil ninguém mais preparado do que a Dilma.

DILMA: Eu acho que eu olho o mundo com um olhar mineiro. E acho que eu penso o mundo com um pensamento gaúcho.

LOCUTOR: Graças ao trabalho de Lula e de Dilma surge um novo Brasil. Um país que cresce e distribui renda ao mesmo tempo. Um país mais forte e mais justo. Pronto para eleger a primeira mulher presidente.

No **E23** encontramos um discurso político articulatório. Mas para explicar essa denominação nos detemos às CP, que mostram Dilma como uma pessoa antipática, intolerante e objetiva na administração da Casa Civil, e que por isso não teria condições de articulação política, mas o texto tenta mostrar o contrário dessa imagem criada para ela. O enunciado afirma que Dilma é preparada para promover diálogo e articulação política. Esta afirmação fica evidente na fala do engenheiro Sidnei Simonaggio, que trabalhou com ela: **A Dilma tem essa habilidade de construir as soluções, construir as soluções com os diferentes participantes dessas soluções. (...) Ela consegue colocar todas essas pessoas juntas e daí tirar uma solução.** Nesta última frase o engenheiro quer mostrar toda a capacidade do discurso articulatório de Dilma. Sidnei Simonaggio afirma que Dilma consegue lidar com pontos de vistas diferentes dos dela e daí tirar a solução que ela procura.

Para reforçar essa ideia, Lula, sempre colocado para avalizar o discurso, diz: **Eu digo sem medo de errar. Grande parte do sucesso do governo está na capacidade de coordenação da companheira Dilma Rousseff. Aliás, eu vou dizer. Acho que não tem**

hoje no Brasil ninguém mais preparado do que a Dilma. Dessa forma apenas consolida essa capacidade articulatória que a candidata possui desde sempre.

Em sua fala Dilma confirma que é capaz de praticar uma política articulatória: **Eu acho que eu olho o mundo com um olhar mineiro. E acho que eu penso o mundo com um pensamento gaúcho.** Percebemos inicialmente que a candidata quer englobar todas as regiões do Brasil em suas ações de governo, como vimos nos primeiros enunciados dessa análise. Mas ainda, vemos a presença de um efeito de sentido neste texto com as expressões “olho o mundo com um olhar mineiro” e “penso o mundo com um pensamento gaúcho”. Analisando as CP, vemos que o uso das palavras “mineiro” e “gaúcho” não estão por acaso na fala de Dilma, pois ela nasceu e estudou em Minas Gerais e trabalhou no Rio Grande do Sul, como podemos ver em sua biografia no capítulo 1 desta monografia. Mas, existe, ainda, um não-dito nessa fala. Se levarmos em conta as CP, vemos que o mineiro é conhecido por ser cauteloso, observador, quieto, e o gaúcho é mais crítico e decidido. Então ao usar as expressões destacadas, Dilma se considera uma pessoa quieta por ser observadora, mas que sabe agir na hora certa, do modo certo baseado em sua crítica levantada enquanto observava. Ela se considera uma pessoa que observa e depois toma as ações.

Em suas palavras o Locutor afirma: **Graças ao trabalho de Lula e de Dilma surge um novo Brasil. Um país que cresce e distribui renda ao mesmo tempo. Um país mais forte e mais justo. Pronto para eleger a primeira mulher presidente.** Com isto ele quer dizer que, se eleita, Dilma irá contemplar, todo o país, financeiramente sem restrições. Observamos isto mais enfaticamente na segunda frase do texto do Locutor: **Um país que cresce e distribui renda ao mesmo tempo** - por isso quando Dilma se refere à Minas e ao Rio Grande do Sul, ela, quer mostrar que a distribuição de renda dará conta de todas as regiões brasileiras. Para fortalecer este não-dito, o Locutor usa a expressão: **Um país mais forte e mais justo.** Mas se preocupa, ainda, em mostrar o discurso político articulatório que Dilma é capaz e sabe realizar. Pois, se ela vai distribuir renda a todas as regiões é porque a candidata está pronta para dialogar de forma articulada com diversos setores e diversas políticas, e, desta forma, deixa claro que quer o apoio dos governantes, só assim o Brasil poderá receber a renda prometida para o crescimento dos estados e municípios.

E24 - DILMA: Para você querer fazer isso. Para você achar que tem de mudar o seu país, você tem que ter uma relação afetiva com seu povo também. E você tem sim, ou seja, tem que te incomodar afetivamente, não é só racionalmente, afetivamente a pobreza. Afetivamente, criança sem recurso. E a mim sempre afetivamente me tocou muito uma coisa, que vi muito isso: A humildade do povo. O Lula deu a certeza pra eles que era obrigação do Estado fazer, que não era esmola nenhuma. Como é que é

que esse país não ia fazer aquilo? Então eu acho que isso é uma forma de respeito. Eu acho que nós demonstramos através de práticas, que respeitamos o povo brasileiro. Tudo que eu quis na minha vida foi participar, ajudar o meu país. E tem uma chance que é única no mundo. E outra coisa eu tô muito tranquila comigo mesma. Eu acho que tô preparada, acho, que o Brasil tá preparado. E tô muito tranquila porque eu acho que eu posso dar uma contribuição. Eu acho que a minha vida me trouxe aqui. E eu acho importante esse momento para o país. Porque nós temos uma chance única. Eu tenho a chance de consolidar um processo de crescimento do Brasil de inclusão dos brasileiros, de melhoria de vida das brasileiras. Eu tenho essa oportunidade. E quando você tem uma oportunidade dessas, você só pode achar que a sua vida foi plena. Então eu acho a minha vida plena.

Nesta fala de Dilma, é acionado um discurso familiar quando ela usa a palavra “afetiva” e “afetivamente” nas frases: **E você tem que ter uma relação afetiva com seu povo também. E você tem sim, ou seja, tem que te incomodar afetivamente, não é só racionalmente, afetivamente a pobreza. Afetivamente, criança sem recurso.** Ao usar esse tipo de discurso, ela dialoga com a relação de antipatia e intolerância que a população brasileira tinha sobre ela. Quando ela diz **não é só racionalmente** ela tenta apagar esse seu lado intolerante, e por isso, ela fala “afetivamente a pobreza”. “Afetivamente, criança sem recurso”.

Aliando estas frases como o que ela profere adiante: **O Lula deu a certeza pra eles que era obrigação do Estado fazer, que não era esmola nenhuma** - ela aciona, também, um discurso político anti-protetionista, ou seja, aquela que não pretende trocar mercadorias, favores, dinheiro, por votos. Mas, observando as Condições de Produção do Discurso, vemos que o Partido dos Trabalhadores (PT) era acusado pela oposição de usar programas sociais como o “Bolsa Família”, “Minha Casa Minha Vida”, “ProUni” por exemplo, sob a forma de máquina política de votos, já que a população brasileira, costumeiramente, era condicionada a trocar votos por algo do qual estivessem precisando. Então ao dizer que “não era esmola nenhuma” Dilma tenta desmistificar essa política protetionista que o PT era acusado de praticar. E afirma isto na frase: **Eu acho que nós demonstramos através de práticas, que respeitamos o povo brasileiro.** Quando usa a palavra “práticas” a candidata aciona um não-dito que se relaciona com estes programas beneficentes. E ao usar “respeitamos” mais uma vez desmente a participação do PT no estilo de política protetionista.

3.2.3 - Aborto Não! Dilma, Religiosa Por Justa Causa

Começamos agora a analisar os programas eleitorais do segundo turno que se limitaram apenas as duas exibições iniciais, assim como foi definido para o primeiro. Neste contexto Dilma Rousseff atingira 46,91% dos votos e, assim, era considerada a favorita pelo posto de Presidente da República do Brasil.

O programa em questão aconteceu na terça-feira, dia 05 de outubro de 2010, dois dias depois da votação que levou Dilma e Serra ao segundo turno, e que fez com que a candidata Marina Silva assumisse quase 20% do total de votos válidos. Com mais 24 dias de campanha, os candidatos disputavam o apoio e os eleitores de Marina; tiveram que se explicar, também, em seus horários reservados sobre as questões polêmicas, vista na primeira parte desta análise e que ficaram mais evidentes entre o final da campanha do primeiro turno e durante a realização deste segundo momento, que envolviam diretamente seus nomes.

Os assuntos mais comentados e discutidos entre a população e internautas estavam a descriminalização do aborto, legalização da união e casamento homossexual, a discussão da religiosidade dos candidatos e vice, entre outros. Além disso, foram realizadas correntes de *e-mails* que retratavam supostas opiniões dos candidatos em relação a estes assuntos.

E25 - LOCUTOR: Dilma teve no domingo o maior apoio político que uma mulher já recebeu na nossa história: 47 milhões e meio de votos. Ela foi a mais votada em 18 estados e a sua coligação elegeu o maior número de governadores, senadores e deputados. Uma grande vitória. E vem aí o segundo turno para o Brasil confirmar que não quer voltar ao passado. Que é seguir mudando com a primeira mulher presidente.

Vemos logo de início, no Programa Eleitoral do segundo turno, o reforço que se dá para a continuação do governo de Lula através da administração de Dilma Rousseff sendo ela eleita, quando o Locutor diz: **Que é seguir mudando com a primeira mulher presidente.** Não nos importa analisarmos profundamente esta terminologia, pois vimos claramente explicado nas primeiras análises do primeiro turno. Então nos deteremos a analisar o discurso político acionável de um discurso estatístico que identificamos neste enunciado. Isto é perceptível nas palavras e expressões “o maior apoio político”; “47 milhões e meio de votos”; “a mais votada em 18 estados”; “o maior número de governadores, senadores e deputados”; “uma grande vitória”.

Mas esta última expressão: “uma grande vitória” – aciona um efeito de sentido por causa deste discurso estatístico. O Locutor mostra que o PT elegeu um grande número de governadores, senadores e deputados e Dilma foi a mais votada em 18 estados dos 27,

incluindo o Distrito Federal, o que equivale a maioria. Assim, esta grande vitória estaria ligada a maioria de votos obtidos e maior apoio na bancada parlamentar e nos estados.

Mas se analisarmos as Condições de Produção do Discurso, vemos que há um antagonismo referente a essa “grande vitória”. Sabemos que durante toda a campanha alguns Institutos de Pesquisas renomados apontavam Dilma Rousseff como sendo eleita desde o primeiro turno, então de acordo com as CP, a ida de Dilma para o segundo turno foi considerado uma derrota do ponto de vista da sua liderança nas intenções de votos no primeiro momento das eleições. Por isto a utilização do discurso estatístico pelo Locutor serve para apagar esta imagem negativa que ficou depois do resultado do dia 3 de outubro. Considerando as CP vemos que houve alguns fatores que possibilitaram esta derrota como, por exemplo, os quase 20% dos votos válidos conquistados pela candidata Marina Silva do Partido Verde (PV), ou ainda, as questões relacionadas à polêmica do aborto, da qual a população brasileira considerava que Rousseff era favorável, a falta de religião declarada da candidata, entre outros.

Analisando este trecho do enunciado: **E vem aí o segundo turno para o Brasil confirmar que não quer voltar ao passado. Que é seguir mudando com a primeira mulher presidente** - percebemos que há aí um discurso político partidário quando se refere a “primeira mulher presidente” e um efeito de sentido referente à palavra “confirmar”. Sabemos que no discurso técnico eleitoral, confirmar, se refere ao ato de finalizar uma votação apertando a tecla verde da urna eletrônica. Mas, nesta fala, está referindo a um não-dito que corresponde o número de votos brancos, que somaram 3,13%, os nulos, que obtiveram o percentual de 5,51%, e, as abstenções, que neste caso, atingiram 18,12% dos votos válidos do primeiro turno. Logo, quando o Locutor usa a palavra “confirmar” ele pede que o eleitor compareça no dia 31 de outubro e realize sua votação.

Vamos nos deter agora a expressão do trecho analisado posteriormente: “que não quer voltar ao passado”. De acordo com as CP, estamos agora no segundo turno das eleições de 2010, e apenas dois candidatos, Dilma Rousseff e José Serra, disputam o pleito. A expressão citada remete a um efeito de sentido relacionado aos oito anos que o PSDB, partido de Serra, esteve à Presidência da República. Época esta onde o Brasil passou por momentos negativos para sua história, como o racionamento de energia, as privatizações e, a instabilidade econômica, o que provocou medo entre a população brasileira.

E26 - DILMA: Quero começar esse segundo turno agradecendo a Deus por me ter concedido uma dupla graça. Ter sido a candidata mais votada no primeiro turno. E ter a oportunidade agora de discutir melhor minhas propostas e me tornar ainda mais

conhecida. Agradeço de coração aos mais de 47 milhões de eleitoras e eleitores que me deram seu voto. E chamo sua atenção para um fato bem curioso: se a gente somar meus votos com os da candidata Marina Silva a gente vê que cerca de 67% dos brasileiros querem uma mulher na presidência. Isto é um motivo especial de orgulho para todas nós mulheres brasileiras. E também de muita responsabilidade porque tão importante quanto ser mulher é defender o melhor projeto para o Brasil. O Brasil que eu represento é aquele onde todos têm a oportunidade de subir na vida e realizar os seus sonhos. É aquele Brasil que avançou bastante com o presidente Lula e está pronto para dar um grande salto na educação, na saúde, na segurança, na geração de empregos, na construção de moradias. É aquele Brasil que está sendo construído com base em um projeto concreto e não em falsas promessas. É, enfim, aquele Brasil que saiu das urnas mais fortalecido do que nunca, pois sabe que o país vive um grande momento, e o futuro vai ser ainda mais próspero.

Vemos logo no início deste enunciado, Dilma acionando um discurso religioso na seguinte frase: **Quero começar esse segundo turno agradecendo a Deus por me ter concedido uma dupla graça. Ter sido a candidata mais votada no primeiro turno. E ter a oportunidade, agora, de discutir melhor minhas propostas e me tornar mais conhecida.** Pensando às CP a candidata utiliza um discurso religioso em sua primeira fala da Propaganda Eleitoral do segundo turno, por causa da polêmica relacionada ao aborto que envolvia seu nome como favorável a legalização. Sabemos que a maior parte da população brasileira é religiosa, e, como tal, não é favorável a descriminalização do ato abortivo, por isso muitas entidades do segmento, e a população de um modo geral acreditavam que Rousseff fosse favorável, pois se baseavam em declarações feitas por ela antes de se tornar candidata. Cientistas políticos, jornalistas, creditaram a não eleição de Dilma Rousseff, já no primeiro turno, por causa da sua abstenção de se posicionar contrária ao aborto. Ao usar o discurso religioso, ela tenta apagar esta imagem criada, já que vertentes da Igreja Católica e algumas denominações evangélicas eram favoráveis a candidatura de Dilma, o que a levou poucos dias antes das eleições do dia 31 de outubro, a assinar um pacto entre os religiosos, que se comprometia em não mudar a constituição brasileira, que ao momento, considerava o ato um crime.

Continuando a análise, percebemos Dilma agradecendo a Deus por ter recebido duas graças: **Ter sido a candidata mais votada no primeiro turno. E ter a oportunidade, agora, de discutir melhor minhas propostas e me tornar mais conhecida.** Nesta última frase, ela tenta mostrar tranquilidade em disputar o segundo turno e não deixar transparecer abalo com os erros das pesquisas de pretensão de votos, mas pelo contrário, estaria feliz por sua ida ao segundo turno, já que foi um desejo realizado por Deus para que agora discuta melhor suas propostas e se torne mais conhecida pelos brasileiros.

Ainda no enunciado, encontramos um efeito de sentido referente a passagem da fala de Rousseff: **Agradeço de coração aos mais de 47 milhões de eleitoras e eleitores que me deram seu voto.** Neste trecho Dilma aciona um dito referente a um discurso feminista, quando coloca a palavra “eleitora” à frente de “eleitor”, ou “brasileira” a frente de “brasileiro”. Neste: **E chamo sua atenção para um fato bem curioso: se a gente somar meus votos com os da candidata Marina Silva a gente vê que cerca de 67% dos brasileiros querem uma mulher na presidência. Isto é um motivo especial de orgulho para todas nós mulheres brasileiras** – apenas baseada em um discurso estatístico: **cerca de 67%** - ela afirma categoricamente que os brasileiros querem uma mulher na presidência, porém não leva em consideração os votos nulos, brancos, as abstenções, os votos destinados aos candidatos de pouco apoio político e ao seu principal opositor.

Neste discurso estatístico identificamos a presença de um não-dito referente a palavra **somar** na frase: **se agente somar meus votos com os da candidata Marina Silva agente vê que cerca de 67% dos brasileiros querem uma mulher na presidência.** Ao dizer que cerca de 67% da população brasileira quer uma mulher na presidência, ela propõe aos eleitores da candidata Marina Silva votarem nela, pois se querem uma mulher na presidência, a hora é esta. Aqui, é produzido um efeito de sentido através de um discurso político de coalizão com os eleitores de Marina para ela atingir a maioria dos votos no segundo turno.

Mais adiante, é visto um discurso antagônico ao plano de ações de José Serra, mas não menciona o nome do candidato. Quando Dilma afirma: **É aquele Brasil que está sendo construído com base em um projeto concreto e não em falsas promessas.** Nesta frase a palavra **concreto** produz um efeito de sentido às realizações dos programas sociais do PT que estavam mais direcionadas às construções, propriamente ditas, como o Minha Casa Minha Vida, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Isto é mais evidente quando fala: **não em falsas promessas** - indiretamente ela diz que os projetos divulgados por Serra em sua campanha, não traria crescimento ao país, pois são promessas que estavam fora do que realmente o Brasil precisava.

Ainda sobre o **E26**, a candidata faz menção de que ela seria a favorita: **É, enfim, aquele Brasil que saiu das urnas mais fortalecido do que nunca, pois sabe que o país vive um grande momento, e o futuro vai ser ainda mais próspero.** O uso da expressão: **aquele Brasil que saiu das urnas mais fortalecido do que nunca** – mostra que Rousseff esteve sempre a frente de qualquer candidato desde o primeiro turno, e agora no segundo, o país

pôde confirmar isto, pois obteve a maioria dos votos válidos e a confiança das maior parte dos brasileiros.

E27 - LOCUTOR: Conjunto habitacional Nova Conceição, Feira de Santana, Bahia.

DILMA: O que significou pra vocês, quando vocês chegaram aqui?

SONORA ROBERTA SILVA, DONA DE CASA: Eu não tenho nem palavras, eu quero que as pessoas que não tem ainda sintam esse privilégio, esse gosto. É gostoso, assim: eu tenho uma casa. Hoje tem essa oportunidade assim que foi um presente. E eu espero assim da senhora de continuar, isso. Não pára não.

DILMA: Você pode ter certeza que eu vou fazer casa por esse país, pra todo o povo brasileiro que não tem casa. Porque não é a casa. É o que tem dentro da casa. São as pessoas, o significado pra você do que é ter uma casa. E eu acho que é isso que faz com que a gente tenha força pra continuar brigando, pra continuar fazendo acontecer aquilo que a gente quer: que esse país cresça, mas que ele não cresça só porque você fez uma obra aqui, outra ali. Ele cresça pra que a vida das pessoas melhore. É isso que eu acho que a gente quer.

No enunciado **E27** o Locutor orienta o telespectador mostrando onde Dilma está. Isso produz um efeito de sentido referente a postura de mulher simples, humilde e do povão, que a candidata possui. Ainda tenta mostrar que os trabalhos realizados pelo PT alcançaram vários lugares do país, inclusive aqueles mais esquecidos e interioranos.

Adiante Dilma diz: **O que significou pra vocês, quando vocês chegaram aqui** – com o uso da palavra **significou**, a candidata promove um efeito de sentido para que entrevistada Roberta Silva, atribua um juízo de valor ao fato de que sua família reside em uma casa construída pelo governo.

Mas na fala da dona de casa Roberta: **Eu não tenho nem palavras, eu quero que as pessoas que não tem ainda sintam esse privilégio, esse gosto. É gostoso, assim: eu tenho uma casa. Hoje tem essa oportunidade assim que foi um presente. E eu espero assim da senhora de continuar, isso. Não pára não.** Ela não consegue descrever e quantificar de uma forma concisa o que foi perguntado por Dilma. Neste caso ela troca um juízo de valor por um juízo de sentimento. Ao tentar responder a pergunta de Dilma, a dona de casa usa outros parâmetros de medição para descrever esse juízo de valor. Para isso ela usa as palavras: “privilégio”, “gosto/ gostoso”, e “presente”. Analisemos cada um desses parâmetros. Pelas CP sabemos que no Brasil são poucas as pessoas que tem uma casa própria, que não pagam aluguel, ou que pelo menos morem em uma.

Sendo assim, quando Roberta Silva diz que é um “privilégio”, mostra que está classificada entre o pequeno número de pessoas que residem em uma casa própria; ao dizer que é “gostoso” descreve a sensação de estar morando em um lugar destinado, exclusivamente, para ela; e ao mencionar que foi um “presente”, afirma que não precisou

pagar pela casa, pois esta fora doada através das ações do Governo Federal. Atribuindo esse juízo de sentimento à pergunta de Dilma, a entrevistada aciona um discurso cultural de favorecimento quando usa as palavras destacadas em negrito. Isto causa um processo de identificação entre pessoas beneficiadas, nas mesmas condições de Roberta, pelas ações governamentais de Lula, e entre outras carentes por moradias para que se aliem e votem na candidata neste segundo turno, pois só assim poderão ser favorecidas com uma casa própria, assim como aconteceu com a Roberta Silva.

Ainda sobre a fala de Roberta, vemos na última frase: **E eu espero assim da senhora de continuar, isso. Não para não** – um discurso político de reforço a votação no segundo turno. Quando a dona de casa diz: “não para não”, ela produz um efeito de sentido se referindo ao eleitor-telespectador e não à Dilma. Roberta está pedindo aos eleitores-telespectadores que não parem de votar em Dilma, que ela seja eleita com a maioria dos votos também no segundo turno, pois só assim ela vai continuar a construir casas para quem não tem.

Ainda no **E27**, Dilma reforça isto dizendo: **Você pode ter certeza que eu vou fazer casa por esse país, pra todo o povo brasileiro que não tem casa** - percebemos aí um discurso poético sendo disfarçado de um político administrativo. Observando o trecho seguinte: **Porque não é a casa. É o que tem dentro da casa. São as pessoas, o significado pra você do que é ter uma casa** - quando Rousseff usa a palavra “significado” volta a mencionar o juízo de sentimento descrito por Roberta. Para Dilma, neste discurso, o mais importante nas construções realizadas pelos Programas Sociais do Governo, não são propriamente as moradias disponibilizadas, mas sim a emoção destas famílias de poderem viver dignamente sob um teto sem precisar pagar aluguel.

E28 - DILMA: Com o PAC 2, esse trabalho vai crescer. Serão mais dois milhões de moradias em todo o Brasil.

LOCUTOR: Para fortalecer a família brasileira Dilma vai construir mais dois milhões de moradias. E ao mesmo tempo melhorar o sistema de saúde e construir 500 UPA's, as Unidades de Pronto Atendimento que funcionam 24 horas. Além disso ela vai criar, seis mil creches e pré-escolas, oferecendo mais tranquilidade aos pais e às mães e uma aprendizagem adequada às nossas crianças. Segurança é outra prioridade. Dilma vai investir fortemente em policiamento comunitário e articular programas que protejam os jovens das drogas. E para aumentar o poder aquisitivo da população, vai continuar reajustando o salário mínimo acima da inflação e gerar ainda mais empregos. É assim, com essas ações integradas que Dilma vai apoiar a família brasileira.

O **E28** começa, com Dilma acionando um discurso político estrutural: **Com o PAC 2, esse trabalho vai crescer. Serão mais dois milhões de moradias em todo o Brasil.**

Observamos que ao longo da fala do Locutor este discurso vai tomando ares de um discurso familiar: **Para fortalecer a família brasileira Dilma vai construir mais dois milhões de moradias. (...) É assim, com essas ações integradas que Dilma vai apoiar a família brasileira.** Mas, analisando as CP, vemos que, como já fora dito, Dilma não foi eleita já no primeiro turno, mesmo com as pesquisas de intenção de votos terem afirmado o contrário, por causa da polêmica que envolvia seu nome como favorável ao aborto, desta forma ao se utilizar de um discurso familiar, o Locutor mostra Dilma preocupada e favorável à família e, desta forma, tenta confrontar a campanha eleitoral do seu opositor José Serra, que, baseava seus planos de governo, na família.

Analisando, ainda, a fala do Locutor observamos que a forma de Dilma se preocupar em investir na família brasileira é, tão somente, através de novas obras construídas pelo PAC 2. Ela vai investir na saúde familiar construindo **500 UPA's, as Unidades de Pronto Atendimento que funcionam 24 horas.** Vai investir na educação das crianças criando **seis mil creches e pré-escolas, oferecendo mais tranquilidade aos pais e às mães e uma aprendizagem adequada às nossas crianças.** Vai livrar os filhos da dependência química investindo **fortemente em policiamento comunitário e articulando programas que protejam os jovens das drogas.** O Locutor não articula um discurso social voltado para o beneficiamento das famílias, pois assim entrará no mérito da descriminalização do aborto. Aqui ele tenta mascarar um discurso político estrutural com um familiar. Percebemos, que, a forma de cuidado que Dilma tem com as famílias é promovendo estruturas físicas para serem beneficiadas.

E29 - LOCUTOR: A visão da mulher é capaz de mudar muita coisa. Da mulher, mãe (*foto de Dilma com a filha, recém-nascida*). Da mulher, avó (*foto de Dilma com o neto, recém-nascido*). Da mulher que respeita a vida (*foto de Dilma segurando a mão do Papa Bento XVI, ao lado de Lula e esposa*). Da mulher que percorre o mundo divulgando o nosso país (*foto com o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e, com, o presidente da França, Nicolas Sarkozy*). Da mulher capaz de criar programas que realizam o sonho de tantas famílias brasileiras. Essa é Dilma que com a força e a fé da mulher vai fazer o Brasil seguir mudando.

Neste enunciado, utilizamos algumas descrições de imagens que podem trazer complemento à análise. Nosso estudo não se refere à semiótica, mas consideramos que se faça necessário utilizar estas descrições para um maior aproveitamento.

Dando continuidade a AD neste enunciado, vemos no início da fala do Locutor, um discurso feminino: **A visão da mulher é capaz de mudar muita coisa** – que vai dar continuidade em um discurso familiar: **Da mulher. Da mulher, avó.** Vemos também um

discurso religioso: **Da mulher que respeita a vida e Essa é Dilma que com a força e a fé da mulher vai fazer o Brasil seguir mudando.** Um discurso patriótico e articulatório: **Da mulher que percorre o mundo divulgando o nosso país.** Percebemos aí, uma pluralidade de pensamentos: feminino, familiar, religioso, patriota, articulatório. Mas estes vários discursos vão culminar em apenas um: discurso religioso familiar.

Analisemos: São mostradas duas fotografias parecidas, uma em que Dilma aparece com a filha nos braços, e a outra com o neto, isto promove um efeito de sentido referente ao respeito à vida, ou seja, Dilma e Paula decidiram que seus filhos pudessem nascer e crescer, e agora Dilma consegue repetir o mesmo gesto que fez quando sua filha era recém nascida. Vemos ainda uma fotografia onde Dilma está segurando a mão do Papa, ao mesmo tempo o Locutor diz: **Da mulher que respeita a vida.** Neste caso Dilma apelando pelos valores religiosos e não morais para definir como deve ser o respeito à vida. A imagem dela segurando a mão do Papa remete a uma mulher devota ao cristianismo, sobretudo contra o aborto. Assim Dilma tenta humanizar sua imagem em relação às mulheres, que são maioria no país, para obter a confiança delas.

Observamos, portanto neste enunciado, que o discurso religioso familiar valoriza a família descrita pela religião cristã.

E30 - APRESENTADORA 1: A internet é uma grande conquista moderna. Infelizmente uma corrente do mal tem usado a rede para espalhar anonimamente mentiras contra a Dilma. Não acredite neles. Dilma é uma mulher honesta que respeita a vida e as religiões. Se você receber algo assim acesse: www.dilma13.com.br clique aqui (*mostra link no site da campanha onde tem escrito corrente do bem*) e reenvie uma mensagem de amor para quem lhe mandou uma mentira. Assim ele vai poder entrar na corrente do bem.

LULA: Eu estou vendo acontecer com a Dilma o que aconteceu comigo no passado. Quando pessoas saíram do submundo da política mentindo a meu respeito. Dizendo que eu iria fechar as igrejas, mudar a cor da bandeira. Ganhei as eleições e o que aconteceu? Mais liberdade religiosa, mais respeito a vida, mais democracia, mais comida na mesa, melhor salário. Isso foi o que eu fiz pelo Brasil e é isso que a Dilma vai continuar fazendo. Por isso, vote Dilma.

Percebemos em alguns trechos deste enunciado, a tentativa dos dois sujeitos acionarem um discurso moralista. A Apresentadora 1 em sua fala diz que **Dilma é uma mulher honesta.** E Lula afirma que durante as primeiras campanhas que tentou se eleger, algumas pessoas mentiram a seu respeito. A palavra “honesto”, e, “mentir sobre alguém” é próprio das ações da formação discursiva moralista. Mas, esse discurso moralista é apagado por um discurso religioso. Vemos isto nas expressões antagônicas: “corrente do mal”,

“corrente do bem”, pois sabemos que “bem” e “mal” está ligada à formação discursiva religiosa, e que “bom” e “ruim” é que fazem parte da formação da moral.

Isto se confirma se observarmos as CP. Durante a campanha, foi espalhada na internet vídeos, imagens, *emails*, afirmando que Dilma fosse favorável ao aborto, e por isto iria aprovar a lei que descriminaliza o ato; questionando a opção sexual da candidata, e por isto iria aprovar a lei que proporcionava o benefício do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo; especulando que Rousseff não cria em Deus e por isto não tinha religião. Esta polêmica levou a algumas denominações evangélicas e vertentes da Igreja Católica, que somam mais da metade da população brasileira e que eram aliadas de Dilma, a assinarem um acordo que promulgava a candidata não modificar a Constituição, que à época, não legalizava tais atos.

Para desmentir os boatos, a Apresentadora 1 pede para que a população, em especial os internautas, não acreditar nestas correntes e diz: **Dilma é uma mulher honesta que respeita a vida e as religiões.** E se alguém receber esse tipo de informação **reenvie uma mensagem de amor.** A palavra “amor”, aqui, expressa remete à religiosidade, pois se baseia no que se prega nas igrejas cristãs, de pagar o mal com o bem. “Amor” está se referindo, também, a “corrente do bem” que a Apresentadora 1 quer que seja repassada entre os usuários da rede mundial de computadores.

Mas observando a fala da Apresentadora, vemos que há dois momentos que promovem um novo efeito de sentido: **A internet é uma grande conquista moderna. Infelizmente uma corrente do mal tem usado a rede para espalhar anonimamente mentiras contra a Dilma. Não acredite neles. Dilma é uma mulher honesta que respeita a vida e as religiões. Se você receber algo assim acesse: www.dilma13.com.br clique aqui e reenvie uma mensagem de amor para quem lhe mandou uma mentira. Assim ele vai poder entrar na corrente do bem.** Existem dois pronomes que se contrariam e acionam um efeito de sentido referente a posição de José Serra ou do PMDB, principal opositor de Dilma, como sendo autor dos boatos. O primeiro caso se refere a fala da Apresentadora quando diz que estão espalhando **anonimamente mentiras contra a Dilma.** E pede: **Não acredite neles.** O segundo se refere, quando ela pede para os internautas mandarem “uma mensagem de amor para quem lhes enviou uma mentira”. E soluciona: **Assim ele vai poder entrar na corrente do bem.**

Vemos no primeiro caso a Apresentadora 1 dizendo que as mensagens são anônimas e pede para não acreditar “neles”, o uso do pronome substantivo nos faz entender que são várias pessoas por trás dos boatos e que nenhum deles foi identificado. Mais adiante ela pede

para os internautas mandarem uma mensagem de amor demonstrando qual o procedimento e, diz, que assim “ele” vai entrar na corrente do bem. O uso do pronome pessoal “ele”, nos remete ao fato de, o autor das correntes, ser apenas uma pessoa, e que esta já foi identificada. Levando em conta as CP, vemos que José Serra e o PSDB, partido que é filiado, são os principais oponentes de Dilma e do PT desde a derrota do candidato Serra, nas eleições de 2002, contra Lula. Assim, indiretamente, a Apresentadora 1 remete a culpa da boataria ao próprio Serra, ou alguém, exclusivamente, ligado ao PSDB.

Ainda neste enunciado vemos a fala de Lula trazendo um discurso religioso: **Eu estou vendo acontecer com a Dilma o que aconteceu comigo no passado. Quando pessoas saíram do submundo da política mentindo a meu respeito. Dizendo que eu iria fechar as igrejas, mudar a cor da bandeira. Ganhei as eleições e o que aconteceu? Mais liberdade religiosa, mais respeito a vida, mais democracia, mais comida na mesa, melhor salário. Isso foi o que eu fiz pelo Brasil e é isso que a Dilma vai continuar fazendo. Por isso, vote Dilma.** O discurso é fácil de ser observado a partir de palavras como: “igrejas”, “liberdade religiosa”, “mais respeito a vida”. Mas, as CP encontradas na fala de Lula são diferentes da fala da Apresentadora 1.

Pelas CP, o presidente era de um partido tido como de esquerda (PT), e para tal existia um discurso religioso de esquerda de que Lula ia acabar com valores extremamente nacionalistas, por isso ele fala: **Quando pessoas saíram do submundo da política mentindo a meu respeito. Dizendo que eu iria fechar as igrejas, mudar a cor da bandeira.** Sabemos que os partidos de esquerda eram ligados a partidos comunistas, e, por isso, países que mantinham uma política comunista proibiram a liberdade religiosa, e estamparam na bandeira nacional a cor vermelha.

Mas quando ele diz: **Eu estou vendo acontecer com a Dilma o que aconteceu comigo no passado** – quer proporcionar um discurso religioso com as mesmas CP; como foi observado isto não acontece, pois no caso da fala da Apresentadora 1, existe um discurso religioso voltado a valores práticos e, na fala do petista, um discurso religioso ligado a valores políticos filosóficos. Pelas CP, Dilma era acusada de não agir conforme a maioria da população brasileira, e Lula de tentar impor uma mudança estrutural referente à ideologia praticada por seu partido. Então, por conta disso, Lula tranquiliza o povo brasileiro: **Ganhei as eleições e o que aconteceu? Mais liberdade religiosa, mais respeito a vida, mais (...).** Assim, Lula mostra a população que não deve levar em conta a boataria referente à Dilma, já

que nada do que foi falado sobre ele, enquanto candidato, aconteceu quando ele foi eleito, e sim o contrário do que se esperava.

Pelas CP, Lula era de um partido de esquerda e por isto ligado ao comunismo. Desde a volta das eleições diretas ele foi candidato a presidente e não conseguia se elegia por causa de sua imagem radical, sendo assim, a sociedade brasileira tinha medo do Brasil se tornar comunista. Mas, durante a campanha de 2002, muito se credita a vitória de Lula contra José Serra, por causa da mudança estrutural e ideológica de sua imagem em um “Lula Paz e Amor”. Por isso havia o medo, principalmente dos religiosos, de que Lula sendo eleito antes de 2002, aconteceriam mudanças nos valores nacionalistas relacionados a democracia. E, na campanha em que foi eleito, a conjuntura político-histórico havia sofrido modificações que refletiram também na imagem do candidato e na filosofia ideológica do Partido dos Trabalhadores (PT). Desta forma as prioridades de Lula seriam outras.

E31 - DILMA: Quero nesse segundo turno fazer uma campanha, antes de tudo, em defesa da vida. Uma campanha cheia de futuro e esperança no Brasil. De compromisso com os nossos valores mais sagrados. Vamos também debater com muita clareza qual dos dois modelos de governo que estão ai é melhor para o futuro do país. Para isso, vamos comparar os 8 anos do governo passado, com os 8 anos do nosso governo para que você tire suas próprias conclusões e fazer isso sem mentiras sem ataques pessoais e sem agressões. Estou sofrendo na pele uma das campanhas mais caluniosas que o Brasil já assistiu. Mas igual ao presidente Lula, que também foi vítima de calúnias, não me afastarei do rumo certo. Meu sonho é fazer o Brasil avançar ainda mais, melhorando a vida de cada brasileira e de cada brasileiro. Podemos nos tornar um dos melhores países do mundo. É nisso que eu acredito. E é por isso que eu vou trabalhar sem descanso. Muito obrigada a todos vocês e peço mais uma vez seu voto de confiança.

APRESENTADORA 2: No Brasil de Serra e FHC, não haveria o Bolsa Família. Não haveria o Minha Casa, Minha Vida, nem o Luz Para Todos. *(Enquanto fala um mapa do Brasil na cor cinza, está ao seu lado direito e vai diminuindo de tamanho. Ela olha para o mapa, da uma pausa e continua)* 36 milhões de brasileiros não teriam alcançado a classe média, e 28 milhões ainda estariam na pobreza, *(Ela olha para o mapa, da uma pausa e continua)*. Não haveria PAC e nem os 14,5 milhões de empregos criados por Lula. *(Ela olha para o mapa, e este por sua vez esta minúsculo)* Agora, o Serra quer voltar, mas é o Brasil que não quer voltar ao passado, o Brasil quer seguir mudando com Dilma *(Ao seu lado direito um gigantesco mapa do país, colorido de azul, aumenta ainda mais o tamanho)*.

O **E31** começa com Dilma acionando, ainda, o mesmo discurso religioso que foi analisado no enunciado anterior, este serve como elo para o outro tipo de discurso que veremos adiante. O discurso religioso está presente quando ela usa expressões como: **defesa da vida, valores sagrados**. Com isto Rousseff se defende das acusações que foram feitas a ela através da internet e, tenta mostrar que é uma pessoa religiosa e vítima de todos os boatos. Mas, neste primeiro trecho, vemos um não-dito na frase: **Quero nesse segundo turno fazer**

uma campanha, antes de tudo, em defesa da vida – como este programa se refere ao primeiro do segundo turno, Dilma, quer dizer indiretamente, que no primeiro turno a sua campanha não tinha o objetivo de entrar em âmbitos sociais que envolvessem o assunto “aborto”. Pelas CP, sabemos que toda a polêmica que envolvia seu nome a favor da legalização ficou mais forte quando a campanha do primeiro turno estava se encaminhando para o fim, e como isso interferiu radicalmente na decisão dos brasileiros. Com os resultados da primeira parte das eleições, o segundo turno começou, e a partir daí, ela se prontifica em impor sua opinião contrária ao aborto. Por isso em toda essa primeira Propaganda Eleitoral vemos como ponto forte, o discurso religioso.

Ao propor um debate entre os dois modelos de governo é melhor para o futuro do Brasil: (...) **vamos comparar os 8 anos do governo passado, com os 8 anos do nosso governo para que você tire suas próprias conclusões e fazer isso sem mentiras sem ataques pessoais e sem agressões** – Dilma apela para um discurso antagônico comparativo. Com as expressões: **sem mentiras, sem ataques pessoais e sem agressões** – discorre, indiretamente, sobre a corrente do mal, criada para difamá-la, como vimos no **E30**, e coloca a responsabilidade desses boatos em seu maior adversário.

Como em toda a campanha, Lula é o lastro de Dilma. Este discurso antagônico comparativo usado pela candidata vai construir um lastro entre José Serra e Fernando Henrique Cardoso e entre o PT e o PMDB. É sabido que José Serra nunca foi Presidente da República, mas como participou efetivamente do governo FHC como Ministro da Saúde, no discurso a candidata emerge esse lastro entre os dois, mesmo não usando o nome do ex-presidente, e pede que os brasileiros façam um comparativo na administração do país durante os 16 anos anteriores: **vamos comparar os 8 anos do governo passado, com os 8 anos do nosso governo**. Esta comparação é necessária porque, pelas CP, há uma rejeição da população ao governo FHC, pois, neste, houve privatizações, recessões econômicas e políticas. Dilma também se utiliza desta comparação e mostra o lastro existente entre ela e Lula: **Mas igual ao presidente Lula, que também foi vítima de calúnias, não me afastarei do rumo certo** – a candidata se refere aos boatos e se diz vítima de calúnia; então como Lula sofreu acusações e depois venceu as eleições, ela quer mostrar que mesmo com os boatos ela será eleita.

Este discurso antagônico comparativo é visto melhor no que a Apresentadora 2 diz ao comparar um mapa do Brasil enquanto era governado por FHC e, tinha José Serra como Ministro da Saúde, e outro, quando era regido por Lula e, tinha Dilma como Ministra da Casa

Civil: **No Brasil de Serra e FHC, não haveria o Bolsa Família. Não haveria o Minha Casa, Minha Vida, nem o Luz Para Todos. 36 milhões de brasileiros não teriam alcançado a classe média, e 28 milhões ainda estariam na pobreza. Não haveria PAC e nem os 14,5 milhões de empregos criados por Lula. Agora, o Serra quer voltar, mas é o Brasil que não quer voltar ao passado, o Brasil quer seguir mudando com Dilma.** Como foi exposto no **E29**, nosso estudo não se refere a análise de semiótica, mas é necessário analisarmos algumas ilustrações para trazer maior clareza à nossa análise discursiva. Enquanto a Apresentadora 2 faz esse antagonismo e compara os 8 anos governados pelo PSDB e os 8 anos do PT, promove um discurso econômico. Isso fica claro na ilustração do mapa do Brasil sendo representado na cor cinza e diminuindo de tamanho enquanto era administrado por Fernando Henrique, o que significa que, neste caso, a economia não estava bem e por isto estava havendo este declínio. Já em contra partida, na administração de Lula o país está em constante crescimento econômico. Vemos isto quando a Apresentadora 2 mostra um grande mapa colorido de azul que aumenta ainda mais o seu tamanho.

Pelas CP a cor azul, quando ligada a economia, mostra um aspecto positivo e a cor vermelha, um aspecto negativo. Por isto o mapa que representa os 8 anos de governo de Lula está colorido por uma cor predominante do partido do PSDB, para representar, que os Programas Sociais desenvolvidos por ele e Dilma fizeram crescer a economia do país, e em nada tem haver com a cor do partido adversário. Pois se o mapa, descrito pela Apresentadora, estivesse colorido com a cor vermelha, predominantemente presente na bandeira partidária petista, promoveria a imagem de uma economia fraca e não condizente ao crescimento mostrado, durante todo o discurso.

3.2.4 - Agora O Povo É Quem Manda

Este segundo Programa Eleitoral foi exibido na quarta-feira, dia 06 de outubro de 2010. Como já dito anteriormente, no segundo turno as apresentações eram realizadas diariamente, incluindo o domingo, e nos mesmos horários.

Obedecendo ao que já foi definido, nossa análise segue uma sequência em nível cronológico diário, pois assim não perderíamos o foco da continuidade das apresentações. Esta continuidade é vista a partir deste programa, que começa seguindo o mesmo discurso visto no enunciado anterior, que por sua vez, compunha o primeiro programa do segundo turno. Marcaremos a produção a ser analisada, ainda, de **E31**, pois são falas que ainda

continuam com o mesmo sentido e discurso empregado no que foi visto acima, e, neste, ainda se faz necessário fazermos uma breve análise de semiótica, pois isto contribuirá para uma análise discursiva mais aprimorada.

E31 - LOCUTOR: Nos tempos de FHC e Serra era assim:

APRESENTADOR: *Mostra objetos que fazem referência a sua fala e os dispõe, individualmente, sobre duas prateleiras distintas onde uma é relacionada ao rico e, a outra, ao pobre.*

MOSTRA UM CARRO DE BRINQUEDO E DIZ: Carro? Coisa de rico;

MOSTRA UM CARTAZ ESCRITO “NÃO HÁ VAGAS”, E DIZ: Desemprego? Coisa de pobre;

MOSTRA UM PRATO CHEIO COM CARNE E DIZ: carne na mesa? Coisa de rico;

MOSTRA UM PRATO, QUASE VAZIO, COM ARROZ E FEIJÃO, E DIZ: Arroz, feijão? Coisa de pobre;

MOSTRA UM CAPELO DE FORMATURA E DIZ: Universidade? Coisa de rico;

MOSTRA UMA MINIATURA DE UM BARRACO E DIZ: futuro incerto? Coisa de pobre;

MOSTRA UM ABAJUR E DIZ: Luz na fazenda? Coisa de rico;

MOSTRA UMA LAMPARINA E DIZ: Escuridão na roça? Coisa de pobre.

APRESENTADOR: *Olha para os objetos dispostos sobre a prateleira e diz:* para eles, apenas os ricos pareciam ter o direito de ser feliz.

ENCENAÇÃO: *Um homem sentado a uma mesa de bar com cartas de baralho na mão, ao fundo algumas pessoas tocam samba e outras dançam.*

O HOMEM DIZ: Lula e Dilma viraram o jogo. **Coloca as cartas emborcadas sobre a mesa e as desemborca uma por uma de acordo com a sua fala.**

O HOMEM VIRA UMA CARTA ONDE CONTÉM A FOTO DE ALGUNS UNIVERSITÁRIOS E DIZ: Universidade? Direito de todos.

O HOMEM VIRA UMA CARTA ONDE CONTÉM UM PRATO CHEIO COM COMIDA E DIZ: Carne na mesa? Direito de todos.

O HOMEM VIRA UMA CARTA ONDE CONTÉM A FOTO DE UMA MULHER OLHANDO PARA UMA LÂMPADA ACESA E DIZ: Luz? Direito de todos.

O HOMEM VIRA UMA CARTA ONDE CONTÉM A FOTO DE UMA PESSOA (NA QUAL SE SUPÕE SER UM TÉCNICO DE LABORATÓRIO) COM TUBOS DE ENSAIO NA MÃO E DIZ: Formação técnica? Direito de todos.

Continuando a análise do E31, no segundo Programa Eleitoral, o Locutor começa fazendo o mesmo comparativo antagônico, além de continuar reforçando o lastro entre FHC e Serra; Lula e Dilma. Quando ele diz: Nos tempos de FHC e Serra era assim – como sabemos José Serra não foi presidente do Brasil, mas participou do Ministério da Saúde, durante o governo FHC, ele ficou marcado, também, pelos fatos negativos que acometeram este governo. Percebemos, neste discurso antagônico comparativo usado pelo Apresentador e pelo homem da encenação, uma construção discursiva realizada a partir da imagem deles em duas situações distintas. O primeiro momento constrói uma imagem de pólos opostos, ricos de um lado e pobres de outro; isto é perceptível quando o Apresentador diz, por exemplo: Carro?

Coisa de rico; Desemprego? Coisa de pobre - assim ele faz essa distinção em pólos durante toda a sua fala.

O que chama mais atenção nesta imagem não é estritamente a fala dele, mas sim a disposição que ele faz de objetos em duas prateleiras distintas para ilustrar sua fala. Sabemos que prateleira é um móvel onde colocamos objetos de primeira necessidade, pois fica em uma boa localização e tudo o que for posto lá é fácil de ser enxergado e, conseqüentemente, usado. O efeito de sentido referente a essa prateleira está relacionada a gêneros de primeira necessidade dos brasileiros, que durante a administração de FHC somente quem tivesse um poder aquisitivo maior poderia possuir, e o pobre não. Na construção discursiva do Apresentador somente o rico era feliz por possuir dinheiro para suprir as suas necessidades: **para eles, apenas os ricos pareciam ter o direito de ser feliz.**

A outra imagem se refere a encenação do homem que tem várias cartas de baralho nas mãos em uma mesa de bar; ao fundo algumas pessoas tocam samba e outras dançam. Verbalizando essa encenação é produzido um efeito de sentido referente a uma imagem popular típica das periferias das cidades, se levarmos em consideração à conjuntura cultura do Brasil, vemos que em muitas comunidades a forma de diversão da população mais carente é o bar, o jogo de cartas e o samba, ou outros ritmos típicos brasileiros. Com isso o Programa Político tenta aproximar Dilma do povo para fugir do que foi visto na explanação do Apresentador sobre o governo FHC, onde os bens mais necessários eram somente disponibilizados para os ricos.

Observando, agora, as falas do ator, ele diz que Dilma e Lula viraram o jogo, colocando mais uma vez Lula como lastro de Dilma e que mudaram a situação do país. Vemos um efeito de sentido referente à frase: **Direito de todos** – por exemplo: **Universidade? Direito de todos. Carne na mesa? Direito de todos. Luz? Direito de todos. Formação técnica? Direito de todos.** Com isso ele aciona um interdiscurso relacionado ao *slogan* usado na campanha de Lula de 2002 e 2006: “Brasil um País de Todos”, remetendo assim a um país onde não somente os ricos tivessem direitos, desta forma ele reforça este discurso popular empregado nesta encenação.

Ainda, neste contexto, um não-dito que se refere ao ato do homem estar em uma cena popular, com as cartas de baralho nas mãos e conforme vai falando, vira as cartas que apresentam imagens referentes ao que foi dito. Tudo o que ele diz se refere às necessidades primordiais de um ser humano, e que no tempo governado por FHC apenas os ricos possuíam, conforme vimos na fala do Apresentador. O efeito de sentido não-dito desta encenação se

relaciona ao ato de que, a classe mais popular é quem dar as cartas e esta é a vez deles poderem possuir os itens de primeira necessidade que na época governada pelo PSDB somente os ricos possuíam. Mas para não se colocar no mesmo patamar do governo anterior, onde apenas uma parte da população era beneficiada, o ator diz que o direito é de todos, porém quem comanda agora é a classe popular.

E32 - LOCUTORA: Uma casa brasileira

LOCUTOR: Antônio, Ana Lúcia, os filhos e as noras formam uma das muitas famílias Silva do Brasil. E como tantas outras sentem que o Brasil mudou. **SONORA, PRIMEIRO FILHO DO ANTÔNIO:** Meus sonhos são grandes.

DILMA: Quanto maiores, melhores.

SONORA, PRIMEIRO FILHO DO ANTÔNIO: Eu já vejo um Brasil que tem condições de comportar os meus sonhos.

DILMA: Você falou uma coisa muito bonita. Você falou que o Brasil hoje comporta seus sonhos e eu acho que a gente tem que expandir os sonhos das pessoas.

SONORA, ANDRÉ LUÍZ SEGUNDO FILHO DO ANTÔNIO: A gente firmou mais ainda o pensamento, né?. E a certeza na sua candidatura e no sucesso com a graça de Deus da sua eleição quando viu ali aquela unidade que tem entre você e o presidente Lula.

DILMA: É o mesmo projeto, né?

SONORA, ANDRÉ LUÍZ, SEGUNDO FILHO DO ANTÔNIO: Então o governo Lula pra gente é um governo família. É a sensação que ele trás, essa segurança, essa unidade, né?

DILMA: Por isso é que eu acho importante ver vocês aqui juntos ele com esses sonhos, tenho certeza que você também, né, André Luiz? A favor da família, da vida, a favor da construção de uma sociedade mais justa e democrática. O Brasil que vai ser construído em cima desse alicerce que o governo Lula construiu, é um Brasil que vai dar um salto que nós achamos que é possível.

De início, a Locutora aciona um discurso familiar quando diz: **Uma casa brasileira**. Falando assim ela tenta chamar a atenção do telespectador para o que vai ser visto logo em seguida na fala do Locutor, Nesta é perceptível que Dilma está na casa de uma família de sobrenome Silva. Pelas CP sabemos que este sobrenome é o mais comum dentro da esfera familiar brasileira, com isso é produzido um efeito de sentido que abarca o maior número de pessoas possíveis, que são identificadas pelo Silva. Quando o Locutor usa a palavra “mudou” aciona um efeito de sentido referente a mudança estrutural e econômica do Brasil obtida pelo governo Lula em relação aos governos anteriores.

No diálogo entre Dilma e o primeiro filho do Antônio, percebemos um não-dito referente a palavra “comportar” na fala do rapaz: **Eu já vejo um Brasil que tem condições de comportar os meus sonhos**. E na fala da candidata: (...) **Você falou que o Brasil hoje comporta seus sonhos e eu acho que a gente tem que expandir os sonhos das pessoas**. Quando ela diz que **o Brasil hoje comporta os sonhos** – mostra que antes os sonhos dos brasileiros eram maiores do que o país conseguia suportar, mas, de forma indireta, diz que

Lula e ela são responsáveis em **expandir os sonhos das pessoas** – assim faz uma alusão de que, depois do governo do PT, o país pode realizar estes sonhos. Mas verificamos um efeito de sentido nas palavras “comporta” e “expande”, elas se referem a crescimento, e assim aciona um não-dito relacionado ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que é um programa de assistência aos desamparados. Assim temos um discurso político assistencialista.

Na fala do segundo filho de Antônio, André Luiz, vemos mais uma vez um discurso religioso dentro de um familiar: (...) **E a certeza na sua candidatura e no sucesso com a graça de Deus da sua eleição quando viu ali aquela unidade que tem entre você e o presidente Lula. (...) Então o governo Lula pra gente é um governo família. É a sensação que ele trás, essa segurança, essa unidade, né?** Quando ele usa a expressão **com a graça de Deus** e, se refere ao governo Lula como um **governo família**, promove um discurso religioso que reforça o posicionamento de Dilma à não descriminalização do aborto. Dentro desse contexto o discurso religioso andar­á sempre pautado pelo familiar. Ainda sobre este trecho, vemos adiante um não-dito na palavra “unidade”, que é repetida duas vezes na fala de André, e, por sua vez, provoca um efeito de sentido e mostra ao eleitor que quem votar em Dilma votará em Lula também, é como se houvesse um processo de equivalência entre a candidata, e o presidente. Se levamos ao literal, a palavra unidade significa união, único, aquilo que não pode ser rompido.

Analisando a fala da candidata, há mais uma vez este reforço de unidade, desta vez em um discurso familiar: **Por isso é que eu acho importante ver vocês aqui juntos ele com esses sonhos, tenho certeza que você também, né, André Luiz? A favor da família, da vida, a favor da construção de uma sociedade mais justa e democrática. O Brasil que vai ser construído em cima desse alicerce que o governo Lula construiu, é um Brasil que vai dar um salto que nós achamos que é possível.** Com a expressão **aqui juntos** Rousseff diz ser importante ver a família Silva unida, assim como Lula e ela são. Adiante existe um reforço a um discurso religioso ligado ao familiar: **A favor da família, da vida** – ela desmente, de novo, todos os boatos que circularam na internet, e já explicado nos enunciados anteriores.

Percebemos na frase: **O Brasil que vai ser construído em cima desse alicerce que o governo Lula construiu, é um Brasil que vai dar um salto que nós achamos que é possível** – dois efeitos de sentido sob a palavra “alicerce”. No primeiro momento aciona um discurso familiar, pois para se construir uma casa é preciso uma fundação que promove esta sustentação à residência, e desta forma ela se refere ao Programa Minha Casa Minha Vida, que tem o objetivo de criar casas para os brasileiros, e que, por sua vez, só existe por causa do

Programa de Aceleração do Crescimento responsável por esses projetos de infra-estrutura. O outro traz um reforço do discurso de continuidade. Ao dizer que o Brasil vai ser construído em cima do alicerce que Lula construiu, a petista afirma que dará prosseguimento a tudo o que foi realizado no governo dele e desse jeito fazer com que o país aumente sua economia, pois ela é o alicerce construído no governo de Lula, já, que lançou o PAC em quanto Ministra da Casa Civil. Ela confirma isso na frase posterior: **é um Brasil que vai dar um salto que nós achamos que é possível**, de novo a palavra “salto” reforça esse crescimento realizado pelo Programa, conforme vimos nos primeiros enunciados analisados.

E33 - LOCUTOR: Agora é a hora da grande união, da grande mobilização que vai fazer de Dilma a primeira mulher presidente. Venha você também pra campanha que vai fazer o Brasil seguir mudando

SONORA HÉLIO DA SILVA: Hoje em dia a gente come carne, a gente faz obra em casa, a gente tem acesso a comprar um carro popular.

SONORA MARCELE DOS SANTOS: Voto na Dilma, sem duvida

SONORA JANJAR DOS SANTOS: Ela é a favor da vida!

SONORA LUCIENE CASTRO: O servidor não tinha aumento, o aposentado não tinha aumento.

SONORA PEDRO PAULO: O Serra não, o Serra a gente já teve uma experiência muito ruim.

SONORA ANTONIO DONIZETE: A Dilma é a mais experiente hoje. Ela é a mais indicada hoje e o Lula acertou.

SONORA SÉRGIO CABRAL, GOVERNADOR REELEITO DO RIO DE JANEIRO: Ninguém mais do que a Dilma conhece as razões do Brasil ter dado certo nesses últimos 8 anos. Ela esteve ao lado do presidente Lula em todos os momentos. Quando aqui no Rio de Janeiro nós construímos o projeto do PAC das Comunidades, lá estava Dilma. Quando nós construímos a candidatura das Olimpíadas, lá estava Dilma. Quando nos estávamos planejando o Complexo Petroquímico de Itaboraí, o maior investimento da história da Petrobrás, lá estava Dilma. Presidente do Conselho de Administração da Petrobrás, a maior empresa brasileira. Por isso eu não tenho dúvida o povo do Rio sabe agradecer: nós vamos votar em Dilma.

DILMA: Temos tudo para acelerar o nosso desenvolvimento humano, social, econômico, ambiental e tecnológico. Temos clareza absoluta do que fizemos e do que ainda falta fazer. Sabemos o que queremos: garantir mais emprego, educação, saúde, moradia e segurança para cada família brasileira, esteja onde ela estiver. No norte, no sul, no leste ou no oeste. Nas pequenas e grandes cidades, temos projetos viáveis para isso, muitos dele inclusive, já estão em andamento. O Brasil tem tudo para ser o país da inovação do conhecimento e das oportunidades iguais para todos os brasileiros.

Neste enunciado alguns discursos, já analisados, sendo reforçados. Quando o Locutor usa a palavra “união”, ele confirma o que vimos na análise anterior que se refere a unidade existente entre Lula e Dilma e a família Silva, com isso o Locutor quer abarcar, de um lado a candidata e o presidente e, do outro, as famílias brasileiras. Ainda na mesma fala, o Locutor diz: **Venha você também para a campanha que vai fazer o Brasil seguir mudando**. Como já foi observado, a expressão “seguir mudando”, está presente em todas os

Programas Eleitorais de Dilma e, desta forma confirma que a candidata vai continuar o trabalho realizado por Lula, pois sendo os dois a mesma unidade será fácil de manter a mesma forma de trabalho que elevou a economia dos brasileiros.

Adiante, há falas de pessoas distintas proferindo opiniões para a campanha de Dilma. Estas vozes vão representar a população de uma forma geral e estimular, os que se identificam com os discursos dos personagens a votarem na candidata. Analisando estas falas vemos um discurso econômico nos textos de Hélio Silva: **Hoje em dia a gente come carne, a gente faz obra em casa, a gente tem acesso a comprar um carro popular** - e Luciene Castro: **O servidor não tinha aumento, o aposentado não tinha aumento.** Este tipo de discurso é observável quando os dois se referem aos benefícios que a população contemplou durante o governo do PT e, que não possuíam na administração anterior, mas que são selecionados entre as necessidades primordiais do cidadão, como comer carne, fazer obra em casa, comprar um carro e ter aumento salarial. Vemos ainda um discurso político articulatório da Marcele dos Santos: **Voto na Dilma, sem dúvida** – e do Antônio Donizete: **A Dilma é a mais experiente hoje. Ela é a mais indicada hoje e o Lula acertou.** Expondo seus votos desta forma, os dois personagens adquirem a confiança dos eleitores indecisos e articulam votos para a candidata. Existe ainda um discurso familiar religioso realizado por Janjar dos Santos: **Ela é a favor da vida!** E um discurso que reforça o lastro, colocado na análise anterior, formado entre Serra e FHC em paralelo ao que existe entre Dilma e Lula, da fala de Pedro Paulo: **O Serra não, o Serra a gente já teve uma experiência muito ruim.** Como foi visto o candidato José Serra nunca foi eleito ao cargo da presidência, mas fez parte do governo de Fernando Henrique como Ministro o que lhe denota um aspecto negativo.

Na sonora do Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sergio Cabral, encontramos um discurso político articulatório que mostra as razões pelas quais os fluminenses devem votar em Dilma: **Ninguém mais do que a Dilma conhece as razões do Brasil ter dado certo nesses últimos 8 anos. Ela esteve ao lado do presidente Lula em todos os momentos. Quando aqui no Rio de Janeiro nós construimos o projeto do PAC das Comunidades, lá estava Dilma. Quando nós construimos a candidatura das Olimpíadas, lá estava Dilma. Quando nos estávamos planejando o Complexo Petroquímico de Itaboraí, o maior investimento da história da Petrobrás, lá estava Dilma. Presidente do Conselho de Administração da Petrobrás, a maior empresa brasileira.** Pelas CP, sabemos que Sergio Cabral é aliado de Lula da Silva e do PT desde a eleição de 2006 quando se tornou governador do Rio de Janeiro pela primeira vez, e, por esta

razão, foram estabelecidas obras para o crescimento do Estado que eram ligadas diretamente ao PAC, criado por Dilma, o que, de certa forma, possibilitou a sua reeleição já no primeiro turno durante as eleições 2010, mostrando o alto grau de popularidade.

Em sua fala, Cabral reafirma o lastro existente entre o presidente e a candidata: **Ela esteve ao lado do presidente Lula em todos os momentos.** E deposita em Dilma o mérito do crescimento econômico que o Brasil obteve durante o governo Petista, e conseqüentemente do seu estado liderado: **Ninguém mais do que a Dilma conhece as razões do Brasil ter dado certo nesses últimos 8 anos.** O discurso político articulatório usado por Cabral, se refere às razões expostas do porquê a população do Estado deve votar em Dilma no segundo turno e elegê-la presidente: **Quando aqui no Rio de Janeiro nós construímos o projeto do PAC das Comunidades, lá estava Dilma. (...).** O governador mostra que Dilma sempre esteve presente, através do PAC, nas obras realizadas no Rio, e usando de sua popularidade, propõe aos fluminenses que deem um voto de agradecimento à candidata, pois ela trabalhou muito para o crescimento do Rio de Janeiro: **Por isso eu não tenho dúvida o povo do Rio sabe agradecer: nós vamos votar em Dilma.**

Na fala de Dilma: **Temos tudo para acelerar o nosso desenvolvimento humano, social, econômico, ambiental e tecnológico. Temos clareza absoluta do que fizemos e do que ainda falta fazer. Sabemos o que queremos: garantir mais emprego, educação, saúde, moradia e segurança para cada família brasileira, esteja onde ela estiver. No norte, no sul, no leste ou no oeste. Nas pequenas e grandes cidades, temos projetos viáveis para isso, muitos dele inclusive, já estão em andamento. O Brasil tem tudo para ser o país da inovação do conhecimento e das oportunidades iguais para todos os brasileiros** - o que parece uma continuação de crescimento em várias, como vista na fala, na verdade, Rousseff se refere apenas a uma: o PAC, isto é visto em palavras com: “acelerar”; “projetos”; “ainda falta fazer”; “andamento” – que fazem parte do contexto discursivo referente ao Programa.

Em seu texto, Dilma reforça que governará para o maior número de pessoas possíveis independentemente de classe social ou região que viva, vemos isto na frase: **para cada família brasileira esteja onde ela estiver. No norte, no sul, no leste ou no oeste.** E confirma isso quando diz que no seu governo, o Brasil será um país de inovação, de conhecimento, e de oportunidades “iguais para todos os brasileiros”. Esta expressão aciona o *slogan* da campanha de Lula: “Brasil um País de Todos”. De forma indireta, durante toda a

fala, Dilma se refere a Lula como seu lastro, e o PAC, como competência sua de atribuir crescimento ao Brasil.

E34 - LOCUTOR: Presente e Futuro

LULA: Dilma, você candidata a Presidenta da República, você vai ter que fazer mais, fazer melhor e fazer com mais competência porque afinal de contas você tem 8 anos de experiência. Qual é a grande proposta para o futuro desse país?

DILMA: Pra mim, o grande desafio é erradicar a miséria do país. O senhor deu um passo enorme no governo que foram os 28 milhões que nós tiramos da pobreza. Dizem que é impossível erradicar a pobreza no Brasil. Pelo contrario, todos os passos que nos demos abriram o caminho para agente acabar com a pobreza no Brasil. Então, isso é muito importante para o Brasil. A segunda questão é levar o Brasil a ser de fato um país em que a sua população no mínimo seja de classe média. Para isso, sem educação de qualidade nos não conseguimos chegar lá.

LULA: Eu tenho a convicção de que você é esse jeito de fazer um Brasil melhor.

O enunciado começa com a seguinte fala do Locutor: **Presente e Futuro** – referenciando Lula, ainda presidente, como o presente e, o futuro com Dilma já eleita. Assim ele já coloca Dilma como a vencedora das eleições do dia 31 de outubro. A palavra **futuro** ainda aciona um efeito de sentido como sendo algo positivo que está por vir.

Lula, como o presente, dialoga com o futuro, que é a candidata, da seguinte forma: **Dilma, você candidata a Presidenta da República, você vai ter que fazer mais, fazer melhor e fazer com mais competência porque afinal de contas você tem 8 anos de experiência. Qual é a grande proposta para o futuro desse país?** - indiretamente ele aconselha Dilma e faz uma promessa a qual deve cumprir. Ele promete que Dilma tem **que fazer mais, fazer melhor e fazer com mais competência**, porque ela já tem 8 anos de experiência no governo. Desta forma ele aciona o seguinte efeito de sentido: Se Lula deixou o governo com a popularidade acima dos 80%, o que significa que foi o presidente com a maior popularidade de nossa história, como Dilma tem que fazer mais e melhor, conseqüentemente ela será mais aceita pelo povo. Dessa forma, Lula chega a colocar Dilma acima dele mesmo.

Dilma, representando o futuro, responde: **Pra mim, o grande desafio é erradicar a miséria do país. O senhor deu um passo enorme no governo que foram os 28 milhões que nós tiramos da pobreza. Dizem que é impossível erradicar a pobreza no Brasil. Pelo contrario, (...).** Olhando às CP, lembramos que em seu pronunciamento de posse Lula se prontificou em acabar com a fome no país. Agora, Dilma quer erradicar a miséria: **Pra mim, o grande desafio é erradicar a miséria do país. O senhor deu um passo enorme no governo que foram os 28 milhões que nós tiramos da pobreza.** Para a candidata, o passo dado por Lula foi importante, mas agora ela quer fazer melhor.

É visto, ainda, um não-dito nesta fala. Para Lula, o que ocasionou o processo para acabar com a fome no Brasil, foi a criação do Programa Fome Zero¹⁷, projeto voltado para a alimentação dos mais necessitados. Agora para Dilma, a atribuição dada por ela, para o processo de erradicação a miséria, será através do uso de outro Programa: o PAC. Conforme visto durante todo esse programa eleitoral, o Projeto está presente nas relações de crescimento brasileiro, dadas por Dilma.

Na última fala de Lula: **Eu tenho a convicção de que você é esse jeito de fazer um Brasil melhor** – percebemos que ao mesmo tempo em que o presidente valoriza Dilma, também não lhe atribui personificação. Vejamos na frase: **você é esse jeito de fazer um Brasil melhor** – uma pessoa não é um jeito, uma maneira, uma prática. Assim Lula quer dizer com isto que, Dilma sendo “o jeito de fazer um Brasil melhor”, ela é a solução para o país através do PAC, ou ainda, que ela é o próprio PAC.

¹⁷ Ver definição de Fome Zero na página 57

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao ápice de nossa monografia, que se dá pela análise final do todo já discutido. Entendemos que não se faz necessário nos alongarmos mais, já que somente estes quatro Horários Eleitorais Gratuitos foram suficientes para descobrirmos qual o discurso que perpassa todos os programas, tanto do primeiro quanto do segundo turno. Chamamos de fio discursivo, este discurso inerente a todas as apresentações.

Na feitura das análises do discurso político da campanha televisiva de Dilma Rousseff, encontramos vários discursos distintos que compuseram os enunciados. Destes, vemos como principal fio discursivo a participação de Lula em todos os programas avalizando o dizer de Dilma, sendo o principal cabo eleitoral dela. Ele se fez presente reforçando o que era dito pela candidata, declarando seu apoio à primeira mulher presidente, pedindo voto, mostrando que Dilma era a pessoa mais amiga e íntima dele, além de defendê-la de acusações e desfazer em palavras, a imagem que foi criada para ela: de uma pessoa fria e autoritária. Enfim, em todo momento, Lula, se mostrou como o lastro da campanha, e em especial da própria Dilma Rousseff.

No primeiro Programa, vemos muitas vezes a presença de Lula. De início destacamos vários enunciados consecutivos mostrando Lula e Dilma em pontos distintos e extremos do Brasil, conversando entre si sobre a mudança que o país conheceu depois do governo do PT. É perceptível este lastro no momento que Lula afirma que ao assumir a presidência em 2002 ele pediu a Deus para começar e terminar bem o seu governo, mas sabia que para isso acontecer ele precisava de uma boa equipe, e acima de tudo, uma chefe de equipe excelente. Ele confere a Dilma o sucesso de seu governo, e, como já foi analisado, Dilma foi a pessoa escolhida por Deus para abençoar essa administração.

No segundo Programa desse mesmo período, vemos este lastro na fala de Lula quando afirma convicto de sua escolha, que grande parte do sucesso do seu governo foi determinado pela capacidade de coordenação de Dilma Rousseff e, por isso, ele considera que atualmente no Brasil, não há ninguém mais preparado do que a Dilma. Nesta fala Lula confirma o que vimos no trecho acima citado. Vemos, portanto, o lastro existente entre os dois, onde Lula opina sobre a capacidade de liderança e articulação de Dilma.

No primeiro Programa analisado do segundo turno, Lula se põe como lastro de Dilma rebatendo boatos levantados contra ela e se colocando no mesmo patamar de perseguição. Como foi visto na análise, os boatos contra a candidata foram divulgados

principalmente na internet e estariam ligados ao posicionamento dela como sendo favorável ao aborto. Para apagar a polêmica envolta em sua candidatura, já que a maioria da população brasileira é religiosa, Lula se põe em pé de igualdade e se mostra complacente com a perseguição sofrida por Dilma, e diz que na campanha de 2002, pessoas do submundo da política, inventaram mentiras ao seu respeito, afirmando que ele iria fechar as igrejas e mudar a cor da bandeira, mas mesmo assim ele foi eleito e nada disso aconteceu. O ápice desse enunciado se confirma quando Lula pede o voto da população para Dilma se beneficiando de sua popularidade.

No último programa analisado, destacamos a fala de Lula, quando pergunta a Dilma qual a proposta dela para o futuro do Brasil, pois de antemão ele lembra a candidata que ela tem que fazer melhor e com mais competência, já que tem oito anos de experiência. Mas percebemos fortemente o lastro entre os dois, na segunda fala dele: **Eu tenho a convicção de que você é esse jeito de fazer um Brasil melhor.** Aqui ele se coloca em segundo plano para a mudança do país, e designa Dilma para fazer um Brasil melhor.

Destacamos os programas sociais do governo Lula, em especial o PAC, como fio discursivo que se destaca em todas as produções políticas analisadas, além de mostrar Dilma como a responsável pelo sucesso destes e, por isso, lhe é atribuída a posição de mãe das ações, mesmo que durante os Programas Eleitorais analisados não tenha sido colocada de forma explícita, mas é mostrado pelas CP. No primeiro Programa do primeiro turno observamos Dilma falando que para o Brasil seguir com a mudança estabelecida por Lula durante os oito anos que ficou à frente da presidência, é preciso continuar a mudança na infraestrutura com novas ferrovias, estradas, portos, aeroportos, além de apoiar fortemente o setor produtivo nacional, a indústria, a agricultura e a pecuária. A concepção principal do PAC é justamente esta, onde os investimentos devem ser feitos na infraestrutura nacional.

No segundo programa, ainda do primeiro turno, encontramos mais uma vez a citação dos projetos que destacam Dilma como responsável por eles. Como a biografia de Dilma mostra que ela sempre foi pioneira na ocupação de cargos determinados a homens, por causa da sua capacidade de liderança e competência, se torna o braço direito de Lula, e assim lidera os Ministérios de Minas e Energia e da Casa Civil, e a partir daí coordena todo o ministério e programas como o Luz Para Todos, o PAC e o Minha Casa Minha Vida que melhoram a vida de milhões de brasileiros e criam novas perspectivas para o País. Neste contexto, a Programa Eleitoral traçava uma gradação bibliográfica, o enunciado em questão mostrava o perfil profissional de Dilma.

Percebe-se, mais uma vez, esta posição definida para Dilma, no segundo turno. O primeiro Programa deste período mostra a presença dos projetos federais sob uma forma não explícita na fala da candidata quando ela mostra que o Brasil está sendo construído com base em projetos concretos. Conforme foi explicado a palavra “concreto”, colocada no discurso da candidata, remetia ao crescimento do país através da realização dos programas sociais do PT que eram direcionadas às construções físicas, propriamente ditas. Dentro dos projetos concretos que, indiretamente, fazia parte da fala da candidata estava principalmente o PAC.

Finalmente vemos na composição do segundo Programa do segundo turno, a presença da candidata, mais uma vez, como principal responsável pelo PAC. Fica bastante claro, e sintetiza tudo o que já vimos até aqui, no último enunciado analisado quando Lula fala para Dilma: **Eu tenho a convicção de que você é esse jeito de fazer um Brasil melhor.** Voltando à esse enunciado, observamos que o contexto analisado se referia a Lula, descrito como o momento presente do Brasil, entrevistando Dilma, que seria o futuro. A candidata em resposta, ao então presidente, disse que para ela “o grande desafio era erradicar a miséria do país” e Lula já tinha dado “um passo enorme no governo que foram os 28 milhões que tiramos da pobreza”. Como foi visto a forma que Lula usou para tirar os 28 milhões da pobreza, foi o Fome Zero; e a forma que Dilma vai usar para erradicar a miséria no país será através do PAC. Então quando Lula afirma, no trecho destacado acima, que Dilma é “**esse jeito de fazer um Brasil melhor**”, indiretamente diz que através do PAC a candidata é a solução para o país, ou ainda, que Dilma é o próprio PAC.

Em terceiro lugar, o outro fio discursivo que perpassa nas quatro propagandas está relacionado ao direcionamento das melhorias das condições da população pautadas pelo viés econômico, o qual somente a intenção de investimento que Lula e Dilma querem suplantar no país seja através da economia. Ou seja, os investimentos básicos para a vida da população, como saúde, educação, segurança, moradia, seriam possíveis a partir do investimento na infraestrutura de prédios que suplantassem essa demanda.

Outros exemplos estão em trechos do primeiro programa do primeiro turno quando Rousseff afirma que para o Brasil seguir mudando é preciso investir cada vez mais na educação, da creche a universidade. Ampliar o projeto de escolas técnicas; aperfeiçoar a saúde em todas as áreas resolvendo, em definitivo, os problemas das emergências, consultas, exames e internações. Neste contexto não fica claro a forma de investimento na pessoa beneficiária das novas escolas, universidade, hospitais, UPAs; mas vemos que o benefício será através das construções destas estruturas.

No segundo Programa analisado é mostrado este crescimento econômico quando o Locutor afirma que graças ao trabalho de Lula e Dilma esta surgindo um novo Brasil que cresce e distribui renda ao mesmo. Ao pronunciar este crescimento e essa distribuição de renda igualitária, o Locutor mostra que esse avanço independe de classe social ou região. É um país onde a população teria que votar em seus representantes para dar continuidade a esse crescimento.

Podemos destacar outro exemplo claro sobre isso quando o Locutor tenta mostrar primeiro Programa do segundo turno, como será o investimento de Dilma para a família, a saúde, a educação, a segurança, etc.: Ele diz que para fortalecer estas áreas da sociedade, a candidata vai construir mais dois milhões de moradias, melhorar a saúde construindo 500 UPA's, além de criar seis mil creches e pré-escolas. Na segurança Dilma vai investir em policiamento comunitário e articular programas que protejam os jovens das drogas, e principalmente vai continuar reajustando o salário mínimo acima da inflação e gerar ainda mais empregos. Como fora já analisado, o momento em que foi apresentada essa fala correspondia às acusações sobre Dilma referente ao aborto, e que ao mostrar essa preocupação de investimento sobre a família, apagaria a imagem negativa da candidata. Mas o que fica claro neste enunciado é essa forma de investimento sobre os setores mais vulneráveis da sociedade como forma de garantir novos investimentos econômicos através dos votos das pessoas beneficiadas pelos programas sociais do governo Lula.

Por último, analisamos os enunciados referentes ao segundo programa do segundo turno. O **E31** diz respeito àquela passagem onde existe um Apresentador e um homem qualquer que está em um bar, formando um antagonismo entre os anos governados por FHC, e os governados por Lula e mostra um homem sentado à mesa de um bar jogando cartas. Nesse antagonismo, é possível enxergar um crescimento econômico no tempo governado pelo PT, onde não apenas os ricos teriam o direito de usufruir dos bens de consumo essenciais, mas de igual também, o pobre. No **E32**, Dilma visita e conversa com uma família da Bahia, onde um dos filhos desta família diz: **Eu já vejo um Brasil que tem condições de comportar os meus sonhos.** É perceptível nesta fala, que, por causa do crescimento econômico brasileiro, o país, hoje e não nos tempo de FHC, tem condição de comportar os sonhos, e permitir que a população sonhe com um futuro melhor.

Desta forma, o fio discursivo perpassado na Campanha Eleitoral como todo, diz respeito a principalmente estes três, já identificados e nos faz alcançar os objetivos específicos destinados para essa pesquisa. Podemos ver que a presença de Lula em todo momento e em

todas as apresentações, serviu como um lastro para dar credibilidade ao que é falado por Dilma. Assim o presidente se beneficiou da sua popularidade para garantir aos eleitores que se votarem em sua candidata estará votando nele.

Vimos que no Programa, é utilizado um discurso para tornar Dilma a pessoa responsável pelo sucesso do governo do PT, já que ela coordenou e executou programas sociais como o “Minha Casa Minha Vida”; o “Luz Para Todos” o “Programa de Aceleração do Crescimento”. Essa coordenação lhes serviu como ponto forte na campanha, pois como estes projetos têm por objetivo ajudar pessoas de baixa renda a possuírem bens de consumo que em governos passados não era possível, tentando com isto desconstruir imagens negativas, a ela vinculada, enquanto Ministra Chefe da Casa Civil. As estratégias de construção de um novo papel e personagem para Dilma foi válida para garantir a continuidade do governo a qual fora pretendido. Porém o personagem que Dilma se vestiu se difere daquela vista no primeiro capítulo onde Schwartzberg afirma que todas as mulheres políticas se caracterizam: A A-mulher Política. Como antes da campanha Dilma tinha as características desta personagem do poder, na Campanha Eleitoral essa imagem foi desconstruída e a petista transformada em uma mulher estritamente feminina, conservadora dos valores familiares, religiosos e morais, uma verdadeira mãe: a Mãe da Pátria, intitulada por nós, para se igualar a outro personagem do poder: o Pai da Pátria. E se levarmos em consideração a atuação de Rousseff quando assumiu o cargo de presidente, vemos um nítido retrocesso em seu papel espetacular: Dilma depois de eleita volta a usar do personagem descrito por Schwartzberg, porém esse não é o foco dessa pesquisa.

Outro objetivo alcançado diz respeito a exaltação das melhorias das condições de vida da população através do crescimento econômico, que, está sobremodo, em primeiro plano na campanha e suplantando o social. Destacando esse crescimento na economia do Brasil a candidata garantia a população uma continuação nas melhorias estruturais, na distribuição de renda, no aumento de salário, etc., ou seja, não iria mexer no bolso do cidadão. O que não poderia acontecer se outro candidato fosse eleito, em especial José Serra do PSDB, já que quando esse partido governou o país com Fernando Henrique Cardoso, houve instabilidade financeira.

Os artifícios usados por Dilma em sua campanha foi de fundamental importância para que fosse eleita. Dentro do *marketing* político toda estratégia é válida, pois seduzidos pelas imagens do real e pelos personagens do poder, os votantes dão continuidade ao ciclo vicioso da política. O que valeu para a maioria da população brasileira eleitora de Dilma

Rousseff foi a seguridade da economia estabelecida no Brasil durante os anos Lula e que não era vista antes. Toda a polêmica estabelecida na época eleitoral que envolvia questões morais, religiosas, etc., foi esquecida e o que foi suplantado garante aos brasileiros o consumismo desordenado e a possibilidade de crises futuras.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelho Ideológico de Estado**: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1974.

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**: Pensamento Político. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CABRAL, Otávio. A Construção da Candidata. **Revista Veja**. São Paulo, SP: Editora Abril, ed. 2189, ano. 43, n. Especial, p. 43, nov. 2010.

CALVACANTE, Kleber Wanderley. **O pronunciamento de Cássio Cunha Lima como mandatário: O discurso político em sua missão**. Campina Grande, PB: UEPB, 2008. cap. 1, p. 15. Monografia.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Projeto Periferia, 2003. eBook.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História**: Série Novo Ensino Médio. 1º ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2002. p. 390, 423.

LAGO, Rudolfo; PARDELLAS, Sérgio. Como construir uma candidata. **Revista IstoÉ**. Editora Três, ed. 2045, 21 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/5428_COMO+CONSTRUIR+UMA+CANDIDATA>. Acesso em: 19 de jun. 2011.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao Terceiro Milênio. 1º ed. São Paulo, SP: Moderna, 1997. p. 552.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: Princípios e Procedimentos. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 2º ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, Daniel; LINHARES, Juliana. O Estilo Tolerância Zero. **Revista Veja**. São Paulo, SP: Editora Abril, ed. 2198, ano. 44, n. 1, p. 83, 05 jan. 2011.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo**: Ensaio sobre e contra o Star System em política. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

SILVA, Moisés Araújo: **Fundamentos da Linguagem**: Condições de Produção do Discurso. 2003. p. 32.

TORQUATO DO REGO, Francisco Gaudêncio. **Marketing Político e Governamental**: Um Roteiro Para Campanhas Políticas e Estratégias de Comunicação. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

Sites Pesquisados:

_____. Biografia. **Presidenta**. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/presidenta/biografia>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

CANCIAN, Renato: Presidente Renuncia. **Uol Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/governo-collor-de-mello-1990-1992-presidente-renuncia.jhtm>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

_____. Contagem Regressiva: Futuro de Cássio Cunha Lima Pode ser Definido na quarta-feira. **JusBrasil**. 21 Mar. 2011. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/politica/6752530/contagem-regressiva-futuro-de-cassio-cunha-lima-pode-ser-definido-na-quarta-feira>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

_____. Conheça a trajetória de Marina Silva, candidata à Presidência pelo PV. **Uol Eleições 2010**. 26 mai. 2010. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2010/pre-candidatos/conheca-a-trajetoria-de-marina-silva-pre-candidata-a-presidencia-pelo-pv.jhtm>> Acesso em: 19 jul. 2011.

_____. Conheça a trajetória de José Serra, candidato à Presidência pelo PSDB. **Uol Eleições 2010**. 26 mai. 2010. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2010/pre-candidatos/conheca-a-trajetoria-de-marina-silva-pre-candidata-a-presidencia-pelo-pv.jhtm>> Acesso em: 19 jul. 2011.

_____. Dilma Rousseff: de guerrilheira na década de 1970 a Presidente. **Uol Educação**. 04 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.jhtm>>. Acesso em: 15 jul. 2011.